

RENASCER  
DA  
MAGIA

KENNETH GRANT

## ÍNDICE

	INTRODUÇÃO
1	O RETORNO DA FÊNIX pg.9 a 16
2	BASES METAFÍSICAS DA MAGIA <sup>(K)</sup> SEXUAL pg.17 a 31
3	DINASTIAS NEGRAS pg.32 a 43
4	CENTROS DE PODER pg.44 a 52
5	DROGAS E O OCULTO pg.53 a 64
6	NOMES BÁRBAROS DE EVOCACÃO pg.64 a
7	ESTRELA-FOGO
8	SANGUE, VAMPIRISMO, MORTE E MAGIA <sup>(K)</sup> DA LUA
9	DEUSES EXTRAVIADOS
10	DION FORTUNE
11	AUSTIN OSMAN SPARE E O ZOS KIA CULTUS
12	A POSTURA DA MORTE E A NOVA SEXUALIDADE
13	CONCLUSÃO
	GLOSSÁRIO
	BIBLIOGRAFIA
	ÍNDICE

## ILUSTRAÇÕES

Para

STEFFI e GREGORY

## AGRADECIMENTOS

O autor tem à sua disposição todo o corpo de escritos de Aleister Crowley (publicado e não publicado) e deseja agradecer ao Sr. John Symonds - o executor literário de Crowley - por permitir completa liberdade no uso deste.

Ele também deseja agradecer a Frater Ani Abthilal, IXº OTO, que tornou acessível uma iniciática obra tântrica sobre a adoração da Suprema Deusa, por um Adepto do Caminho da Mão Esquerda, que trouxe muita luz sobre os Mistérios Draconianos que Crowley e outros ajudaram a reviver.



## PREFÁCIO À EDIÇÃO INGLESA

“Para nós, que temos o conhecimento interno, herdado ou conquistado, resta restaurar os verdadeiros ritos de Átis, Adônis, Osíris, de Set, Serapis, Mitras e Abel.”

Estas palavras de Aleister Crowley inspiraram-me quando jovem e, imaginando-me como um daqueles para quem elas foram endereçadas, eu logo descobri que - por alguma razão que eu não fui capaz de entender - era ao deus Set que eu estava sendo chamado para honrar. Consequentemente, eu tomei a decisão de penetrar nos Mistérios deste - a mais antiga das divindades - e traçar a história de seus ritos de uma antiguidade indefinida até os dias atuais.

Quando eu escrevi *O Renascer da Magia*, vinte anos atrás, eu não tinha nenhuma noção de que o livro se transformaria no primeiro de uma série de trilogias nas quais eu ainda estaria engajado nos anos noventa. Nem esperava que ele interessasse a ninguém mais além dos ocultistas sérios. Mas as numerosas cartas que eu recebi depois de sua publicação, e os frequentes comentários profundos expressos nelas, fizeram com que eu planejasse as séries subsequentemente conhecidas como as Trilogias Tifonianas.

Já no final dos anos oitenta, eu fui abordado pela Skoob Esoterica que procurava republicar - sob o título de *Saber Oculto* - as Monografias de Carfax que eu produzira no início dos anos sessenta em colaboração com Steffi Grant.

Este projeto levou não somente à tarefa de publicar o próximo dos volumes restantes das trilogias, sob a cuidadosa edição de Christopher Johnson e Caroline Wise, mas também à reimpressão dos títulos anteriores. Assim, eis novamente *O Renascer da Magia*.

Kenneth Grant, Londres, 1990.

“O Conhecedor da Verdade deveria ir pelo mundo aparentemente estúpido como uma criança, um louco ou um demônio.”

*Mahavakyaratnamala*

## INTRODUÇÃO

O propósito deste livro é colocar em perspectiva as várias tendências ocultas que levaram ao renascimento do interesse em Ocultismo nos anos recentes, e interpretar esta ressurgência em termos da necessidade humana de uma abordagem universal da Realidade que transcende a todos os sistemas anteriores de Consecução mística e mágica.

A ênfase dada sobre a obra de Aleister Crowley (1875-1947) deve-se ao fato de que ele encarna, de uma forma altamente concentrada, a Tradição Mágica que subjaz ao atual renascimento, e por uma razão similar é dado espaço a Austin Osman Spare (1886-1956), Dion Fortune (1890-1946), Charles Stansfeld Jones (1886-1950) e outros que, de um modo peculiar próprio, revitalizaram a Corrente.

Tendo por muitos anos praticado magia<sup>(k)</sup> como um resultado de contato pessoal com Crowley, eu fui capaz de relacionar seu trabalho com os sistemas antigos dos quais ele foi instrumental em reviver. Minha interpretação de seu trabalho não é uma questão de especulação, pois ela pode ser substanciada inteiramente com referência à vasta massa de material (diários, cartas, ensaios, livros, etc.) que sobreviveram à sua morte em 1947, e os quais eu menciono livremente.

Com relação a Austin Osman Spare, sendo seu executor literário, eu tenho acesso a todos seus papéis e incorporei material agora publicado pela primeira vez.

Embora eu tenha me encontrado com Dion Fortune apenas duas vezes, eu já estou familiarizado com seu trabalho há bastante tempo. Minha interpretação deste está baseado na íntima afinidade mágica que este teve com o sistema desenvolvido por Crowley dos restos da Aurora Dourada, à qual ambos pertenceram.

Frater Achad, Charles Stansfeld Jones, outro ocultista contemporâneo, deixou, quando de sua morte em 1950, trabalhos cabalísticos profundamente significantes que tiveram uma relação direta na presente investigação. Aqui, novamente, beneficiei-me de material não publicado até o momento.

A fim de que este livro possa ter um apelo mais amplo do que seria o caso se ele estivesse restrito ao trabalho de Adeptos Ocidentais somente, sistemas orientais análogos são também discutidos.

Em 1946, o ano anterior à morte de Crowley, eu fui admitido à uma Ordem oculta onde eu recebi uma interpretação iniciada dos métodos tântricos relacionados ao *Vama Marg*, ou Caminho da Mão Esquerda, que trata da adoração altamente secreta da Deusa Primeva, ou *Devi*. É uma versão oriental dos ritos envolvendo uma “mulher escarlate” ou sacerdotisa consagrada, e seu principal valor - tanto quanto concerne a este livro - jaz em sua corroboração, *via* fontes antigas, das técnicas mágico-sexuais que Crowley habitualmente empregava.

Embora tendo extraído desta e de outras fontes obscuras, eu não ultrapassei os limites além dos quais o ocultista estabelece como inseguros a si mesmo e aos outros.

A questão da discrição em assuntos ocultistas é uma que deveria ser levantada e resolvida ao princípio de um trabalho deste tipo. Os mistérios mais antigos eram de uma natureza física e não metafísica. Havia uma versão esotérica e exotérica deles, correspondendo à Lei escrita e oral dos Judeus. Porém, contrário ao que se supõe normalmente, a metafísica era a versão exotérica, não *vice-versa*. Isto é provado conclusivamente pelo décimo-sétimo capítulo do *Livro dos Mortos*, que é certamente o mais antigo livro de ensinamentos escritos conhecido pelo homem. Aqui, lado a lado com o texto que se pretendia de uso geral, aparece inserido o comentário do sacerdote iniciado, explicando o texto de acordo com o método da Gnose, ou Tradição Mágica. A sabedoria secreta, oral ou oculta incorporada no comentário refere-se às origens *físicas* dos conceitos abstratos que aparecem no texto; questões espirituais são explicadas em termos de fenômenos físicos, mais precisamente *fisiológicos*. Estas explicações eram



geralmente reservadas para iniciados, e a razão para sua ocultação era devida à natureza física da Gnose, a qual se tornou, na verdade, a sabedoria proibida de eras posteriores. Os antigos podem não terem estado familiarizados com a psicologia, a sexologia e a endocrinologia como conhecidas hoje, mas eles muito certamente estavam familiarizados com os usos ocultos da corrente sexual, cujo manuseio impróprio leva ao desastre; e eles eram infinitamente mais conhecedores das ciências sexuais do que os psicólogos ocidentais hoje em dia.

Nos tempos medievais, lançava-se mão do segredo mais como salvaguarda para o ocultista do que para o mundo do qual ele formava parte. A cena não é muito diferente hoje em dia, exceto pelo fato de que as mesas estão viradas. A revelação indiscriminada de fórmulas ocultas frequentemente levam à insanidade e à morte. O despreparado que se mete com processos ocultos está procurando problemas. No domínio da ciência profana, o horror da situação é hoje somente aparente demais. O magista, que era o cientista dos dias passados, era mais sábio que sua contraparte moderna. Ele vedava sua ciência a fim de proteger não somente a ele próprio, mas também ao mundo à sua volta.

O leitor irá, portanto, apreciar a razão para o método peculiar empregado na construção deste livro. Eu lancei mão do método testado pelo tempo da metátese simbólica quando o assunto-objeto exigir aquele véu de segredo necessário não menos hoje do ocultista do que do Hierofante dos tempos antigos. Com esta diferença: eu não introduzi vendas, nenhuma declaração deliberadamente enganosa ou alusões vagas às fórmulas que não podem ser mostradas como sendo tão precisas em sua ação e reação como suas análogas nas ciências mais ortodoxas.

Como alguns dos termos usados neste livro podem não ser familiares aos leitores não habituados com as obras de Aleister Crowley, ou com o Ocultismo em geral, um exaustivo glossário foi anexado.

Finalmente, eu adotei quando necessário a ortografia de Crowley da palavra *magia*<sup>(k)</sup> para distingui-la das técnicas cerimoniais com as quais ela está normalmente - e quase exclusivamente - associada.

## O Retorno da Fênix

[desenho]

EM 1933, Crowley escreveu uma série de artigos para um jornal diário nos quais ele denunciava a magia negra em termos nem um pouco duvidosos:

“Para praticar magia negra você tem de violar todo princípio de ciência, decência e inteligência. Você deve estar obsediado com uma idéia insana da importância do insignificante objeto de seus desejos miseráveis e egóicos.

Eu fui acusado de ser um ‘magista negro’. Nenhuma declaração mais estúpida que esta já havia sido feita sobre mim. Eu desprezo a coisa em tal proporção que eu dificilmente posso crer na existência de pessoas tão desonradas e idiotas para praticá-la.

Em Paris, e até mesmo em Londres, existem pessoas mal guiadas que estão abusando de seus inestimáveis dons espirituais para obter vantagens insignificantes e temporais através destas práticas.

A ‘Missa Negra’ é um assunto totalmente diferente. Eu não poderia celebrá-la se desejasse, pois eu não sou um sacerdote consagrado da Igreja Cristã...”

Os artigos respondiam àqueles, e eles eram muitos, que acusavam-no não somente de ser um magista negro, mas de realizar missas negras e ritos pervertidos.

A irrefletida calúnia continua, e o nome de Crowley - quase um quarto de século após sua morte - está ainda associado à funesta feitiçaria e diabolismo. Esta má-concepção não é fácil de ser retificada, parcialmente devido à ignorância massiva sobre o assunto do Ocultismo e parcialmente devido aos preconceitos provindos de condicionamento defeituoso.

Para um indivíduo vivendo cinco mil anos atrás - bem antes da versão bíblica do Gênesis ter sido escrita - o Culto de Satan, ou Shaitan como então chamado, de Crowley não evocaria quaisquer sentimentos de perversidade e culpa. Mesmo as posteriores tradições pagãs, francas e livres de vergonha, sentir-se-iam à vontade com as idéias de Crowley.

Até que nós tratemos da questão com um espírito de investigação imparcial, e, até mais importante, até que nós refreemos a tendência em interpretar conceitos à luz de sua decadência, ao invés de seguir seus valores primitivos, nós falharemos em compreender a obra de Crowley e a natureza real do renascimento mágico que ele ajudou a pôr em movimento.

Conceitos e símbolos antigos já estavam caducando antes que a Cristandade desse o golpe final à vitalidade deles. A confusão de conceitos esotéricos e a decadência de símbolos raramente foi tão claramente exibida quanto no *Apocalipse* de São João, onde somente fragmentos dos Mistérios Antigos são apresentados sem o completo conhecimento de seu significado interno. O escriba (ou escribas) era também um não-iniciado, ou ele voluntariamente deturpou a Sabedoria Antiga para propósitos políticos, ou, até mais provavelmente, seu trabalho foi retrabalhado por outras mãos.

O enlameamento e a destruição literais dos símbolos antigos nas Catacumbas em nada é comparado com o iconoclasmo sistemático que esteve operante durante séculos nos santuários secretos do Judaísmo e da Cristandade, onde documentos eram destruídos, textos mutilados e deliberadamente distorcidos para abrir caminho para o Culto desta suprema anomalia na história das religiões æ um “Salvador” histórico que morreu e ressuscitou na carne.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> “Eu acredito na...ressureição da carne”. A palavra usada para “carne” no credo dos Apóstolos é *carnis*, *sarkos*. Isto representa a crença geral da Cristianismo.

Com exceção de certos textos gnósticos, preservados paradoxalmente pelos primeiros Padres Cristãos, os monumentos e textos funerários do antigo Egito permanecem para testemunhar pela verdadeira Gnose da Luz que os incentivadores da doutrina de um Cristo carnalizado tentaram extinguir.

Antes que o atual renascimento mágico possa, portanto, ser compreendido, nós temos de saber o que é Magia, e o quê exatamente está sendo revivido, pois, estranho como pode parecer, o que está ressurgindo agora é a Gnose pré-cristã, o Culto de Shaitan, ainda que, até aqui, ele esteja somente começando a retornar de uma forma vacilante e interrompida.

Foi Aleister Crowley quem abanou a chama para o calor da fornalha, feito por ele quando o “mundo foi destruído pelo fogo” em 1904. Esta é uma frase técnica; ela significa destruição e supercessão em um sentido que pode ser interpretado somente recorrendo-se aos míticos ciclos astronômicos dos quais ela deriva. O assunto é mais amplamente comentado mais adiante. Crowley estava no Cairo no momento deste evento. Lá ele recebeu *O Livro da Lei*<sup>2</sup> e a Nova Gnose, o último Tantra, o mais complexo Grimoire e de uma Inteligência präter-humana chamada Aiwaz<sup>3</sup>, um mensageiro daquele mais anciente deus cuja imagem era adorada nos desertos sob o nome de Shaitan, e, muitas eras antes, como Set, a alma ou duplo de Hórus.

Antes de voltarmos às origens deste Culto, entretanto, nós devemos primeiro examinar brevemente o passado mais imediato quando a chama da Gnose luzia secretamente no ambiente hostil de uma era ignorante.

A ressurgência massiva de interesse no lado oculto das coisas, no aspecto numenal do mundo fenomenal, deve-se amplamente à dissolução gradual de *mores* sociais de longa data. Isto tornou possível retirar o selo de células dormentes da consciência através do uso do sexo, drogas, álcool e outros métodos de controle e exploração da consciência.

A gênese desta mudança ocorreu na última metade do século passado, quando Helena Blavatsky escancarou as portas do Esoterismo Oriental e tornou-o acessível ao mundo ocidental. Também, a tendência da opinião científica mudou de curso e começou a confirmar as descobertas dos místicos e cientistas ocultistas, antigos e modernos.

Estes fios foram reunidos e concentrados em um único nó no ano de 1875, o ano no qual dois eventos de importância de longo alcance concideram: a fundação, por Blavatsky, do Sociedade Teosófica, e o nascimento em Warwickshire, Inglaterra, de Aleister Crowley.

A fim de avaliar devidamente estas circunstâncias é necessário compreender que um evento igualmente significante estava pendente: a emergência da Ordem Hermética da Aurora Dourada, que existiu de uma forma ou de outra, e sob outros nomes, por um incalculável período de tempo.

A Aurora Dourada era a Escola de Mistério interna da Ordem que formulou a si mesma no mundo externo como a Sociedade Teosófica.

A intenção de Blavatsky em iniciar sua Sociedade era, primariamente, a destruição do Cristianismo em sua forma “histórica” como oposta à sua forma “eterna”. Este fato é paliado tanto quanto totalmente ignorado por muitos escritores da Sociedade e de sua fundadora, mas ele é fundamental para um entendimento da corrente vital que inspirou a Aurora Dourada, e mais fundamental ainda para aprofundar a razão de Crowley identificar a si próprio com a fórmula anti-cristã da Besta, 666.

Esta fórmula é primariamente destrutiva; ela invoca aquele poder de Hórus conhecido como Ra-Hoor-Khuit (ou Herakhaty), que necessariamente precede ao advento de seu poder gêmeo e complementar, simbolizado por aquele antigo “diabo” da raça acadiana a quem Crowley invoca sob a máscara, ou *persona*, de Hoor-paar-Kraat (Harpócrates, também chamado Aiwaz).

---

<sup>2</sup> Dai, a recepção do *Livro da Lei* seja às vezes referida como O Trabalho do Cairo.

<sup>3</sup> A fim de entender a natureza de Aiwaz, talvez não seja tão enganoso pensar neste Dæmon como similar aos *Dhyan Chohans* (Espíritos Planetários) que usaram Blavatsky e outros como um canal de intercurso com a humanidade.

A verdadeira Ordem Oculta (às vezes chamada de Grande Fraternidade Branca, e por Crowley de A.∴.A.)<sup>11</sup> As iniciais A}A} significam *Argenteum Astrum* (a Estrela de Prata). Esta é a Estrela de Set ou Sothis (Sirius) æ o “sol” no sul; “prata”, para indicar que ela é de uma região lunar (ou seja, Noite); ela é a “criança” oculta de Nuit, cuja Luz ela manifesta. De acordo com a Tradição Hermética, nosso sol é senão um reflexo do Sol maior, Sothis. O sol de nosso sistema solar mantém, portanto, a relação de uma “criança” (Hórus Criança) com esta enorme Estrela. ) manifestou-se no Ocidente em 1886 como a Aurora Dourada. Antes desta manifestação específica, a Fraternidade contava entre seus representantes não abertamente declarados tais autoridades como Sir Edward Bulwer-Lytton, Éliphas Lévi, Fred Hockley, Keneth Mackenzie, Gerald Massey, Fabre d'Olivet e outros. Bulwer-Lytton interliga-se historicamente com os Adeptos continentais, Éliphas Lévi, Gerard Encausse (Papus), Rudolph Steiner e Franz Hartmann æ nomes celebrados no Ocultismo ocidental. Estes elementos continentais colaterais constituíram o que foi conhecido como a Fraternidade Hermética da Luz.

Não muito depois do nascimento da Sociedade Teosófica, a Fraternidade da Luz æ até então bastante esparçadamente organizada æ foi, por volta de 1895, concentrada em dez graus iniciatórios sob o Dr. Karl Kellner, um Adepto austríaco que revelou o verdadeiro nome da Fraternidade como a Ordo Templi Orientis, a Ordem do Templo do Oriente, o Oriente significando o local do nascer-do-sol, a fonte de iluminação. As iniciais O.T.O. também simbolizam a energia solar-fálica da Besta, que Crowley mais tarde incorporou em seu selo mágico pessoal.

Karl Kellner foi o primeiro O.H.O.<sup>4</sup> (Cabeça Externa da Ordem) da novamente constituída O.T.O., pois, bem antes disto, uma Ordem do Templo æ sob Jacques de Molay (1293-1313) æ havia existido e “preparado a Renascença ao fundir os Mistérios do Oriente e do Ocidente”<sup>5</sup>, e a história externa da Ordem pode ser traçada bem anteriormente a este evento.

Esta Ordem também incluía a Irmandade Hermética conhecida como os Illuminati, encabeçada no século dezoito pelo notório Adam Weishaupt, cuja obra, embora ainda incalculável, é de indubitável significado com relação ao atual renascimento mágico.

Jean Adam Weishaupt (1748-1830) fundou a Ordem dos Illuminati em 01 de maio de 1776. Ele adotou o símbolo do Ponto dentro do Círculo para representar a Corrente que se expressou através dele. Ele formulou os princípios básicos da Ordem em termos muito similares àqueles aos quais Crowley usa em *Liber Oz* (veja a ilustração).

A “Palavra Perdida” no sistema de Weishaupt é “Homem”. A redescoberta desta Palavra requeria que o homem encontrasse a si próprio novamente; que a redenção da humanidade tem de ser efetuada através e pelo homem; que o homem governasse a si próprio e lançasse fora os grilhões dos poderes e controles alheios. Em uma palavra, ele deveria tornar-se um rei por seu próprio direito, pela virtude de sua própria herança primal.

Mais tarde, no sistema de Crowley, a idéia do “homem-rei” tornou-se fundamental; ela é sinônimo de ser um Thelemita, ou seja, alguém que descobriu sua Verdadeira Vontade (*Thelema*) e é capaz de fazê-la. Daí, *Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei*.

Quando Crowley assumiu o controle da O.T.O., ele escolheu como seu motto *Deus est Homo* (Deus é Homem), e em *Liber Oz* ele declara “Não existe Deus senão o Homem”<sup>6</sup>. Era para o Homem que seu Manifesto estava endereçado, quando, no meio do Mediterrâneo em 1924, ele declarava *Thelema* (Vontade) como sendo a Palavra da Lei, de acordo com o que lhe havia sido revelado por Aiwaz<sup>7</sup>, no Cairo, vinte anos antes.

<sup>4</sup> Preferiu-se manter as iniciais O.H.O. que formam o título inglês para “Cabeça Externa da Ordem”, em inglês *Outer Head of the Order*, pois em língua portuguesa não há sentido mencioná-lo como C.E.O..

<sup>5</sup> Crowley, em seu comentário de *Liber Agapé*, o manual secreto dos Mistérios da O.T.O.

<sup>6</sup> Este motto possui também um profundo significado esotérico que se tornará aparente durante o curso desta obra.

<sup>7</sup> Ver o Glossário: *Aiwass*.

O *Equinócio*<sup>8</sup>, uma série de maciços volumes, que Crowley publicou periodicamente e que ele descreveu como “A enciclopédia da iniciação”, foi também chamado de “o órgão oficial da A.:A.:, a Revista do Iluminismo Científico”. Entre os nomes daqueles que, segundo Crowley, representaram esta Corrente no tempos passados aparecia aquele de Adam Weishaupt.

O Conde Cagliostro (nascido em 1743) e Anton Mesmer (1734-1815) estiveram entre aqueles que foram iniciados na Ordem dos Illuminati. Cagliostro foi iniciado em Frankfurt em 1781, sob a autoridade dos “Grandes Mestres dos Templários”, um outro nome dos Illuminati. Ele recebeu instruções e grandes somas de dinheiro de Weishaupt, que o enviou à França onde a missão especial de Cagliostro era iluminizar a maçonaria francesa.

Weishaupt, cujo primeiro treinamento foi influenciado pelos jesuítas, fundou os Illuminati æ como Blavatsky fundou a Sociedade Teosófica æ com a intenção principal de destruir os efeitos perniciosos do Cristianismo organizado. Weishaupt dizia ter usado “para bons fins os meios que os jesuítas haviam empregado para maus fins”.

Dando ouvidos a Santo Inácio de Loyola (1491-1556), Weishaupt introduziu uma obrigação de obediência incondicional na Constituição de sua Ordem. Assim, o Iluminismo æ como concebido por Weishaupt æ foi modelado na Sociedade de Jesus, embora ele propusesse um plano de campanha diametralmente oposto à ela.

Embora a Ordem dos Illuminati tenha sido suprimida em 1786, Weishaupt e seu círculo interno de adeptos continuaram a operar em segredo por detrás do véu da Livre Maçonaria, com a qual a Ordem se ligara em 1778. Weishaupt mantinha que os Illuminati era menos uma Ordem que uma Corrente, a qual poderia operar mais efetivamente sob a cobertura de uma outra coisa: “sob outros nomes e outras ocupações”.

Cagliostro obteve sucesso em formar um elo com a Ordem Martinista (fundada por Martinez Pasqually em 1754) com a qual Anton Mesmer estava também envolvido. Os Illuminati gradualmente ganharam o controle de todas as Ordens importantes até que uma rede iluminizada de sociedades ocultas foi criada.

Em 1880, a Ordem foi revivida em Dresden por Leopold Engel. Era com esta Corrente revivida que Rudolph Steiner estava conectado; e Franz Hartmann (fundador da Ordem da Rosa Cruz Esotérica) estava conectado tanto com os Illuminati de Engel quanto com a Sociedade Teosófica.

Em 1895, Dr. Karl Kellner deu prosseguimento ao sistema, chamando-o de Ordo Templi Orientis, revertendo assim à designação pré-weishauptiana. Na morte de Kellner, em 1905, um Teosofista alemão chamado Theodor Reuss, junto com Franz Hartmann, constituiu o Conselho Interno da Ordem. Foi Reuss quem iniciou Steiner na O.T.O..

O Ponto dentro do Círculo, o símbolo dos Illuminati, é não somente o hierograma do Sol e do deus Hórus, mas no sistema de Crowley, é simbólico também da união de Nuit e Hadit, que são emblemáticos da Consciência e sua projeção como um raio de luz.

A união do Círculo (Nuit) e o do Ponto (Hadit) formula a “criança” deles, ou vontades combinadas, expressa como Ra-Hoor-Khuit. O Círculo e o Ponto também representam as expressões abstratas de Amor e Vontade, componentes gêmeos da equação mágica conhecida como a Lei de Thelema.<sup>9</sup>

Dion Fortune, em *Aspectos do Ocultismo* (publicado postumamente em 1962), observa que os cultos primitivos, tais como Vudu, inicia o Subconsciente; o Hinduísmo inicia o Ser Altíssimo; e o Cristianismo inicia a Personalidade, o Ser Inferior. Aqui ela se refere o verdadeiro Cristianismo Gnóstico, a “religião eterna” em oposição ao Culto do Cristo carnalizado do Cristianismo

---

<sup>8</sup> Em inglês, The Equinox.

<sup>9</sup> *Thelema*, a palavra grega para Vontade, soma 93 que é também o número de Agapé (Amor), seu equivalente cabalístico. 93 é um número-chave no Culto de Crowley; ele é três vezes 31, o qual é ele mesmo o número do *Livro da Lei* no qual as fórmulas mágicas do Aeon de Hórus (iniciado por Aiwaz) estão concebidas em cifras literárias e cabalísticas. O próprio Crowley não conseguiu interpretar todas elas durante sua vida. Ver em LASH TAL (Glossário).

histórico. Austin Spare, Aleister Crowley e Dion Fortune desenvolveram precisamente estas três linhas de atividade.

A fórmula de Spare da Ressurgência Atávica (ver Capítulo 12) desenvolve a linha “vudu” por meios de um sistema de Sigilos derivando de seu Alfabeto do Desejo, cada letra do qual representa uma fase da consciência sexual. Ele usava a fórmula em conjunção com um ritual chamado de Postura da Morte (ver Capítulo 12). Ao invés dos *vevers* da feitiçaria africana e do Vudu da Índia Ocidental, Spare empregava várias geometrias ocultas incorporando em forma linear as vibrações sonoras peculiares aos deuses æ ou níveis de subconsciência æ a serem invocados; estas vibrações constituem os mantras dos deuses. Seu sistema deriva não somente da Aurora Dourada, mas também das tradições iniciáticas ocultas do Culto Draconiano original, operando nas dinastias escuras do antigo Egito.<sup>10</sup>

No outro extremo, o tema da obra de Crowley é seu ritual para atingir o congresso com o Ser Altíssimo, ou Sagrado Anjo Guardião. Para este fim, ele adaptou com sucesso um rito acadiano, ou sumeriano, usado pelos Iezidis æ os adoradores do “diabo” da Baixa Mesopotâmia. Crowley identificou o “diabo” deles com Aiwaz, seu Sagrado Anjo Guardião, um estado peculiar que será explicado mais tarde. Para despertar e exaltar a consciência mágica, Crowley usava um tipo de ritual reminescente dos Tantras.

Dion Fortune, por sua vez, desenvolveu um sistema para criar a Personalidade Mágica dos escombros da vida cotidiana. Seu trabalho envolvia o uso da Magia lunar. Ela usava as energias manifestando-se através da polaridade sexual. Sua novela, *Magia da Lua* (postumamente publicada em 1956), explica a *mystique*, se não o mecanismo real do processo. Ela enfatizava a relação íntima entre o sistema endócrino e os *chacras*, os centros de poder mágico no organismo humano. Sua técnica de controle do sonho deriva da “Visão Espiritual” da Aurora Dourada, e relembra aspectos dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola que fundou a Sociedade de Jesus.

Estes aspectos de desenvolvimento espiritual formam os três maiores temas característicos do renascimento da magia dos dias atuais, e eles refletem as três maiores fases da Consciência exemplificada na mitologia como as correntes astral, lunar e solar da Grande Obra. O sistema de Crowley, particularmente, resume todas as três.

A injunção “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei” apareceu primeiro no *Livro da Lei* que Crowley recebeu no Cairo em 1904 enquanto em comunicação astral direta com o *Dæmon*, Aiwaz.

“Faze o que tu queres” é a primeira metade de uma fórmula mágica que Crowley praticou toda sua vida. A segunda metade æ “Amor é a lei, amor sob vontade” æ é seu complemento. Isto também apareceu no *Livro da Lei*, ou, mais precisamente, *O Livro da Lei de Thelema*, pois o texto, compreendendo três breves capítulos, é um comentário sobre esta fórmula dupla.

Crowley gastou a maior parte de sua vida tentando sondar os mistérios deste Livro singular e ele disse em seus últimos anos que muito permanecia obscuro. Mas ele o sondou o suficiente para descobrir um sistema de Magia<sup>k</sup> sem rival na história do Ocultismo Ocidental.

A essência de *Faze o que tu queres*, e seu corolário, não é nova. Pelo contrário, ela é tão antiga e sem idade quanto o Tao e o Teh, o Yin e o Yang, Shiva e Shakti ou o imaginário tibetano do Yab-Yum. O que é novo é sua ênfase sobre a ação, sobre o fazer, ao invés da não-ação e da renúncia. Thelema é uma fórmula dinâmica, não estática, e ela requer a formulação precisa æ antes da ação æ da energia que deve ser sua mola mestra.

Quando Aiwaz comunicou a Lei, ele pronunciou a palavra *Vontade* em grego, porque o grego æ como o hebraico, o árabe e o cóptico æ possuem sua própria qabalah, cada letra sendo também um número. Thelema, portanto, significa não somente Vontade, que é seu significado literal, mas também 93, um número de significado vital no sistema de Crowley.

---

<sup>10</sup> Ver Capítulo 3.

A palavra grega Agapé, significando Amor, também soma 93, e assim faz Aiwaz, identificando estas idéias aparentemente diversas em uma unidade mística. As três Sephiroth supernas que formam a Tríade Superna da Árvore da Vida somam 93, quando a secreta *Chave do Livro da Lei* (AL) é aplicada de uma maneira especial.

O *Livro da Lei* foi publicado diversas vezes durante a vida de Crowley, e cada publicação foi seguida a num período comparativamente curto de tempo a por desastres internacionais: a guerra dos Balcãs, a Primeira Grande Guerra, a guerra Sino-Japonesa e a Segunda Grande Guerra. Era crença de Crowley que quando o Livro fosse finalmente publicado em estrito acordo com as instruções dadas por Aiwaz em seu terceiro capítulo, isto resultaria na total destruição da civilização como nós a conhecemos. Até aqui, as instruções foram imperfeitamente executadas e o holocausto, incompleto.

O Livro Thelêmico não é, meramente, passivamente profético, mas ativamente carregado de um forte poder suficiente para reduzir dinastias inteiras a cascalhos.

Crowley descreve a Fênix de Thelema que surgirá do pó e dos escombros da civilização em uma breve mas poderosa obra intitulada *O Coração do Mestre* (1936)<sup>11</sup>. *Fênix* era o nome secreto de Crowley na O.T.O.. Ele não o assumiu oficialmente porque os eventos não trouxeram, magicamente falando, a Fênix ao nascimento. Ele manteve, portanto, o título de *Baphomet* que ele adotara em 1912 quando de sua iniciação na Ordem por Theodor Reuss, seu então chefe.

A Fênix é conhecida como Aquele da dupla baqueta<sup>12</sup>, o Pássaro do Retorno, e o título no caso de Crowley possui um significado particular como uma expressão dinâmica da fórmula dual de *Thelema* e *Agapé*.

No Egito antigo, o Pássaro Bennu, ou fênix, era representado pela garça, ou falcão, e o falcão dourado era o veículo do deus Hórus a deidade solar-fálica através de cujo mensageiro, Aiwaz, *O Livro da Lei* foi comunicado.

A Fênix era também uma antiga constelação na qual Sothis, ou Sirius, era a estrela principal; ela provavelmente correspondia ao complexo de estrelas agora conhecido como Cisne ou Águia. A Fênix ou Pássaro Bennu era o falcão, a garça, o íbis, a gralha, o nycticorax, dos egípcios. O pavão dos hindus e a águia dos romanos são símbolos cognatos. De acordo com Plínio, a vida da fênix tinha uma conexão direta com o grande ano de renovação cíclica, no qual as estrelas e as estações retornavam às suas posições originais. A duração deste ciclo varia em diferentes autoridades. Uma autoridade atribui ao ciclo um período de 666 anos, que pode ter sido uma outra razão pela qual Crowley escolheu a Fênix como seu nome secreto na O.T.O.. Outras autoridades atribuem a ele o período muito mais longo de 1461 anos, que é a duração do ciclo de Sirius, e, de acordo com Heródoto, a Fênix reaparece a cada quinhentos anos. A constelação outrora conhecida por este nome era uma imagem do ano Sothíaco ou Siriádico porque ele atingia o meridiano na época do erguimento deste estrela.

O egiptologista Lepsius provou que os sacerdotes do Egito estavam familiarizados com o fenômeno conhecido como a Precessão dos Equinócios. Os adoradores de Set foram os mais eruditos astrônomos do Egito assim como os construtores da Grande Pirâmide. Eles estavam familiarizados com a verdadeira duração do ciclo de precessão e calcularam-no como um período de 52 períodos-fênix de quinhentos anos cada. Isto perfaz um total de 26.000 anos a o Grande Ano dos egípcios.

Como Aquele que retorna, reaparece ou está sempre porvir, esta constelação era representada pelo Adepto que portava a Baqueta Fênix nos rituais da Aurora Dourada.

Por razões fisiológicas, a fênix como “a que se volta para trás” era representada pela Íbis, o veículo de Thoth, o deus lunar da Magia<sup>(k)</sup>, da Escrita e da Palavra. De acordo com Plutarco, a íbis instruiu os homens no uso do clister, o qual ela administrava a si mesma com seu bico. Esta

---

<sup>11</sup> Crowley escreveu esta obra sob o pseudônimo Khaled Khan, “a Espada de Deus”. Crowley diz ter sido uma reencarnação deste guerreiro que libertou os árabes do jugo opressor do Cristianismo na batalha de Damascus.

<sup>12</sup> Em inglês, the double-wanded One.

peculiaridade indubitavelmente influenciou a escolha por Crowley da fênix como o emblema especial do XIº O.T.O., o qual envolve uma reversão do usual processo copulativo.

A Fênix, ou águia, era também o nome do Nilo. Diodórus observou que quando as águas do Nilo corriam em plena inundação ele era conhecido nesta fase como “a águia”, devido à sua excessiva ligeireza e impetuosidade. Em termos de simbolismo mágico, o Nilo representava a Deusa-Mãe cuja inundação anual literalmente criou a terra do Egito ao depositar o rico lodo aluvial que endurecia ao redor de suas margens. A mais antiga forma de “geografia física” foi fundada sobre a forma feminina; a fêmea abaixo sendo a terra; a mulher acima (isto é, a Nuit celestial) sendo o céu; e quer como a mulher abaixo, com os pés apontando em direção à constelação da Grande Ursa – a Deusa das Sete Estrelas – quer como a própria Grande Ursa, o interior da África foi o útero do mundo, o Egito sendo a vulva ou a passagem para o norte, o próprio Nilo formando a vulva da mulher “abaixo”.

A Fênix foi escolhida como um glifo d’Aquele da Dupla Baqueta pois que ela simbolizava o retorno cíclico ou æônico. O Æon renova a si mesmo como a Fênix, na escala de uma vez em aproximadamente 2000 anos; o sol renova a si mesmo diariamente, anualmente, e em grandes intervalos de tempo.

É no símbolo da Fênix, portanto, que nós devemos procurar pelo real significado de Thelema como a fórmula mágica do presente Æon de Hórus introduzido por Aiwaz em 1904.

Transferindo o simbolismo astronômico para os processos mágicos e fisiológicos, nós encontramos os sábios chineses representando a fórmula do retorno cíclico pela equação  $0=2$ ; ou seja,  $0=(+1)+(-1)$ . Esta fórmula é representada biologicamente pelo congresso dos sexos. O elemento positivo da equação é a Vontade (*Thelema*), dinâmico, masculino; o elemento negativo é o Amor (*Agapé*), passivo, feminino. A união deles é a base do êxtase mágico que polariza os componentes ativos e passivos da existência, reduzindo-os a Zero. Deste Vazio (Nada ou Nuit) uma nova criação emerge, pronta a iniciar o processo novamente.<sup>13</sup>

O uso do sexo como um meio de se obter acesso aos mundos invisíveis ou outros planos de consciência não teve início, é óbvio, com Crowley. Tais práticas retrocedem aos tempos pré-dinásticos no Egito, onde a Grande Deusa-Mãe – Taurt, o protótipo do Tarô, as revoluções estelares, e, mais tarde, o Zodíaco – era adorada com ritos sexuais, a *orgia* ou trabalhos divinos dos Mistérios greco-romanos.

Crowley tentou perpetuar estes ritos e alinhá-los com as teorias científicas de hoje. A complexidade curiosamente híbrida de suas práticas, derivando do Egito antigo, das técnicas chinesas e hindus, não é “negra” como é pintada.

A doutrina de que “cada homem e cada mulher é uma estrela” jaz no coração do *Livro da Lei*. Seu significado de que cada homem e cada mulher tem uma Verdadeira Vontade, um Verdadeiro Centro, o qual ele deve descobrir e expressar, forma a base da atitude nova e científica para a consciência mística que domina a cena hoje.

A fim de destapar os reservatórios de energia que fazem um indivíduo o que ele é – uma unidade individual, não um fragmento sem alma de algum conceito hipotético chamado “humanidade” – Crowley usou drogas, sexo, álcool e as Palavras de Poder baseado na ciência oriental do *mantra* ou vibração rítmica. Por tais meios, coletiva ou individualmente empregados, ele energizava os sutis centros<sup>14</sup> de energia primeva no homem. Na linguagem dos Tantras, ele despertava a Serpente de Poder (Kundalini). Esta forma de controle da consciência é excessivamente perigosa se realizada sem a devida iniciação, e Crowley relembra o praticante do aviso dado por Set, ou Hadit, no *Livro da Lei*:

“Eu sou a Secreta Serpente enroscada prestes a pular: em meu enroscar está o prazer. Se Eu ergo minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um. Se Eu abaixo minha cabeça, e germino veneno, então é a captura da terra, e Eu e a terra somos um.

---

<sup>13</sup> Cf. *O ponto-laya* de A Doutrina Secreta (Blavastky), Vol I.

<sup>14</sup> Ver Capítulo Quatro adiante.



Existe um grande perigo em me; pois quem não compreende estas runas cometerá uma grande falha...”

A total invocação de Thelema, a Verdadeira Vontade no homem, foi facilitada por Crowley através da restauração de um rito greco-egípcio.<sup>15</sup> Este antigo ritual – o mais potente que existe, segundo Crowley – mais tarde formou a Invocação Preliminar do Goécia do Rei Salomão.<sup>16</sup> Sua real origem, entretanto, jaz em uma fase da história religiosa bastante anterior tanto ao Goécia medieval quanto ao rito greco-egípcio; ele existia na época acadiana ou sumeriana

---

<sup>15</sup> Ver *Fragment of a Graeco-Egyptian Work upon Magic*, de Charles Wycliffe Goodwin, 1852.

<sup>16</sup> S.L. MacGregor Mathers traduziu o Goécia para o Inglês e Crowley publicou-o com sua própria Introdução e várias emendas em 1904.

## AS BASES METAFÍSICAS DA MAGIA SEXUAL

(desenho)

Há um talismã de aplicação universal. No Reino Elemental ele é representado por *pyramis*, fogo; em termos geométricos pela pirâmide ou triângulo e em termos biológicos pelo falo. Como o sol irradia vida e luz através do sistema solar, assim o falo irradia vida e luz sobre a terra e, similarmente, subordina-se a um poder maior do que ele mesmo. Pois como o sol é um reflexo de Sirius, assim o falo é o veículo da Vontade do Mago.

No não—iniciado o poder do falo, opera independentemente de seu possuidor e freqüentemente em variação com ele; ele funciona caprichosamente, independentemente do indivíduo. O poder fálico possui o indivíduo e não vice-versa. No caso do iniciado, entretanto, a posição é inversa.

A O.T.O. possui o conhecimento secreto da retificação e os meios da liberação do cativo do instinto degenerado. Ela instrui o operador no uso apropriado do Elemental Fogo, a construção correta da Pirâmide, o governo com sucesso da Vara Mágica.

O controle do Elemental Fogo envolve a inibição dos resultados habituais do uso sexual. A libido não é “aterrada”, mas direcionada pela Vontade para encarnar numa forma especialmente preparada para sua recepção.

*Liber Agapé*, o enquirídio do Santuário Soberano do Conhecimento da O.T.O. , mostra como a magia sexual é baseada na assunção de que nenhuma causa pode ser impedida de seu efeito. Se o efeito natural for anulado, a descarga de energia não é perdida, ela forma uma sutil imagem astral da idéia dominante na mente no clímax do coito. Ordinariamente esta idéia é de luxúria, e por isso uma tendência ou hábito se fixa na mente, que conseqüentemente se torna cada vez mais difícil de controlar. Esta tendência deve ser, portanto, destruída.

A exaltação mental gerada por um orgasmo magicamente controlado forma uma janela luminosa como uma lente no passado que jorra a vívida imagem astral da mente subconsciente. Imagens específicas são evocadas e “fixadas” ; elas se tornam instantaneamente e vitalmente vivas. Como sua presença luminosa é obsessiva, guardiães mágicos são essenciais para compensar a obsessão atual. Estas imagens são ligações dinâmicas com os centros mais profundos da consciências e atuam como chaves para a experiência ou revelações que formam o objeto da Operação. Encarnar tais experiências é o objeto da magia sexual. É necessário, portanto, formular a vontade com grande cuidado e com estrita economia de meios. Não deve haver nada na mente no momento do orgasmo exceto a imagem da “criança” que se pretende trazer ao nascimento.

Objurgações contra a masturbação, onanismo, coito interrompido, karezza e outros métodos aparentemente estéreis de utilização da energia sexual, baseiam-se logicamente na consciência (embora tão conscientemente irreconhecida essa consciência possa ser) da natureza sacramental do ato generativo. Conclusões errôneas obtidas de apreensões incompletas dos fatores envolvidos levaram, no passado, às admoestações do “fogo e enxôfre” dirigidas contra os “abusos”, que a um tempo pensava-se que levariam a degeneração do sistema nervoso, cegueira, paralisia e insanidade. Atualmente, nenhuma energia é perdida, embora ela falhe ao encontrar um campo de operação na matriz que a natureza tem provido para ela. Ela cria, ao invés de uma obra física, fantasmas compostos de matéria tênue. Através da prática deliberada e persistente de tais

“abusos”, entidades *qliphotics* são engendradas; elas pairam acima da mente e se alimentam de fluidos nervosos. Conforme Crowles diz:

“Os antigos Rabinos Judeus sabiam disso, e ensinaram que antes que Eva fosse dada a Adão o demônio Lilith foi concebido pelos respingos de seus sonhos, assim as raças híbridas de sátiros, elfos e semelhantes começaram a povoar aqueles lugares secretos da terra que não são sensíveis aos órgãos do homem normal” <sup>1</sup>

Muitas dissertações longas e tediosas sobre a possibilidade de uma “feiticeira” dando a luz à criança após a união com o demônio em forma de um incubo devem ser entendidas no sentido de que as crianças *são* nascidas de tais uniões, embora não sejam crianças físicas. Qualquer descarga de energia, de qualquer, natureza, tem um efeito em todos os planos. Se os resultados em um plano são impedidos — como aconteceria no caso do incubo — então eles aparecem em outro. De acordo com antigas autoridades em Feitiçaria, incubos e súcubos eram personificações do próprio demônio. O diabo é sinónimo com o espírito criativo do homem. Crowley vai mais longe ao declarar que “o sátiro é a Verdadeira Natureza de cada homem e cada mulher”. O incubo ou súcubo é a exteriorização, ou extrusão, do sátiro em cada indivíduo. Ele representa a Vontade subliminar; em efeito o Anão ou Santo Anjo Guardião. É o princípio no homem que é imortal e é inextricavelmente ligado com sua sexualidade, que, por sua, vez, é a chave para a sua natureza e os meios de sua encarnação.

No antigo Egito, tumba e útero eram termos intercambiáveis. O útero trazia o nascimento ao mundo material, a tumba ao mundo espiritual. As idéias de ressurreição e re-ereção eram também intercambiáveis. O falo ereto, ou surgindo, simbolizava a ressurreição da nova vida no mundo espiritual; significava também a habilidade de viver e de dar a vida outra vez; era dito “morrer” do ato de transmitir o princípio vital, sua Palavra, sua Verdade.

1 De um Comentário não publicado do Livro da Lei. Veja, a este respeito, A Vida de Paracelso de Franz Hartman, sob o título Incubos e Súcubos.

Na criação de uma lenda egípcia gravada no papiro de Nesi Amsu, o deus do sol Atum é descrito como tendo impelido seu membro em sua mão e desempenhado seu desejo, produzindo assim as duas crianças Shu e Tefnut. Estas crianças representam os princípios místicos do fogo e da água, calor e umidade, necessários para materializar o fantasma; a matriz, o útero úmido - ou “súcubo”- através do qual a energia é transmitida ao planos sutis. O deus Kepra, também está gravado no mesmo papiro como tendo tido uma união com sua mão e abraçado sua sombra num “amoroso abraço”. A sombra é o súcubo. Na erudição Rabínica, seu nome é Lilith; ela foi a primeira mulher de Adão e foi criada da substância de sua imaginação. Em um manuscrito Golden Dawn intitulado The Mercarah ela é descrita como “uma mulher bonita por fora mas por dentro corrupta e putrefata”.

Eva e Lilith não são duas criaturas diferentes, mas dois aspectos de uma única entidade.. O aspecto brilhante, solar, criativo, angélico foi chamado Eva (uma forma da deidade criativa IHVH

— Jehovah);<sup>2</sup> o aspecto lunar, corrupto, demoníaco foi chamado Lilith. Ela estrangulava almas com seu abraço ou com um cingir de um simples cabelo. Ela era chamada de mulher-serpente por causa de sua conexão com a periodicidade da corrente lunar, simbolizada por sua capacidade de assassinar “crianças” tão logo eram concebidas; mais tarde ela se tornou a deusa da Feitiçaria, a mágica da noite (isto é, da escuridão: magia negra) como oposição à mágica do dia (isto é, claridade ou magia branca).

Estes aspectos gêmeos do Santo Anjo Guardião — o bom e mau demônio, aparecem fascinantes e terríveis por vezes, do mesmo modo que a deusa Hindu, Kali, aparece aos seus devotos como a gentil Durga ou a terrível Bhavani. Consideradas misticamente, elas são entidades subjetivas, aspectos da consciência, que podem ser vitalizados por métodos mágicos apropriados. Eles são companheiros vagos e das sombras, respondendo às mais tênues evocações do sistema nervoso. Num sentido espiritual, eles podem ser considerados como guias da alma pelos luminosos e obscuros caminhos do Amenti.

A evocação do companheiro obscuro par fins pessoais é citada por J. Marques-Riviere (Yoga Tântrica):

“Eu era capaz de saber pessoalmente o apetite sexual anormal e absolutamente depravado destes falsos yogis. O método usado é chamado Prayoga, através do qual é possível visualizar e animar certas entidades femininas que são chamadas Súcubos”.

Arthur Avalon também se refere a um processo análogo e magia negra sexual no Poder da Serpente:

“Aqueles que praticam magia da espécie mencionada, trabalham apenas no centro mais inferior, recorreram à Prayoga, que conduz à Nayika Siddhi, aonde o comércio é efetuado com espíritos femininos e seus semelhantes”.

2 Jehovah foi originalmente uma deidade feminina e era atribuída ao Sephira Binah, A Esfera da Grande Mãe.

Crowley dá um método de gerar tais companhias que envolve o uso do Sistema Enochiano de Dee and Kelley. Tais elementais, ou espíritos familiares, devem, como ele diz, ser tratados com gentileza e firmeza. Os melhores tipos de “espíritos” são os espíritos dos Blocos Elementais que Dee e Kelley legavam à conjuração de serventes mágicos. Estes serventes são “fiéis e perfeitos em sua natureza e afeiçoam-se à raça humana. E se não são tão poderosos quanto, são menos perigosos que os Espíritos Planetários”.

Crowley conjurou-os pelas Chaves ou Chamados de Enoch (veja O Equinócio, Vol. I. Nos. 7 e 8). Após os Chamados, ele desempenhou um ato de magia sexual seguindo a maneira do papiro de Nesi Amsu, deixando o sêmen cair sobre as pirâmides de letras compreendendo os nomes dos Espíritos que ele estava conjurando e ser preservado dentro deles.

Em 1945, o então chefe de uma residência da O . T . O . na Califórnia desempenhou com sucesso um operação similar, mas com resultados desastrosos para ele mesmo. (veja o Capítulo 9).

Muitas das mágicas de Crowley foram desempenhadas no plano astral e normalmente envolviam alguma forma de reunião sexual:

“A única operação ‘ física ’ realmente fácil que o Corpo de Luz pode desempenhar é o Congressus Subtilis. As emanções do ‘Corpo do Desejo’ do material que está sendo visitado, se a visita for agradável, são tão potentes que se ganha espontaneamente substância no enlace. Há muitos casos gravados de Crianças que nasceram como o resultado de tais uniões” . Estas crianças eram elementais ou companheiros. Se como os primeiros, eles atuam como serventes, como o feiticeiro familiar; se como os segundos, como ligações através das quais ele era capaz de se comunicar com estrangeiros dos reinos astrais consoante com a natureza dos súcubos. Assim Crowley ganhou acesso direto a regiões escondidas dos ocultistas, utilizando as velhas técnicas cerimoniais de evocações. Isto também possibilitou, em muitos casos, que ele dispensasse um médium entre ele e as entidades contactadas, pois pela união sexual com uma entidade não-terrestre ele era capaz de entrar no fluxo de contatos não-humanos sobre os quais Dion Fortune faz menção freqüentemente.

O “Corpo de Luz” é assim chamado por que antigamente era sabido que o homem ressuscitava, não no corpo físico (como acreditado pelos cristãos), mas num veículo mais tênue e etéreo que emergisse da escuridão da terra, do abismo, como as estrelas que surgem resplendentes abaixo do horizonte. O corpo astral ou espírito era o tipo mais antigo de ressurreição porque — de acordo com a doutrina egípcia — quando a múmia se transformava no submundo de Amenti, quando se espiritualizava ou “obtinha uma alma entre as estrelas do céu”, o indivíduo surgia de novo no horizonte como a constelação de Orion — a estrela de Horus - a Sahu, ou corpo ressurrecto glorificado eternamente nos campos de Sekhet Aarhu (Espaço da Eternidade).

Orion representava o emergente Horus (o falecido glorificado) há pelo menos 6.000 anos atrás , quando a Estrela (corpo astral) surgia da escuridão da morte no Oeste, o submundo de Amenti. (veja O Livro dos Mortos, Capítulo LXXXIX, etc.).

A Estrela ou corpo astral é também chamada de Corpo do Desejo porque é o veículo da sensibilidade no organismo humano. Este corpo foi designado para o mais antigo deus Estelar, que era também o deus do Fogo. Para Horus, seu gêmeo, foi designado o corpo espiritual representado pelo Sol. A ligação entre deus— ou fogo — estelar e o Sol é a corrente lunar tipificada por Thoth, Deus da Magia e Escriba dos Deuses. Thoth é sagrado para o jovem deus Khonsu, de quem Crowley, como Mago, clamava ser avatar, identificando-se assim como uma ligação entre a Besta (Set, Deus das Estrelas) e o Anjo (Horus, Deus do Sol). Como sexo é o motivo principal do corpo astral, foi através de seu uso que Crowley chegou à maioria de suas mágicas nos planos sutis.

Nenhuma causa pode ser impedida de seus efeitos e se o efeito for impedido de se manifestar em um plano, ele o fará em um outro. É em suas manifestações secundárias que o perigo espreita o praticante não iniciado, porque nesta fase ele gera uma imagem corrompida da Vontade. Para evitar isto, a Vontade deve ser tão firme como uma chama num local sem vento. O menor tremor e a imagem tremula. Eis porque a prática intensa da concentração mental é essencial. A mente e a vontade devem estar unidas e funcionar dirigidas para um único ponto. Quando a imagem é distorcida ela produz um alienígena e o crescimento de parasitas que vivem da energia vital da pessoa que os chamou à existência. Com cada novo ato sexual a criatura reúne poderes; ele se torna um vampiro, obsidiando o indivíduo e levando-o a ações de crueldade ou luxúria de que normalmente ele seria incapaz. Éliphas Lévi descreve bem a situação:

“ Quando alguém cria fantasmas para alguém, coloca-se vampiros no mundo e se deve nutrir estas crianças de pesadelos voluntários com o sangue de alguém, a vida de alguém, a inteligência de alguém e a razão de alguém, sem jamais satisfazê-los.” (Chave dos Mistérios, tradução de Crowley).

Se corretamente utilizado, entretanto, não há limite para o que se pode conseguir pela direção mágica da corrente sexual. Crowley escreveu: “ Eu não sabia até Junho de 1912, da tremenda importância do conhecimento detido pela O . T . O . e, mesmo quando soube, não me dei conta dele”.

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, Crowley suspeitou que o fim da civilização estava iminente. Ele baseou suas conjecturas no texto do terceiro capítulo do Livro da Lei. É interessante ver o que ele escreveu para o Frater Achad (Charles Stansfeld Jones, de Vancouver) Achad estava para se tronar a prova viva de que o Livro da Lei tinha sido comunicado a Crowley por uma Inteligência sobre-humana, demonstrando que a consciência pode e se manifesta independentemente do homem (isto é, da estrutura nervosa e do cérebro no homem):

<sup>3</sup> Crowley refere-se aqui ao seu comentário sobre o Liber Agapé, que contém as instruções secretas da O . T . O .

“Em vista do iminente colapso (isto é, da ordem do mundo atual) não é essencial selecionar um número de homens adequadamente treinados e confiar-lhes os segredos ao nosso dispor? Meu conhecimento da técnica foi grandemente aumentado desde que eu escrevi meus Comentários sobre o Nono Grau.”<sup>3</sup>

A suprema importância deste assunto está nas considerações seguintes. As descobertas da ciência no Século passado ou no atual têm sido semelhantes a este respeito, que todos estão afastados da Virtude. Elas podem ser igualmente utilizadas por homens vulgares, freqüentemente por homens meramente brutais, sob a direção de mestres vis e ignóbeis. O resultado é o que vemos. Mas através da O . T . O . nós possuímos uma forma de energia mais forte e mais sutil do que qualquer outra já conhecida; e sua virtude é esta, que ela não pode ser empregada com sucesso por homens ignorantes das leis espirituais e destreinados nos métodos espirituais. O ser mais maligno da humanidade é capaz de se concentrar, o que é um fato essencial no sucesso. Mas, apesar de termos de fazer tudo o que pudermos para conservar o segredo das mentes incapazes, não podemos negar que já é amplamente conhecido, pelo menos em geral e de formas errôneas. Devemos confiar no fato natural de que a técnica da Virtude deve necessariamente prevalecer.

“Mesmo que haja o pior, eu acho que seria melhor que o mundo fosse regido por Casas Negras tanto quanto por Casas Brancas do que, como atualmente, seu governos não passe de mera confusão. Por conta disto eu não vou me eximir da responsabilidade de usar este grande Segredo para determinar a direção na qual a esfarrapada árvore da civilização deva cair. Está acima de tudo neste casos que eu peça a Sabedoria dos Irmãos Mais Velhos.

“Dada a aprovação Deles, deveremos encontrar pouca dificuldade em selecionar e treinar número suficiente de homens para estudar, desenvolver e aplicar esta energia.”

O Comentário no Liber Agapé (mencionado na carta acima) é concernente ao conhecimento secreto sobre o qual o Soberano Santuário do Conhecimento, IX<sup>o</sup> O . T . O . está constituído. Sobre o que Crowley não se estendeu no Comentário foi sobre o papel representado pelo *sakti*, ou parceiro feminino, selecionado para assistir no ritual.

Vinte anos de pesquisas independentes com a fórmula do IX<sup>o</sup> me convenceram de que Crowley não estava plenamente ciente da parte representada pela mística *kalas*, ou vibrações vaginais, emanadas das *saktis* utilizadas no rito.

A natureza das *kalas* forma uma grande parte técnica da doutrina Tântrica. É evidente pelos seus diários, cartas e ensaios que Crowley estava ciente da importância do parceiro durante os ritos sexuais. Ele diz, por exemplo, “eu estou convencido que uma importante consideração é aquela do parceiro, e isto ... está além do controle da consciência. Fazendo trabalhos cerimoniais comuns nos dias passados, eu costumava achar que algumas pessoas pareciam ter a faculdade de conseguir que as coisas acontecessem no plano material, e isto instantaneamente. Normalmente, eles não podiam fazer nada por si mesmos; eles não eram nem mesmo clarividentes, mas comigo a dirigi-los fenômenos começavam a ocorrer de imediato.”

Discutindo a adequabilidade do parceiro numa carta datada de 1938 ele diz, “ eu não acho que os tipos finos (de mulheres) sejam muito bons; as vulgares são as melhores. Pessoas cujos instintos procriadores são naturalmente excessivos, mas tornaram-se por uma ou outra circunstância em canais de voluptuosidade e extrema libido; por libido eu quero dizer realmente o seu mais extenso sentido — uma intensa e instintiva luxúria por vários objetos”.

E em certas instruções concernentes ao IX<sup>o</sup> Trabalho, ele escreve: “A escolha de um assistente parece ser tão importante que talvez isto deva ser deixado ao acaso; isto é, à atração subconsciente.”

Uma pista quanto ao tipo qualificado de assistente para o papel de Mulher Escarlata é fornecida no Livro da Lei, capítulo dois: “ Magníficas bestas de mulheres com grandes membros e fogo e luz em seus olhos e massas de cabelos flamejantes à sua volta...”

Estes epítetos não são meramente dispositivos literários, eles são cifras dissimulando características definidas pelas quais o iniciado é capaz de reconhecer a atitude mágica em certos tipos de mulheres. Os floreios elogios do charme feminino encontrados em muitas tantras também dissimulam as características requeridas para um trabalho mágico bem sucedido.

Em termos tântricos, a Mulher Escarlata é *suvasini*; literalmente “a mulher que tem cheiro doce” do Círculo Místico (chakra) que é formado para o propósito de obter oráculos e tantras. Tantras são coleções de instruções em mágica, comunicadas por inteligências superterrestres, muito parecidas com o meio em que foi comunicado o Livro da Lei a Crowley.

Em tempos antigos, as altas sacerdotisas de Dodona, Delfos e Eleusis preenchiavam funções oraculares similares; elas se tornaram o sagrado Uterus, Útero, da Palavra.

Falta de informações precisas concernentes às funções do parceiro feminino e a descoberta por não-iniciados após a morte de Crowley de referências em seus Diários Mágicos a mulheres particulares, algumas das quais preenchiam e algumas que não preenchiam os requisitos necessários para o posto de Mulher Escarlata, levaram a uma má interpretação geral de seus motivos e de suas atividades.

O Chakra Místico ou o Círculo Mágico dos Tantras, é uma forma simbólica e externa dos centros sutis do corpo humano. A Yoga está repleta de descrições destes chacras, sete dos quais são de grande importância. Eles foram descritos detalhadamente em numerosos livros de yoga e anatomia ocultista e ocultistas como Dion Fortune chamaram atenção para suas correspondências no sistema endócrino. Olhando para o assunto deste ângulo, muitos fatos interessantes emergem, alguns dos quais estão descritos no Capítulo 4.

Os Alquimistas estavam preocupados com o organismo vivo e suas peculiares potencialidades, não menos do que os Tântricos, sua contraparte oriental. Que os chacras emanam um poder sutil foi provado pouco depois por experiências científicas.

Em 1939, Wilhelm Reich descobriu uma radiante energia em bions proveniente da areia. Mais tarde elas foram encontradas no solo, na atmosfera, na radiação solar e no organismo vivo.

Em Aspectos do Ocutismo, Fortune menciona as vibrações detectadas na areia. Ela atribui a estranha influência do Egito à “grande eletricidade gerada pelas areias sempre em movimento do grande deserto do Sahara, que assim muda a proporção normal de vibrações, cujo resultado é uma extensão da consciência” O Ajna chackra, comumente chamado de terceiro olho consiste de partículas de uma substância muito fina semelhante à areia, ou os cristais num aparelho de rádio.

A afinidade entre as secreções das glândulas endócrinas e as vibrações irradiantes dos chackras sutis exploradas pelos yogins, forma a base da mágica sexual que utiliza estas vibrações de um modo ainda desconhecido para a ciência. Todos os assim chamados cultos fálicos originalmente possuíam o verdadeiro conhecimento destes assuntos antes que ele fosse perdido ou pervertido pelo uso impróprio. O que resta da sabedoria antiga é somente o vestígio de ritos fálicos corrompidos; são estes e não as verdadeiras doutrinas que são hoje o alvo dos peritos feitos por si mesmos, “sofisticados” e “iluminados”, cuja sabedoria é, de fato, nada comparável àquela dos antigos.

A Tradição Mágica que incluía o sexo como um meio de evolução espiritual, existia muito antes dos tempos dinásticos no antigo Egito e há recentes referências a ela nos escritos sagrados da Índia e da China.

No Egito, esta tradição era conhecida com o Culto Draconiano ou Tifoniano. Era a primeira forma sistematizada dos recentes mistérios africanos.

As doutrinas que os Egípcios elaboraram num culto altamente especializado, floresceram mais tarde nos tantras de Índia, Mongolia, China e Tibet. “Paradoxal como pode soar”, escreve Crowley, “os Tântricos são na realidade os mais avançados entre os Hindus. A essência dos cultos Tântricos é que pelo desempenho de certos ritos de Magia, não apenas se escapa dos desastres, mas obtêm-se bênçãos positivas. O Tântrico não é obcecado pela vontade-de-morrer. É difícil, não há dúvida, conseguir algum divertimento na existência, mas ao menos não é impossível. Em outras palavras, ele implicitamente nega a proposição fundamental de que a existência é sofrimento e ele formula o postulado essencial ... que quer dizer existir porque o sofrimento universal (aparentemente certo por todas as observações comuns) pode ser desmascarado, mesmo que nos ritos iniciatórios de Isis, nos antigos dias de Khem (Egito), um Neófito estendendo sua boca, sob compulsão, às espichadas nádegas da Cabra de Mendes, encontrou-se sendo acariciado pelos castos lábios de uma virginal sacerdotisa daquela Deusa em cuja base do relicário, estava escrito que Nenhum Homem levantou o Seu véu”.

Crowley sabia que o ponto crucial do ritual tântrico estava na sua conexão com o êxtase do orgasmo sexual magicamente induzido. Orgasmo, no sentido de Reich, de um fulminante paroxismo envolvendo o organismo inteiro, está algumas vezes em contradição com o conceito Tântrico de (a) orgasmo total, ou (b) uma total ausência de orgasmo; ambas as interpretações foram lidas em textos Tântricos.

Em todo o caso, o orgasmo é comumente olhado como fenômeno psicofísico. Mas isto é incorreto. Reich enfatizou a distinção entre ejaculação e orgasmo, sendo uma física, e o outro, falando estritamente, metafísico. Ejaculação sem orgasmo é uma ocorrência comum, e, como Reich apontou, o orgasmo total é um fenômeno bem pouco freqüente. É indubitavelmente bem menos



freqüente do que se supõe. A concepção Tântrica do orgasmo em seu sentido sexual direto (pois há outros), é de uma ordem mais compreensível; pode, de fato, ser descrito como parasssexual. Ele envolve o Kundalini sakti, da qual o aspecto sexual é sua forma mais material. A atual produção de sêmen é o produto final, se não o produto dejetado, sobra de uma corrente de consciência imprópria e incompletamente absorvida.

A corrente de consciência tem duas partes: mágica e mística. A primeira opera nos chakras mais baixos, a última no mais altos. Aquele que ejacula como sêmen é energia não absorvida (prana ou ojas) e sempre contribui para a criação de formas materiais, mesmo que alojados num útero ou não. Se não, a sobrecarga (como na masturbação, sodomia, felação, etc.) é tomada pelo astral e por entidades qlifóticas e transformadas em organismos já existentes nos planos sutis. Paracelsus refere-se aos homúnculos (criaturas geradas artificialmente) feitas de esperma independentemente do organismo feminino e às larvas astrais e monstros parasíticos construídos das substâncias de imaginações voluptuosas.

O orgasmo pode ocorrer em qualquer dos seis principais centros corporais ou em todos, simultaneamente, em cujo caso um sétimo é trazido à existência como um supremo evento-ato. Ele é representado como existente ou trazido à existência, no coronário da cabeça. Este é o Sahasrarachackra, o lótus das mil pétalas que diz-se estar situado na região da sutura craniana. No momento da morte do Adepto ou no princípio de um transe profundo, a consciência deixa o corpo neste centro. Ela assim o faz acompanhada de uma indescritível felicidade. A felicidade é a verdadeira natureza da Consciência, que se manifesta como Luz. É o último orgasmo do qual todas as menores manifestações não são senão sombras, pois este orgasmo é a Grande Ida, e aquele que vai é a designação especial dos mais altos deuses, tanto na erudição do Egito quanto na da Índia. O ankh — ou tira de sândalo — é o seu símbolo, a semente secreta, o que vai de vida para vida, o que vai transcender a morte como um todo. A tira de sândalo, o símbolo da ida, e portanto do orgasmo, é o glifo de Vênus, deusa do amor; ela é o instrumento, no sentido sexual, da última transcendência da consciência individual.

O orgasmo nos vários centros é a florescência de poderes específicos escondidos na sutil anatomia do corpo do homem. Os poderes (siddhis) pertencentes a cada lótus são descritos em livros de texto padrão na yoga. Quando o Poder da Serpente descarrega-se como sêmen os resultados são físicos, opostos aos metafísicos. No Livro da Lei, que pode ser descrito como um moderno Tantra, o movimento para dentro e para fora do Poder é descrito como resultante de malignidade, isto é, veneno (e) oposto ao néctar (h).

“Eu sou a Serpente secreta que coleou até surgir: em meu colear há alegria. Se eu levanto a minha cabeça, eu e meu Nuit somos um só. Se eu abaixar a minha cabeça e cuspir veneno, então é o rapto da terra e eu e a terra somos um só.

Qualquer que seja ao meta do homem como concebida por Reich e outros, para os Tântricos a meta é atingida pelo reverso de um processo que leva à substanciação do Poder gerador durante o orgasmo.

No Budismo Tântrico, por exemplo, ao bodhicitta (luz da consciência <sup>5</sup>) não é permitido formular-se como sêmen; o processo é inteiramente místico e quando as mulheres participam do ritual elas são utilizadas para estimular o Kundalini, para acordá-lo do sono no centro mais baixo, antes de começar sua ascensão. O notório Círculo Kaula dos Vamacharins (Tântricos do Caminho da Mão Esquerda), em algumas de suas divisões, utiliza a fêmea para propósitos similares, mas ela permanece virgem.

Alguma confusão surgiu por causa da natureza curiosamente ambivalente do simbolismo adotado pelos iniciados orientais. Há, sem dúvida, algumas divisões Tântricas que expressam a Corrente-Consciência como sêmen e então reabsorvem-no no sistema por um método pelo qual o pênis é usado como um sifão. Isto é perigoso, a menos que o praticante seja um adepto. Crowley evitou os perigos de alguma extensão, absorvendo a substância oralmente durante suas operações mágicas.

Para ser efetivamente utilizada desse modo, a Corrente-Consciência deve ser carregada pela Vontade do operador no momento de sua transformação em sêmen. É a fusão total dos princípios ativo e passivo numa explosão deslumbrante de êxtase que constitui a transubstanciação dos elementos brutos do Rito Sagrado para os sacramentos glorificados do verdadeiro casamento místico.

A palavra orgasmo implica num rito sagrado, ou trabalho, além de seu significado indicador de paroxismo e expansão emocionais. Os Gnósticos chamavam o rito de Missa do Espírito Santo e as essências masculino-feminina — expressas em suas formas grosseiras — eram simbolizadas por pão e vinho. A Missa Gnóstica é portanto um espectro do êxtase metafísico, ou orgasmo, o qual é velado pelo símbolo do Espírito Santo, do qual a pomba (o pássaro de Vênus) é o veículo especial. A pomba é também um símbolo do Jardim do Éden (o campo de troca de energias odic), tipificada e atualizada pela mulher. Jardim é um significado da bem conhecida palavra para a vulva (conforme Kent, “o jardim do Sul”). Mas uma mulher não está necessariamente presente no ritual Tântrico, não mais do que ela precisa estar presente quando ocorre o orgasmo sexual.

## 5 Idêntico com o LVX dos Gnósticos e Rosacruzes.

O sonho molhado é um exemplo disto. Há um despertar no momento crítico, justamente quando a Corrente-Consciência começa a fluir para fora do corpo sob a forma de secreção. Consciência fluindo para fora, ou mais precisamente, mente em movimento, isto é, pensamento. Quando isto ocorre, o sonho (estado subjetivo de criação de imagem passa para o despertar (estado objetivo de criação de imagem). É nessa conjuntura que o adormecido desperta, e, por um rápido momento, fica convencido de que tinha coabitado com uma mulher real. Um súcubo foi gerado, uma objetivação — pela luz da consciência dentro da mente — do desejo da mente, porque a mente sempre assume a forma de seu objeto. A experiência é tão vívida quanto a emoção real. Pois para aquele que sonha, a atividade do sonho é tão real quanto é a vida diária para a pessoa inteiramente acordada.

Quando a corrente é revertida, a Consciência assume sua própria forma, que é em realidade Não-Forma, pois é vácuo, isto é, além da forma. O vácuo é aquele Atman do Hinduísmo que é igualado com o verdadeiro princípio imortal, o Eu Real. No estado de vácuo, a felicidade pura é experienciada, como no sono profundo e sem sonhos. Não há nenhum conhecedor lá, nenhum objeto a ser conhecido, nenhum homem ou mulher, nenhum objeto ou sujeito. Consequentemente, a Consciência assume sua própria natureza, que é auto-radiante. Quando

esse estado é alcançado cognitivamente (não se pode dizer “conscientemente”, pois não há jamais um tempo em que a consciência não exista), então o sono profundo se torna, não esquecimento, mas imediata consciência de si o que é Conhecimento Puro, cuja natureza é a Felicidade. Por estes meios, o Tântrico procura liberar-se da escravidão da matéria, da dualidade do universo fenomênico e nomênico. É um orgasmo da Consciência, uma florescência da Consciência além de toda dualidade.

Edward Carpenter (O Cimo de Adão para Elephanta, 1892) notou, a propósito de certas doutrinas Hindus, que elas continham “um vislumbre de incorporação da verdade que jazia nas profundezas de que o universo inteiro conspira no ato sexual e que o orgasmo em si é uma centelha da consciência universal...”

Isto é verdade, mas não é toda a verdade. A Corrente-Consciência é vista por clarividentes como um filamento de brilho dentro do canal central (espinha) do corpo humano. Ela pode ser vista como uma trêmula teia de ramos cintilantes interpenetrando o corpo astral, o Corpo de Luz. A identificação da Consciência com a Luz é antiga e universal. A frase bíblica declara: “A luz do corpo é o olho: se mesmo que o teu olho seja único, teu corpo inteiro será cheio de luz”.

O Olho é o símbolo do Profeta; é a consciência que ilumina objetos e faz a visão ser possível. É também um símbolo do yoni, a fonte das imagens. Como tal, é idêntico com a própria Consciência, sem cujas imagens ou formas não pode existir. A passagem bíblica refere-se à prática de reter a luz (Consciência) em seu estado imaculado ou pré-conceitual, proibindo seu fluxo e a fabricação de imagens no mundo material.

No momento do orgasmo uma luz brilhante parece explodir interiormente. É difícil dizer precisamente aonde ele ocorre; diz-se que ele pode estar localizado, pelo observador alerta, em um ou outro dos centros sutis ao longo do canal espinhal. Dion Fortune chamou a atenção para o fato de que estes centros aproximam-se de regiões específicas do sistema endócrino, e são conectados com a produção de secreções endócrinas. Não se deve supor que os chacras respondem à investigação física, tanto quanto a mente pode ser descoberta por cirurgia cerebral. Os chacras existem como realidades em dimensões extra-físicas, e eles são tão reais em seu próprio plano quanto os sonhos no seu.

A polaridade sexual no seu sentido mais profundo e Tântrico é uma forma natural de união (yoga) usada por Adeptos, Ocidentais e Orientais, para a consecução do Objetivo último. Paracelsus, Lévi, Blavatsky, Haartmann, Fortune e outrass pontilharam seus escritos com pistas mas foi deixado a Crowley falar plenamente, evoluir o cálculo mais completo e mais sistemático deste caminho ambíguo. Ignorância geral, malentendidos e interpretações malévolas de seus escritos fizeram o melhor possível para obscurecer seu propósito, mas agora, mais de vinte anos depois de sua morte, a situação afinal mostra sinais de mudança.

Nos tempos mais antigos, a chama do processo criador era identificada com a Besta (conforme Bast, a deusa egípcia da luxúria e calor sexual), simbolizada pelo hipopótamo, crocodilo, leoa, gata, porca ou vaca. Quando o simbolismo era interpretado antropomorficamente, como mais tarde o foi, o órgão gerador em si era escolhido para representar o processo criativo por inteiro.

No curso do tempo, a besta mudou-se em humana,<sup>6</sup> mas o *kteis*, o órgão simbólico da mudança, ou transformação, permaneceu o mesmo. Nos hieróglifos ele representava O Grande Poder Mágico,<sup>7</sup> que concentrava (simbolicamente e atualmente) o poder da besta de recriar e transformar a si própria, projetar sua imagem no futuro como por magia, e continuar fazendo assim, para sempre. Uma santidade especial era então atribuída à genitália feminina, o portal da vida perpétua.

Num período bem mais tarde, os Egípcios ocultaram a identidade humana de seus deuses sob máscaras de animais, que representavam os tipos de energia que era desejado invocar e controlar. A acuidade visual do falcão, por exemplo, e sua habilidade de subir aos céus e aproximar-se do sol foi a causa de que se tornasse um glifo solar de deuses tais como Horus e Ra. Os sacerdotes assumiam a máscara ou forma deílica do falcão em operações envolvendo clarividência, descoberta de tesouros escondidos e assim por diante. A Cobra, com sua velocidade, sua sutileza e habilidade para trocar sua pele já usada, tornou-se o tipo para rejuvenescer e mudar e portanto da magia. Assim também a Lua, em uma fase do seu simbolismo. A Cobra era, originariamente, um glifo da fêmea, devendo seus poderes à renovação periódica; ela unifica o dualismo do poder fálico, primeiramente pelo seu aspecto feminino e mutante (como a energia lunar) e em segundo lugar, em seu aspecto criativo como energia solar tipificada pela súbita ereção e fulminantemente rápida ejaculação do veneno. O conceito finalmente tornou-se mesclado com o Poder da Serpente, o Kundalini dos Tantras.

- 6 Foi nesse estágio primitivo da mitologia, quando a mulher tornou-se identificada com a besta, que o conceito de Bela e Besta foi originado.
- 7 Ur-Heka, o grande poder mágico, foi simbolizado pela coxa, isto é, a púbis do hipopótamo, leoa, ou outro tipo de besta. Mais tarde ele foi representado pela púbis da mulher.

A antiga fórmula conhecida como a Assunção de Formas-dos-Deuses foi revivida na Golden Dawn e foi continuada na O . T . O . sob símbolos fálicos. A fórmula evoca os saktis (poderes) latentes nos elementos, as bestas, ou os “deuses” que representavam aspectos da mente subconsciente do homem incorporadas em formas simbólicas. A transição do mortal para imortal é conseguida por um ato de vontade criativa, e a arma mágica (Vara ou Falo) é a erétil chama impetuosa comum na besta e no homem. O deus Mentu<sup>8</sup> ou Min era a forma ithyphallic de Horus; de Min é derivada a palavra Man (Homem). Mentu tornou-se Mendes, o nome da antiga divisão egípcia consagrada a Ram ou Cabra, o Baphomet dos Templários retratados com o falo desmedido. O poder primitivo era também simbolizado pela Serpente Uraeus que coroava os deuses egípcios, ou os chifres que sobressaíam da fronte do Grande Deus Pan, o Grego Todo-procriador. É o Kundalini emergente, idêntico à cadeia de símbolos de Set-Pan-Baphomet-Mendes.

Nos estágios primitivos da carreira mágica de Crowley, o uso involuntário de magia sexual, mais a repetida assunção das formas-de-deus do antigo Egito — especialmente aquela de Horus-Falcão — resultaram na harmonia com Aiwaz em 1904. Onze anos mais tarde (1915), ele se deu conta de si próprio como A Besta 666, um Mago da A} A}, e Senhor do Éon de Horus, cuja Palavra é Abrahadabra, que oculta a fórmula de Shaitan e da magia sexual.<sup>9</sup>

Qualquer que seja a natureza específica desta “besta” (falcão, leão-serpente, dragão, fênix, etc.), a identificação com uma entidade não humana está implícita. Crowley identifica a si próprio com a Besta 666 porque este número é uma máscara de Hadit ou Set (Shaitan), representado celestialmente pela estrela-Cão, e na terra, pelo falo.

O número do Sol é 6 (simbolizado pelo Selo de Salomão); o número da Estrela de Set é 6, como no Hexagrama Unicursal que é o Hexagrama Invocador da Besta; o número do Filho (“criança”) é também 6 (Vau) — portanto 6 6 6. Similarmente, a Mulher Escarlata, Babalon — lar do Falo — representada astronomicamente por Nuit (Draco) e Suas “estrelas”, é, sobre a terra, a Vesica ou Kteis, e seu número é 7, que é o número de Vênus, seu representante planetário. Originalmente, entretanto, o número 7 é derivado de sua identidade com as sete estrelas da Grande Ursa, ou

Dragão do Espaço, cujo nome era Sephek ou Sevekh (Sete). Estar aos seis e aos setes é uma expressão baseada nesta vasta e antiga erudição oculta derivada de um tempo quando a confusão reinava no período de mudança do modo de cálculo Estelar (7) para o Solar (6). O assunto é muito complexo para ser tratado aqui. O leitor deve consultar os capítulos de Gerald Massey no “Time” em A Gênese Natural, Volume II, Seção XII. Os cálculos primitivos do tempo centravam-se na revolução da Serpente (Draco) ou (Nuit) em torno da Estrela-Cão (Hadit). Sept ou Set, a Estrela de Sothis, é na realidade o nome do Número Sete, o número de Sevekh ou Venus, que, numa antiga época do tempo era o representante planetário dos conceitos estelares originais.

<sup>8</sup> Conforme o termo grego *mentul*, o órgão gerador masculino.

<sup>9</sup> O número de Shaitan é 359; o de Aiwass é 418. Juntos eles totalizam 777 que é a numeração total dos Caminhos da Árvore da Vida. Portanto, Shaitan-Aiwass = A Totalidade da Existência e Não-Existência = Tudo = Pan.

Portanto, a Estrela de sete raios de Babalon é um glifo do Espírito de Sothis; é a Estrela de Isis-Sothis — a Mãe e “Criança”. A Besta ou Dragão da Revelação tinha sete cabeças (as sete principais estrelas da Ursa Maior), e a manifestação destas Luzes ou Espíritos não era nem o sol nem a lua, mas “a Luz que ilumina a Cidade”.

Mas há uma outra interpretação, ainda mais mágica do 6 e do 7 que está oculta em sua união (13). Este número, além de sua implicação lunar é também 31 ao contrário e indica que a chave para a fórmula da Magia especialmente característica da Besta e da Mulher deve ser procurada no XI<sup>o</sup>. O. T. O.

As “Estrelas”, falando magicamente, representam a consciência astral concentrada nas essências sutis (kalas, unidades de tempo) que foram descritas nas Tantras secretas da Índia como vibrações vaginais. No Livro da Lei, Aiwaz revela sua identidade e concentra a fórmula de Shaitan nestas palavras misteriosas: “Olhe! É revelado por Aiwass o ministro de Hoor-paar-kraat. O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs. Adorem pois o Khabs e observem minha (isto é, da Nuit) luz derramada sobre vós.”

Khabs é uma palavra egípcia que significa “Estrela”, e o Khu é a essência feminina do poder mágico. A Estrela (isto é, Sothis, a Estrela de Shaitan) reside no poder mágico da essência geradora da fêmea, pois a Estrela-Cão é Sothis, que também é chamada a Alma de Isis. Pela adoração (isto é, utilizando deliberadamente ou ritualmente) desta “Estrela”, a Luz de Shaitan também é invocada. Estes versos compreendem a fórmula inteira da mágica sexual e do seu modo de utilização.

Continuando, de acordo com o antigo saber mágico, a fórmula de encarnação de um deus era aquela da besta associada a da mulher. Nos comentários de *A Visão e a Voz*, Crowley observa que “todas as mitologias contêm o mistério da mulher e da besta como o coração do culto. E nota-se que certas tribos no Terai nos dias de hoje enviam suas mulheres anualmente para a selva, e todos os meio-macacos que daí resultam são adorados em seus templos”.

O ato sexual (nestes casos) pode ser elevado do nível de um ato animal pela influência humanizadora da Mãe, que, taransmutando o fogo animal, produz uma criança que transcende ambas as qualidades bestiais e humanas de seus pais.

No *Bhag-i-Muattar* (1910) Crowley diz que “a Esfinge é a deificação do bestial e, portanto, um ato Hieróglifo do Grande Trabalho”.

A Besta, como a corporificação do *Logos* (que é *Thelema*, Vontade), encarna simbolicamente e atualmente sua Palavra cada vez que um ato sacramental de reunião sexual ocorre, isto é, cada vez que o amor é feito, *sob vontade*. Este é o sacramento que os Cristãos abominam como a suprema blasfêmia contra o Espírito Santo, porque eles não podem admitir a operação da fórmula da besta associada com a mulher como a condição necessária para a produção da divindade!

Esta fórmula remonta à remota antiguidade e, interpretada em seu próprio plano é a sublime alegoria alquímica.

A tradição da tribo de Terai (*vide acima*) é paralela às lendas de Leda e o Cisne, Pasifa e o Touro, Europa e a Serpente Pintada, Maria e a Pombo, e numerosas lendas conhecidas. Em *Os Trabalhos de Paris* (1914), Crowley declara: “Esta é a grande idéia dos mágistas em todos os tempos: obter um Messias por algumas adaptações do processo sexual. Na Assíria, eles tentaram o incesto; também no Egito, os Egípcios tentaram irmãos e irmãs; os Assírios mães e filhos. Os Fenícios tentaram seus pais e filhas; Gregos e Sírios, as maiores bestialidades. Esta idéia veio da Índia. Os Judeus procuravam fazer isso por métodos de invocação, também por *paedictio feminarum*. Os Mohamedanos tentaram homossexualismo; os filósofos medievais tentaram produzir homúnculos fazendo experimentos químicos com sêmen. Mas a idéia raiz é que qualquer forma de procriação além da normal é a mais provável para produzir os resultados de caráter mágico. Ou o pai da criança deve ser um símbolo do sol (**ou sol?**) ou a mãe deve ser um símbolo da lua”.

Nos mesmos escritos, Crowley menciona a adoração de Ápis o touro, num certo labirinto em Creta. Esta adoração é derivada do Egito. O touro era branco. Na Festa do Equinócio da Primavera doze virgens eram sacrificadas a ele, sendo doze o número simbólico das casas através das quais o sol passa durante o seu ciclo anual. Em cada caso o touro usava as virgens conforme a maneira da lenda de Pasifa. A cerimônia era desempenhada com a intenção de obter um Minotauro, uma encarnação do sol, um messias. Uma variação do sacrafício envolvia a imolação do touro. A virgem era colocada na carcaça quente e violada pelo Alto Sacerdote. Ela finalmente se sufocava no sangue do touro durante o orgasmo.

A fórmula da associação da Besta com a mulher relaciona-se com a *décima primeira* Chave do Tarot. Esta Chave intitula-se a Luxúria; ela mostra a Mulher Escarlata, Babalon, montando com as pernas abertas a besta com sete cabeças, conforme descrito na *Revelação*. A letra sagrada *Teth*,<sup>10</sup> significando a Serpente, é atribuída a esta Chave; seu número é Nove. A Luxúria é especialmente importante no Culto de Thelema, e é relacionada com a Vigésima Chave, que exhibe as Estrelas da Revelação.<sup>11</sup> As Estrelas são um talismã de grande poder no sistema de Crowley. Ele mostra a deusa Nuit arqueada sobre o falo-solar Fogo de (desenho) (*Shin*), Espírito, a letra *dee* Abrasax ou Abrahadabra, a Palavra do Eon do qual Aiwass é a expressão corrente. *Shin* é também a letra de Shaitan ou Set, o Fogo do Desejo (*Hadit*) no Coração da Matéria (*Nuit*). A combinação dessas duas Chaves (*Vinte e Onze*) une portanto *Shin* e *Teth*. Na cabala Greco-Cóptica elas são fundidas em uma única letra que iguala-se com *Kether*, a Primeira Emissão da Luz Mágica.

<sup>10</sup> *Teth*, *Seth* ou *Toth* são termos sinônimos e todos associados com o Hermético Lúcido ou Luz de Hermes.

<sup>11</sup> Outra prova cabalística do Sistema emerge aqui. O número das Estrelas é dado no Livro da Lei como 718. 718 é duas vezes 359, o número de Shaitan. Isto identifica o Duplo Poder de Aiwaz (*Ra-Hoor-Khuit* e *Hoor-Paaar-Kraat*) com o Eon — que é o nome da Chave que exhibe as Estrelas.

Babalon e a Besta associadas, como na décima-primeira Chave, atuam *ao contrário* na fórmula da vigésima Chave, que foi intitulada o Juízo Final no baralho tradicional do Tarot. Agora, entretanto, conforme revisada de acordo com os ensinamentos do Nono Eon, a chave foi renomeada como O Eon (A Eternidade).

U Eon, conforme explicado anteriormente, designa não apenas um ciclo de tempo mas é também o nome que os Gnósticos davam à sua Suprema Divindade, Abrasax, da qual Abrahadabra (a Palavra para o atual Eon) é uma forma especial. Na Chave intitulada Luxúria (Chave XI), Babalon é mostrada elevando o Graal; na Chave intitulada O Eon (Chave XX), o Graal — sob a forma do corpo arqueado de Nuit — é invertido, mostrando assim a terra com sua luz estelar. A fusão dessas duas imagens formula o Divino Hexagrama: o fogo fálico (D) ou triângulo ascendente interlaçando-se com a Água do Espaço representada pelo yoni apontando para baixo (—) de Nuit, Noite, Nox ou Nada. Mas a estrela de Seis raios assim formada tem apenas aparentemente 6 lados pois a semente sagrada (Hadit) está oculta em seu centro, fazendo-a na verdade tornar-se o Sétimo raio do selo de Babalon — a deusa das Estrelas, o Dragão da Luz e o Coração de Nuit. Esta semente secreta, chamada bindu nos Tantras, é o ponto potencialmente criativo oculto dentro do Chakra Místico.

Os rituais da Ordem de Rosacruz (Segunda Ordem da Golden Dawn) são pesadamente pintados com traços do Culto Sabeano ou do Culto Draconiano da Estrela. Isto é particularmente evidente no simbolismo do Chão e do Teto da Abóbada dos Adeptos.

Crowley usava a estrela de sete pontas como uma base para o Selo o qual ele designava como Grande Irmandade Branca. O maior emblema da Estrela prateada é portanto o selo de sete pontas sobre o Yoni da Deusa das Estrelas. Nos yonis os triângulos parecem as sete letras do Nome B.A.B.A.L.O.N. No centro, uma bexiga é mostrada bloqueada ou barrada, indicando a presença da semente secreta; o ponto tornou-se a linha, o diâmetro tornou-se a circunferência. Esta semente é o “eremita”, a essência anônima masculina oculta, mascarada no processo de gerar sua imagem como o Filho do Sol sobre a deusa Mãe. Este é portanto o Selo de Seth que abre o útero de sua mãe, como Sothis, a Estrela, abre o Círculo do Ano. Sua luz infinita interrompe sua Noite e faz com que ela apareça como a Escuridão infinita.

O simbolismo origina-se da fase mitológica da evolução humana, uma fase que data de muito antes dos últimos sistemas patriarcais, sejam sociológica ou religiosamente considerados. Ele se origina daquele período do tempo quando o papel do homem na procriação era ainda insuspeitado. O simbolismo portanto reflete um estágio na consciência humana quando os mecanismos da regeneração eram conduzidos por sacerdotes sob a máscara da besta ensaiando assim o drama primitivo da fecundação, quando a Grande Deusa tinha a imagem de uma forma animal, acima de tudo. Nuit, arqueada sobre a terra, traduzia este simbolismo numa imagem antropomórfica.

A assunção ritualística de formas de deuses, conforme ensinada e praticada na Golden Dawn tem, entretanto, um significado mais profundo do que o ensaio das fases sociológicas primitivas do comportamento humano, e a assunção de Crowley da máscara da Besta era um mero gesto de identificação com os processos primitivos. Ele assumiu o papel com o intento mágico de afirmar sua identidade não apenas com os atavismos antigos mas com aqueles poderes transcendentes que, quando adequadamente controlados e direcionados, ele era capaz de encarnar à vontade. Isto forma as bases de sua magia.

John W. Parsons, chefe da Loja Californiana da O . T . O . , (de 1944 até sua morte prematura em 1952), resume esta magia:

“Para penetrar profundamente você precisa rejeitar cada fenômeno, cada iluminação, cada êxtase, indo mesmo para baixo, até que você alcance os últimos avatares dos símbolos que são também os arquétipos raciais.

“Neste sacrifício aos deuses abissais está a apoteose que os transmuta para a beleza e o poder que é a sua eternidade, e a redenção da humanidade.

“Neurose e iniciação são a mesma coisa, exceto que a neurose para logo após a apoteose e as forças tremendas que moldam a vida são enquistadas — colocadas em curto-circuito e tornadas venenosas. A Psicanálise transforma os símbolos do falso ego e os exterioriza em falsos símbolos sociais; é uma confusão de conformidade e cura em termos de comportamento de grupo.

Mas a iniciação deve prosseguir até que a barreira seja ultrapassada, até que os bastiões nebulosos dos Trawenfells infantis se mudem em rochas e penhascos de eternidade; o jardim de Klingsor se transforme na Cidade de Deus”.

Não importa, realmente, se as novas dimensões, o fator de redenção, o “Salvador” é uma besta ou um deus, contanto que a fórmula da Matéria seja transcendida, ou mais precisamente, contanto que o Espírito (*Shin*) e a Matéria (*Teth*) se fundam em um Só.



## DINASTIAS NEGRAS

(desenho)

“Viajante da Dissipação” era um nome dado pelos antigos àquelas estrelas ou cometas que aparentavam não ter uma órbita precisa e, portanto, nenhuma regularidade observável. Crowley se descreve como um Viajante da Dissipação por causa de sua errática e imprevisível carreira. A metáfora procede: os antigos falharam em discernir alguma órbita regular em certos corpos celestiais porque seu ciclo de atividade cobria períodos de tempo tão enormemente vastos que uma observação sistemática não era possível.

A órbita de Crowley é similarmente imprevisível do ponto de vista do reconhecimento mundano. Deve-se ser um viajante para observar o arco total. Se isto falhar, podemos mapear os pontos nos quais sua Luz veio dentro de uma medida mundana.

Crowley identificou o coração da Corrente Thelêmica com uma Estrela em particular. Na Tradição Oculta, isto é o “Sol atrás do Sol”, O Deus Oculto, a enorme estrela de Sirius, ou Sothis, que abria o ano zodiacal de 365 dias assim como o Grande Ano de aproximadamente 26.000 anos.<sup>1</sup>

De acordo com Heródoto (Livro II, 58), os Egípcios celebravam o retorno anual desta Estrela, ou Deus, com ritos obscenos caracterizados por cópulas bestiais. Portanto, a Estrela-Cão. Crowley sabia que nenhum rito da antiguidade deixava de Ter um propósito mágico. Ele desempenhou experimentos exaustivos com sua fórmula (veja Os Diários de Aleister Crowley) e descobriu que eles eram mais efetivos, em muitos sentidos, do que a fórmula da magia sexual normal que Theodor Reuss, seguindo Kellner, incorporara à O . T . O . (Kellner havia recebido a iniciação das mãos de Adeptos Orientais versados em ritual Tântrico.

O Deus Oculto, Set (representado astronomicamente por Sirius, a Estrela-Cão) tipificava a fórmula peculiar do Décimo Primeiro Grau da O . T . O . , que podia ser aplicado ao macho ou à fêmea. É neste sentido que devemos entender o símbolo da Fênix, o título que Crowley assumiu no conclave secreto com Frater Archad em 1915 em conexão com o Soberano Santuário da Ordem.

<sup>1</sup> “Nosso Sol foi afastado por outro Sol, em volta do qual ele revolve, levando 25.827 anos para fazer seu ciclo de Um Ano”- o Grande Ano dos Egípcios.

A Fênix ou Íbis é a Ave do Retorno Cíclico e um símbolo competente do Deus que administra para e por si mesmo, seu próprio clister. Ele é portanto a Única Vara-Dupla tanto no sentido físico quanto no místico.

Dion Fortune notou que Vênus está finalmente transcendendo Sirius; e que a única explicação física para esse fenômeno é a explicação acima. É evidente que Fortune estava familiarizada com esta fórmula por suas referências à sua última degradação Greco-Romana.

No Livro da Lei aparece a referência ao deus Egípcio Hrumachiss ou Hor-Makhu. O nome significa Horus da Estrela e Hrumachis é descrito por Aiwaz como sendo o atual Éon, como Sirius está sob o Sol, pois isto pode ser interpretado em termos outros que aqueles envolvendo o fluxo sequencial do tempo. É provável que nesta concepção Crowley tenha visto um prenúncio do Deus Oculto que eventualmente não “assumirei meu trono e lugar”, como está escrito no Livro da Lei, mas que está já entronizado, estava e estará para sempre.

Isto resume a fórmula da Fênix, já descrita no Capítulo I. A Estrela de Horus é também a Estrela de Babalon — a estrela de sete raios do planeta Saturno (ou Set) que rege Aquário, a décima primeira casa do Zodíaco. Aquário é a constelação através da qual a influência de Horus (o Sol) alcança o homem durante o presente Eon. Saturno, portanto, é o poder por trás de Vênus<sup>2</sup>, como Sirius é o poder por trás do Sol. Estas duas grandes Estrelas (Set e Horus) são portanto simbolicamente idênticas, e deste modo também Vênus transcende Sirius, num sentido celestial.

Crowley inequivocamente identifica seu Santo Anjo Guardião com Sothis (Sirius) ou Set-Isis:

“Aiwaz não é uma mera fórmula, como muitos nomes angélicos, mas na verdade, muitos nomes antigos do Deus dos Yezidi, e portanto, remonta à mais lata antiguidade. *Nosso trabalho é portanto historicamente autêntico; a redescoberta de uma tradição Sumeriana*”. Eu coloquei em itálico as últimas doze palavras porque elas formam o núcleo do sistema de Crowley, sem o qual ele é tanto incompreensível quanto insondável; incompreensível em sua significância mágica para o atual renascer da magia, e insondável sem a chave fornecida pela tradição Sumeriana que envolvia a adoração de Shaitan, cujo veículo astronômico era Sirius.

- <sup>2</sup> Na Árvore Da Vida, Binah (Saturno) pode ser visto como o poder por trás de Netzach (Vênus); similarmente, Chokmack (Sirius) é o poder por trás de Tiphareth (Sol) e Hod (Mercúrio).

Crowley, falando da Besta 666, declara que “Aiwaz - solar-fálico-hermético Lúcifer — é Ele (isto é, a Besta) seu próprio Sagrado Anjo Guardião, e O Demônio, Satã, ou Hadit, de nossa particular unidade do Universo Estelar. Esta Serpente, Satã, não é o inimigo do homem, mas Ele que fez os Deuses de nossa raça, conhecendo o Bem e o Mal; Ele fez o apelo Conhece-te a Ti Mesmo! e ensinou a Iniciação. Ele é o Demônio do Livro de Thoth e seu emblema é Baphomet, o Andrógino que é o hieróglifo do arcano da perfeição. O número de seu Atu (Chave) é XV, que é Yod He<sup>3</sup>, o Monograma do Eterno, o Pai único cuja Mãe, a Semente Virginal única com o todo-contido Espaço. Ele é portanto a Vida, e o Amor. Mas mais ainda sua letra é Ayin, o Olho; ele é Luz, e sua imagem Zodiacal é Capricórnio, aquela cabra saltitante cujo atributo é a liberdade”.<sup>4</sup>

## FOTOLITO – LEGENDA

Os selos mágicos das organizações ocultas de Crowley. O central é o hexagrama de invocação da Besta 666 (desenhado por Steffi Grant).

## FOTOLITO -- LEGENDA

Desenhos mágicos no teto e chão da Abóbada dos Adeptos conforme usado na Golden Dawn (desenhado por Steffi Grant).

<sup>3</sup> As letras Yod He, 10 e 5, as primeiras 2 letras do nome Divino IHVH (Jehovah); elas representam Pai e Mãe.

<sup>4</sup> Mágica, página 193.

O verdadeiro significado etimológico e cabalístico da palavra “diabo” nos permitirá recobrar sua primitiva significação. O demônio, diabo, ou duplo ser, era o duplo ou gêmeo (conforme döppelgänger) da fases primitivas da mitologia.

O homem primitivo foi feito ciente do “duplo” em tempos de crises, como o psíquico hoje vê às vezes o duplo na hora da morte de uma pessoa. Frequentemente perceptível em tais ocasiões, o duplo tem sido longamente associado com idéias de má sorte, desastre e morte.

Mas o diabo atingiu sua apoteose como a epítome do mal e da má profecia num estágio comparativamente tardio da história humana. Superstições ligadas a gêmeos, duplos e simulacros, datam da antigüidade remota. O primitivo par de gêmeos foi Set-Horus, e foi baseado no conhecimento do homem sobre a luz e a escuridão. A alternância entre o dia e a noite foi o primeiro fenômeno da dupla natureza a ser observado e os símbolos dele - quaisquer que fossem ou quando quer que fossem empregados - sempre implicavam nessa alternância ou divisão original. Inerentes a toda manifestação de vida, esta duplicidade foi mais tarde personificada pelos Anjos da Luz e da Escuridão, o Gênio do “Bem” e o Gênio do “Mal”.

O glifo biuno, ou dois em um, de forças alternativas e opostas deu origem à imagem do Andrógino muito antes do drama de Jesus e Satã lutando no Monte.

No culto de Thelema, Therion (Besta 666) e Baphomet são dois tipos do “Diabo”, ou imagem do Duplo Poder. A Dupla – Vara Única combina as funções solares e herméticas 5 de Therion e Baphomet e ambas as funções envolvem a fórmula da Besta e da Mulher associadas.

O Diabo é o Duplo Um (II ou onze), a Dupla-Vara Única, tendo atributos de potência macho e fêmea de acordo com a natureza do rito solar ou hermético. Estes atributos se relacionam a antigas razões astronômicas. Quando o sol atingiu seu último declínio no Solstício de Inverno, isto é, quando ele submergiu no abismo abaixo do horizonte, ele entrou na constelação de Capricórnio, a Cabra. Este animal portanto tornou-se o tipo de deus do submundo, o Sol no Abismo que mais tarde se identificou com a idéia do Diabo por conta de sua associação com a escuridão e a morte. O Grande Deus Pan e o Egípcio Set têm conceitos idênticos.

O Gato era outro símbolo do diabo; também o morcego, que, como Sirius, surgiu quando o sol se deitou no horizonte. A hiena – a besta do sangue – e outras criaturas híbridas também simbolizavam o diabo por conta de sua dupla natureza.

Mas o tipo primevo de Dualidade em Unidade foi fornecido pelo cão e pelo macaco mesclados em uma imagem como o cinocéfalo. Ele era o babuíno sagrado com cabeça de cão usado pelos antigos Egípcios como um tipo de Tempo (Saturno; feminino, macaco) e o Santo ou Sacerdote (Mercúrio; masculino; cão). O macaco-Kaf ou cinocéfalo ensombrece o Mago na interpretação de Crowley da Segunda Chave do

<sup>5</sup> Hermético, porque Baphomet é um glifo de Mercúrio e, portanto, do processo alquímico que inclui a fórmula da corrupção.

Livro de Thoth. Ele não o publicou em sua Segunda edição do Livro porque ele era muito explícito; ele revelava o segredo essencial da prática da magia.

O Carneiro ou Cordeiro da Constelação de Primavera, Áries, veio a ser identificado com o sol, e o Filho, como o Salvador ou Redentor das águas sobre o abismo, ou da escuridão sobre o submundo do inverno. O Carneiro ou Cordeiro (de Cristo) era precedido pelo Touro (de Mithras) e antes disso, pelo Peixe (Dagon).

Os tipos de animais dependiam das figuras astronômicas e não dos animais em si, embora os últimos emprestassem seus nomes a constelações particulares devido a similitudes formais.

Shaitan, Satan, ou Set, são Hoor-paar-Kraat, o aspecto oculto de Horus, cujo lado manifesto é Ra-Hoor-Khuit. Shaitan é o Deus do Sul, embora seus devotos se voltem para o Norte quando o invocam. Dion Fortune observa que “Crowley diz que é o Norte o ponto sagrado na direção do qual o operador se volta para invocar, ao invés do Leste *de onde provém a Luz*, como numa prática clássica. Agora o norte é chamado ‘o lugar da grande escuridão simbólica’ e é apenas o ponto sagrado de uma seita, os Yezidees, ou adoradores do diabo”.

A explicação é que ao entrar em Capricórnio, a casa Zodiacal de Shaitan, o sol se volta em direção do norte. Consequentemente, o adorador se identifica com o sol - Horus - *que não é, portanto, o objeto da adoração*, pois ele é o deus que morre e renasce ao entrar na Casa de Set (Capricórnio).

Este é o deus com quem o candidato à iniciação se identificava no Antigo Eon de Osiris. O candidato no Novo Eon, entretanto, identifica-se com o outro Horus, o Sol por detrás do sol, representado pela Estrela de Set, Sirius, que brilha perpetuamente na escuridão de Nuit, e que na atualidade é visível de todas as partes desabitadas da terra. Esta é a Única Estrela à Vista que forma o título do Manifesto de Crowley da A} A} (veja *Mágica*, páginas 230-244).

Houve em tempo quando o Sul tinha a precedência e era a primeira estação da Estrela Polar. No *Livro dos Mortos* — o livro mais velho do mundo — Set foi saudado como tendo sido o primeiro em glória (Capítulo 175): “Os poderes de Set que foram partidos eram maiores do que os de todos os outros deuses”.

Albert Churchward (*A Origem e Evolução da Religião*), pág. 189) nota que Set “era tido como o líder caído das hostes angélicas porque ele havia sido o primeiro em glória como o poder regente na primeira estação do polo (sul). É assim que ele é adorado pelos Yezidi na Mesopotâmia, que dizem ‘tem que haver uma restauração tanto quanto uma queda’ ”.

Esta restauração, talvez, seja o renascer ou redescoberta do Culto de Shaitan que Crowley e outros iniciaram no começo do século atual.

Na antiga Índia, Dakshinamurti, que quer dizer Aquele que Olha para o Sul, era igualado com o polo norte espiritual, e entretanto, tradicionalmente, se volta para o sul. (Veja Arthur Osborne, *Trabalhos Coletados de Ramana Maharshi*, pág. 122). Dakshinamurti é o Supremo Professor que inicia por meio do Silêncio; seus devotos se voltam para o norte quando o veneram, suas costas para o sul. Aiwaz, sendo o ministro de Harpocrates (o Senhor do Silêncio) é portanto também uma forma de Dakshinamurti, o Deus do Norte. Assim, Horus é o Senhor do Norte e do Sul e combina dentro de si os dois infinitos, Nuit e Hadit: isto é Shaitan, or Sat-An, que — como o próprio nome mostra — combina Sul e Norte.

Aiwaz não é apenas o reflexo de Set no Sul, ele é a concentração da energia como uma força oculta iluminando a escuridão do norte. Ele é o primitivo deus astral, Sirius, o revelador de Nuit; misticamente falando — o revelador do Nada e, portanto o deus do Caminho da Suprema da Realização.

O caminho que Crowley fez acessível outra vez é o caminho percorrido uma vez pelos devotos de Shaitan — o antigo deus da Suméria. Em que sentido então pode ele ser descrito como novo?

Primeiramente, no sentido de que desde aqueles tempos remotos enormes avanços ocorreram no conhecimento científico. Em segundo lugar, as vantagens advindas do poder então acumulado pelos séculos, combinado com as modificações psíco-físicas alcançadas após a evolução, tornaram possível para o homem penetrar nos mais íntimos santuários da Natureza.

Os mistérios do Tempo e do Espaço serão revelados no presente Eon. Conceitos fantásticos tais como os descritos no fluxo da literatura pseudo-científica que aparece hoje, parecerão devidamente prosaicos ao lado da Verdade.

Recentes descobertas científicas sustentam a assertiva de Crowley de que o *Livro da Lei* contém indicações precisas dos eventos porvindouros (veja o Capítulo 9). Avanços na exploração do Espaço tornam altamente possível que o Tempo também contará seus segredos, Tempo e Espaço sendo aspectos gêmeos de um único contínuo que é em realidade Nenhuma Coisa (Nada).

Durante o período das primitivas migrações do Egito para a Suméria, os adoradores de Set levaram seu deus com eles e seu nome mudou para Shaitan. Os Yezidi, como os Judeus estavam proibidos de proferir o nome de seu deus. Em consequência o verdadeiro nome foi perdido.

Parece provável que Jehovah (Jaahweh) seja um substituto para o Nome proibido (DESENHO), que somente os iniciados eram capazes de pronunciar, portanto também o Nome, Shaitan, pode Ter sido um véu do verdadeiro e mais antigo deus. Crowley clama que Aiwaz é esse deus.

No ritual da Marca da Besta, Crowley dá a chave secreta de sua adoração. (Veja Magia, pág. 331 e seguintes).

O valor numérico de IHVH, o Nome Impronunciável dos Judeus, é 26, que é a soma dos números do Sephirot constituindo o Pilar do Meio da Árvore da Vida (Veja diagrama). Isto iguala o Nome (IHVH) com o Falo<sup>6</sup>. Conforme Crowley observa no seu Registro Mágico: “A palavra Arábica para Falo é Aswa que soa como uma Temurah (isto é, uma permuta) de Aiwass”. Vinte e seis (duas vezes treze), é o número da Unidade de Achad; então o número 26 é a fórmula do falo em função, ereto em ação.

Nas edições revisadas da Sabedoria Oculta de Judeus e Cristãos, o nome de Shaitan aparece como Satan. Mas como estas revisões são distorções de doutrinas primitivas, o mistério do Nome Impronunciável permanece oculto.

No Egito antigo, a primeira representação antropomórfica que sucedeu às longas procissões de deidades zoomórficas, foi aquela de Besz, ou Vesz, o deus anão. Albert Churchward nota que “até o tempo de Ptah ou Besz, a imagem humana não era dada a nenhum deus ou deusa, e Atum-Horus, ou Amen, o filho de Ptah, é a divindade primitiva em perfeita forma humana”.

A representação de Besz, baseada em peculiaridades anatômicas de uma raça de pigmeus de origem Nilótica, é o primeiro esforço jamais feito pelo homem para moldar seu deus à sua própria imagem, assim dando suporte à irresistíveis evidências de que a raça humana emergiu de formas mais baixas de vida nas regiões equatoriais da África. Após gradual crescimento, a raça gradualmente moveu-se para o norte ao longo do vale do Nilo e daí para a Mesopotâmia quando a primeira colônia foi fundada. Isto era a Suméria, e o deus anão, Besz, Vesz, ou Vass, era provavelmente a primeira forma de Ai-wass; Besz ou Betch, iguala-se a Bitch, Bast, Bastardo e Besta.

A besta é aquela que transforma, evolve ou emerge do passado, (conforme Pasht, uma forma de Bast, a Deusa Mãe). Besz era olhado como o Grande Mago, *aquele que se transformou de besta em homem*. No Egito, o nome Besz atualmente significa *transformar*. A Besta é o tipo de Magia ou Mudança.

A fórmula da Besta é também a fórmula de Set. No *Livro do Espírito da Cabra*, Crowley escreve:

“Pois duas coisas foram feitas e uma terceira foi começada. Isis e Osíris se deram em incesto e adultério. Horus Salta três vezes armado do útero de sua mãe. Harpócrates seu gêmeo está escondido dentro dele. SET é o seu pacto sagrado, que ele mostrará no grande dia de M. A. A. T. <sup>7</sup>, que está sendo interpretado como o Mestre do Templo da A}A} cujo nome é Verdade. Agora nisto está o poder mágico conhecido.”

<sup>6</sup> Um dos significados do nome, Set, é “uma pedra ereta ou pilar”.

<sup>7</sup> Maat é o nome da deusa Egípcia da Verdade. Mot, a Palavra; Maths, a medida; Mater, a Mãe, são todas derivadas desta palavra.

A Fórmula do deus Set é a de Chefe Supremo no Culto de Crowley. É também a fórmula do IX<sup>o</sup> da O.T.O., que envolve a identificação do Espírito e da Carne, Shin e Teth; SET é o resultado desse processo.

Como o deus Hindu Siva, Set é considerado o deus da destruição. Mas de um ponto de vista esotérico “absorção” é uma aproximação da idéia implícita, no sentido de que ser re-absorvido no seu próprio Ser primitivo necessariamente envolve a destruição do ego, o limitado complexo-personalidade. Set é portanto olhado como o deus da morte e destruição porque ele leva da Vida à Morte, do Ser ao Não-Ser, De Hadit ao Nuit. Crowley formulou o processo cabalisticamente na Palavra LASH TAL, que é muito técnica para ser tratada aqui. Seu significado está explicado em Magia (pág. 335 e seguintes). O número de LASH TAL é 93; é a maior fórmula do presente Eon.

A extensão cabalística de ShT (Set) é ShTN (Shaitan), o deus dos Yezidi. A letra final, N, é atribuída a Escorpião que é o glifo zodiacal do processo sexual assim como também é o glifo draconiano da serpente da sabedoria. O valor numérico de Shaitan é 359.

O Culto de Thelema tem uma outra ligação mágica com a Tradição Yezidi na Estrela de Ankh-f-n-Khonsu, cujo número é dado por Aiwaz no Livro da Lei como 718, ou duas vezes 359. A Estrela é então duplamente carregada com o poder mágico de Shaitan ou Set. Ele é o Deus da Dupla Vara do Poder mencionado no terceiro capítulo daquele livro. A Estrela 718 é portanto o Talismã de uma corrente mágica iniciada num período amplamente anterior ao da XXVI<sup>a</sup> Dinastia (680 a . C . ) quando Crowley diz ter estado encarnado como Ankh-f-n-Khonsu, um alto sacerdote de Amen-Ra. Ele está descrito no Livro da Lei como o “sacerdote-príncipe da Besta”, pois, como mostrado acima Amen-Ra ou Aatum-Horus era o “filho” de Besz, isto é, da Besta. Então, Ankh-f-n-Khonsu, o sacerdote de Amen Ra em Thebes era o sacerdote e o profeta do primeiro deus *na forma de homem*. “Thebes” significa “a arca” ou “navio” - um símbolo das Águas e do Graal; portanto um culto central do Deusa Mãe.

O Culto de Amen-Ra na XXVI<sup>a</sup> Dinastia era em si próprio um renascer da adoração da Deusa Estrela Sevekh <sup>8</sup> que era adorada sob a forma de um dragão ou crocodilo nas Dinastias VII, VIII, IX, X, e de novo nas Dinastias XIII-XVI. Estas foram as dinastias “negras” dos Cultos Draconianos ou Tifonianos, quando a adoração da Prostituta ou Mãe Sem Cônjuge reinavam supremas.

<sup>8</sup> Seu nome significava “sete”. Veja observação na página (ATENÇÃO REVISOR: VER QUAL A PÁGINA)

<sup>9</sup> De acordo com o Papiro de Turin (Fragmentos nos. 72, 76-80) os seguintes nomes aparecem na lista de reis do Egito Sul que reinaram durante a XIII<sup>a</sup> Dinastia: Sept-abra (cerca de 3.120-3098), Senkh-abra (c. 3.076-3.056), Sept-abra II (c. 3.054-3.052), Nothemabra (c.3.046-3.043), Fuabra Herwet (3.037-3.018), etc.

É significativo que os seguidores de Sevekh ou devotos de Sevekh da XIII<sup>a</sup> Dinastia (cerca de 3.180 a . C . ) se encontrassem entre os faraós cujos nomes terminavam com ABRA<sup>9</sup>. Este era um nome secreto do Filho da Mãe, o qual os Gnósticos mais tarde perpetuaram no nome de sua suprema deidade, Abrasax. Ele ressurgiu no século XX no Culto Therionico de Aiwaz, como Abra-HAD-Abra, , aonde ele mostra as duas faces, ou o aspecto dual, de HAD, como os gêmeos solares – Set e Horus ( Hoor-Paar-Kraat e Ra-Hoor-Khuit).

Abra é também o sol na forma do carneiro, Amen. Amen era o título de Sevekh, o deus-sol Draconiano dos Tifonianos e era a adoração deste deus que foi revivida na Dinastia XXVI<sup>a</sup> sob o nome de Amen-Ra, cujo sacerdote supremo era Ankh-f-n-Khonsu. Mais ainda, Amen-Ra era chamado o pai de Khonsu (a Lua) porque a lua era o refletor de Sevekh como a continuação solar do primeira Estrela Deus, Set, ou Shaitan, a quem os Yezidi adoravam.

Anumeração dos Yezidi é 31, que é não apenas o número de Set, de acordo com o Livro de Taoth, mas também a de AL (Deus) e LA (Not), sendo o último da Chave do Livro da Lei, que Frater Achad descobriu em 1916.

O título da nona Sefira ou emanção da Árvore da Vida é YSVD (Yezod), É a Sefira da magia lunar de Aub ou Ob, a Serpente (donde “obeah”). A Serpente é o símbolo comum para os Yezidi, Vuduístas, Tântricos e Thelemitas . Yezod ou Yesod sendo o cenatro sagrado dos Yezidi é uma descrição adequada da Sefira que corresponde ao centro sexual no corpo humano. Yesod quer dizer “Fundação” e a Serpente de Yezidi, o Ob dos homens Obeahh, o Kundalinidos Tântricos e o Hadit dos Thelemitas, é a Fundação do Mundo, como Yesod é a fundação da Árvore da Vida.

O amaldiçoado Deus do Sul não é, então, outro senão o senhor das forças reprodutivas tipificadas pela Sefira que está mais para o sul – Yesod. 10

Yesod é atribuída à Lua, não ao Sol. O curioso simbolismo é explicado pela conexão da Serpente ou do Dragão com a corrente lunar tipificada por Babalon – “pois ele é sempre um sol e ela a lua”. 11 O simbolismo pode ser penetrado no nívael Hindu da mitologia onde Siva (O Set Indiano) é chamado “o deus com o crescente”(isto é, a lua) no Bhagavad Gita. Também, Toth, o deus-Lua foi originalmente o Deus de Sirius, idêntico com a Estrela-Deus Set, anates do modo luni-solar de avaliar o tempo suplantado pela avaliação estelar.

10 A décima Sefira, Malkuth – a Terra, é considerada um mero pendente no Esquema.

11 O Livro da Lei, I, 16.

Esta é a razão pela qual o oposto do pentagrama apontando para o sul é usualmente abominado como o selo do diabo. É o Selo de Satan, pois ele invoca a serpente do sexo, a serpente obeah. Os Osirianos, não menos do que os Cristãos, recuavam desse aspecto da existência, e o tentagrama de Set, o Sul, era considerado como sendo o emblema de sujeira e abominação. É ainda a Estrela de Satan para aqueles que observam o uso mágico da corrente sexual como “mal”, isto é, do diabo. Originalmente, não tinha mácula moral; isto foi projetado sobre ele pelos seguidores de



dos cultos do Velho-eon, aqueles representados nos mitos pelo Deus Moribundo — Adonis, Osiris, Cristo, etc.

A tradição Hebraica incorpora o conceito de Set em Gamaliel, o Asno Obsceno, que é atribuído ao qlifot de Yesod, o centro que eu atribuí aos Yezidi. Set foi a primeira deidade macho jamais adorada. Ele era o “ não unigênito” filho da mãe (Isis ou Sothis). Ele era Senhor do Polo (Sul), primeiro a nascer de sete filhos, ou estrelas, representadas pela Constelação do Norte de Typhon, A Grande Ursa. (Isis como a Mãe Primitiva ou Grande Doadora).

Quando o homem primitivo se moveu para o norte, de Equatoria, a Estrela de Set no Sul submergiu no horizonte e supôs-se que tivesse “caído”. Por Ter sido o deus supremo dos céus e o anunciador da abertura do Ano, ele se tornou o deus do inferno, Amenti, o submundo — mundo dos espíritos. Seus atributos celestiais foram consequentemente transferidos para seu irmão gêmeo, Horus, que estava estabelecido em seu lugar, como deus do Polo (Norte).

Embora Set não tenha tido pai, o filho primogênito de Typhon, ou o Dragão do Espaço Infinito — Nuit ou Isis; Horus era o filho de Isis com Osiris (o Sol). Mas havia uma outra forma de Horus que era derivada da mãe somente. É este último tipo de Horus que reaparece no Livro da Lei.

Este conceito surgiu do estágio nas mitologias primitivas quando o homem, tendo atingido o meio da terra (isto é, Egito) em suas migrações da África equatorial, as hordas do norte olharam Set e Horus como poderes iguais e opostos lutando pela supremacia nas Águas do Espaço. Cada ano o sol era conquistado por Set, e cada ano ele surgia outra vez como Horus, até que quando finalmente deslizou permanentemente sob o horizonte para se tornar o Senhor do Inferno, Horus foi finalmente estabelecido como o sol supremo e sempre ressurrecto ou filho da Mãe (Nuit).

Então, embora Set tenha sido uma vez o Senhor do Verão, Horus tomou seu lugar após a “queda” e fez com que seu irmão gêmeo fosse sempre, após isso, associado com os fenômenos da escuridão, inverno e morte.

O mito dos gêmeos é realmente o mito de Um Deus com dois aspectos: o Deus do Duplo Poder, Sul e Norte, épocas ele se tornara Deus do Duplo Horizonte após o estabelecimento dos níveis equinociais — Leste e Oeste. Depois que isto ocorreu, O Leste tornou-se o tipo do leão da luz e o Oeste tornou-se o lugar de fixação, morte, ou “queda” do sol. Horus então tornou-se o Senhor do Horizonte Oriental e para Set foi alocado o Oeste. No Livro da Lei esta mudança de papéis é aplicada ao candidato à iniciação: “Abrogados estão todos os rituais, todas as oferendas, todas as palavras e sinais. Ra-Hoor-Khuit (isto é, Horus) tomou seu lugar no Leste no Equinócio dos deuses”. (No ano 1904).

O mito de Set matando o pai de Horus (isto é, o Sol) foi desenvolvido por conta do surgimento do Culto de Horus. Horus vingou a morte de seu pai pela morte de Set, o dragão da aridez e do calor inclemente, um dos símbolos do qual era o asno. O significado do mito pode ser encontrado somente no Cultos primitivos de Ser — o bastardo que “formulou seu pai e fez sua mãe fértil”, e a criança de Osiris, que substituiu a deidade estelar original como sendo a do macho, ou “mais alto” e, portanto, de linhagem mais nobre. O Patriarcado foi estabelecido porque o Pai foi separado do rebanho; ele foi distinguido ou identificado nos estágios primitivos por um totem ou clã e — mais tarde - como um indivíduo específico. Em consequência, o culto da Grande Mãe foi degradado e a deusa primitiva tornou-se a prostituta, e, na curiosa linguagem dos antigos utilizada por Crowley, virgem para todos (Pan). Isto significa que ela recebeu todos os que vieram e não pode identificar o pai de seus filhos; assim eles eram os sem pai, os bastardos de Bast.

A Mulher Escarlate, Babalon, foi o resultado desta mudança na sociologia primitiva. Quando a avaliação solar-lunar do tempo substituiu a avaliação estelar e a paternidade sobrepujou a maternidade na mitologia, religião e sociedade, Set, também, foi lançado fora e tornou-se o “diabo” dos cultos posteriores. Mas havia um intermediário ou fase lunar do mito aonde Set, Sept ou Sothis era representado como o filho da Mãe-Lua, a Lua Cheia. Nesta fase ele era conhecido como Khunsu ou Khonsu e Crowley diz que foi um avatar deste deus na XXVI<sup>a</sup> Dinastia, quando ele era conhecido como Ankh-f-n-Khonsu (a Vida ou Criança da Lua). Esta era a criança que declinou, diminuiu, obscureceu como a luz perdida; enquanto Horus nascido da nova lua cornuda (isto é, a lua em sua fase macho) cresceu e desenvolveu-se em força. Assim a escuridão do período de quinze dias foi designado a Set, e o brilhos do período de quinze dias para Horus.

O modo dual da lua é de importância vital na mágica de Thelema e será citada outra vez. Vastos ciclos de tempo separaram estas várias fases do mito de Set e Horus; a fase lunar originou-se como a seguir:

A criança macho (a lua cornuda ou lua nova) cresceu e impregnou sua mãe, enchendo-a com sua luz até que ela se tornou cheia. Ela então deu à luz à criança da “escuridão” que cresceu e foi substituída pelo seu gêmeo, a lua nova, que cresceu em força e impregnou sua mãe. E assim o ciclo continua incessantemente.

Quando foi descoberto que a lua não era iluminada por si própria, não era iluminada pela luz da criança que ela fez nascer dentro de si, mas iluminada pelos raios de Ra (sol), a fase lunar da mitologia virou-se para a solar, e a lua foi degradada e lançada fora como as estrelas antes de si. Esta é a origem da lua estéril da feitiçaria, dela que uma vez foi considerada como a Luz que se renova por si, que rejuvenesce a si própria pela feitiçaria; assim, a deusa tornou-se a feiticeira.

É significativo que no Livro da Lei Aiwaz diz ser o ministro, não de Ra-Hoor-Khuit mas de Hoor-paar-Kraat, ou Set, o Sul nascido no solstício de verão, o deus que diminuiu ou deus anão que encolheu, submergiu e tornou-se o Deus das Profundezas, ou inferno ou Amenta<sup>12</sup> o lugar escondido, o lugar da escuridão.

No Livro (primeiro capítulo), Nuit — a Deusa Estrela — Mãe de Set, descreve sua Estrela como tendo cinco pontas “ com um círculo no Meio e o Círculo é Vermelho”. Vermelho era a cor de Set, a criança no seu útero ou círculo. Ele é descrito (no *Livro dos Mortos*) como tendo uma “compleição vermelha”, significando sua gênese da fonte vermelha da criação, ou da mãe-sangue. Nuit diz que sua “cor é negra para os cegos”, isto é, para o cego Horus (Hoor-paar-Kraat: Set), porque ele se tornou o Senhor da Escuridão. E o texto continua: “mas o azul e o dourado são visto pelos que vêem”. Azul e dourado são as cores de Júpiter e Sol, ambos os quais se escondem atrás dele (isto é, Set) como Ra-Hoor-Khuit.

O eterno conflito entre Set e Horus pode ser somente compreendido ao se reverter aos antigos tempos pré-monumentais no Egito, antes do reinado de Mena começar, cerca de 5.776 a . C .

O tempo era primeiramente avaliado com referência à estrelas do círculo polar como Ursa Maior ou Typhon. Ela era a Deusa do Norte, idêntica à Nuit e Isis. Esta identidade é revelada no Livro da Lei quando Nuit proclamou “Eu sou o Espaço e as suas Estrelas Infinitas” Ela era a Deusa Primitiva das Sete Estrelas que eram consideradas como seus espíritos, almas ou filhos. Estes sete eram manifestados pelo primeiro filho nascido, Typhon, isto é, Set na constelação do sul do Grande Cão, da qual Sirius (Sothis, a alma de Isis) é a estrela mais brilhante. Ele era o primitivo Deus do Fogo ou Luz do Sul, e sua imagem era a pirâmide ou triângulo. Ele concentrou os Oito ou a Altura do Céu no Sul, enquanto sua mãe reinava suprema no céu mais baixo do Norte. Ele

manifestou a luz dela e abriu o ano anunciando a inundação do Nilo a qual ocorreu no solstício de verão, quando o sol entrou no signo de Leão.

A Mãe e sua prole de sete culminando em Set, eram os primitivos e mais antigos deuses do céu e da noite. No último culto lunar, Set tornou-se o lunar Toth, mas isto foi éons mais tarde. Então, quando até mesmo o último culto solar atingiu a supremacia através da terra, o culto da Mãe foi substituído e o culto da Paternidade tomou seu lugar. Ele reinou sobre a terra e era representado nos céus pelo sol tendo substituído ambas as estrelas e a lua, como o verdadeiro contador do tempo.

Na VII<sup>a</sup> Dinastia (c. 4.163 a . C.), entretanto, ocorreu uma revolução religiosa que reinstalou a antiga adoração, cujos traços haviam sido apagados dos templos e monumentos. Pois apesar da Deusa Estrela e sua Criança terem dado lugar à Criança Solar, e Horus tenha substituído Set, para os Tifonianos este sol era ainda o filho de Isis, não de Osiris. Um estado conflito constante entre Osirianos e Tifonianos (ou Draconianos) continuou até que ao final da X<sup>a</sup> Dinastia (cerca de 3.348 a . C.), os Osirianos efetuaram outra vez uma total mudança nos adoradores de Set-Horus, e restabeleceram seu próprio Deus, Osiris, como a figura chefe de sua Tríade Suprema (Osiris, Isis Horus).

<sup>12</sup> Amen, escondido; ta, terra.

No culto de Crowley, A Trindade Telêmica é o complexo primitivo consistindo da Besta, da Prostituta e do Bastardo).

Com o advento da XIII<sup>a</sup> Dinastia (cerca de 3.180 a . C.), o Culto Draconiano surgiu de novo no poder, e dessa época em diante (até o fim a XVI<sup>a</sup> Dinastia, c. 2.243 A . C.), o Culto de Set reinou supremo. Foi durante estas últimas dinastias dos deuses Tifonianos da escuridão que nós vemos os primeiros sinais claramente definidos do Culto que Crowley reviveu através do *Livro da Lei*. O preto-dourado<sup>13</sup> (Sol-Sirius) tiveram influência em Ombos (o relicário de Sevekh-Ra, no Sul do Egito) como Set-Nubti; Na Núbia ele era chamado Set-Nahsi; na Síria, Bar-Suketkh, e em Israel, Iah ou Jah

Os Sevekh-hepts da XII<sup>a</sup> Dinastia adoravam a divindade macho como o filho da Mãe sozinha. Eles eram Tifonianos ou Draconianos, porque rejeitavam a paternidade e continuavam os tipos míticos pré-monogâmicos, os tipos revividos no *Livro da Lei*.

Set-Horus (Sut-Har) combina a Estrela-Filho e o Filho Solar da antiga Seusa das Sete Estrelas de modo a tornar-se o solar Hor-Makhu, o duplo Horus dos dois Horizontes — Leste e Oeste — mas ainda como o filho da mãe sozinha.

Sut-Har é o deus que aparece nos monumentos egípcios como o Um de natureza dual, o cabeça de asno Set, e o cabeça de falcão Horus. Isto foi igualmente representado como Sut-Nubti, o duplo anunciador, ambos do ano e da inundação, que combinavam o Sol e Sirius numa unidade dual. Este era o preto e o dourado; e porque o dourado estava aqui unido com o símbolo da escuridão que aquele metal se tornou amaldiçoado na religião Osiriana. Por causa de suas conexões tifonianas ele foi considerado a raiz do mal, e, em consequência (como Plutarco observa) na festa do Sol os adoradores eram proibidos de usar ornamentos de ouro. De fato, a origem da Idade do Ouro, comum a inumeráveis mitos do mundo antigo, é encontrada nas adorações pré-monumentais e pré-Osirianas do antigo Egito.

O perpétuo conflito entre os adoradores da “virgem” mãe e seu filho, e os Osirianos que reconheciam a paternidade individualizada, enfureceram e devastaram o Egito por milhares de anos.

No Livro da Lei é Horus, o filho da pré-monogâmica mãe Nuit, que é concentrado no Senhor da Dupla-Vra do Poder (Hru-Machis), a Estrela que combina ambos Set e Hhorus em Um Deus possuindo atributos gêmeos: Hoor-paar-Kraat e Ra-Hoor-Khuit. E é este aspecto da “adoração” que está uma vez mais ganhando ascendência hoje, e uma de suas apresentações é o retorno à fase pré-monogâmica da sociedade quando a

13 Um significado de Set, ou Sut, é preto; é a origem de nossa palavra “soot” (fuligem). Set-Nubti era então o Preto-Dourado, isto é, Set sendo o Preto, o Sol, o Dourado.

Besta e a Prostituta “uniram-se em felicidade blasfema”.

Os gêmeos ou conceito-do-diabo, Set-Horus, forma a mística essencial do Novo Éon. É esta duplicidade no coração do Culto Theriônico que torna difícil para algumas pessoas captar o verdadeiro significado da doutrina de Crowley.

O Ritual da Marca da Besta, que Crowley compôs em Cefalu, em 1920, é baseado em parte no Ritual do Pentagrama conforme praticado na Golden Dawn, mas nos quatro Pontos Cardeais é a oposta Estrela da Invocação de Set que é traçada pelo Mágico e não o Pentagrama com a ponta para cima. Portanto, se o ritual for desempenhado por alguém que considere a Estrela de ponta para baixo como símbolo da Matéria dominando o Espírito, ele inevitavelmente invocará as energias daquele acúmulo de forças do mal que os Cristãos denominaram erradamente de Satan. Um Thelemita, entretanto, livre da obsessão do pecado e da moral do mal pode desempenhar o Rito com impunidade. Se for bem compreendido que Set é o complemento necessário de Horus, como sujeito para objeto, dia para noite, sombra para a substância, os acréscimos da falsa moral que o distorceram ruirão por terra.

Set é o iniciador, aquele que Abre a Consciência do Homem para os raios do Deus Imortal tipificado por Sirius — o Sol no Sul — mesmo que ele seja, astronomicamente falando, o que abre o ano zodiacal e o Grande Ciclo de 1.460 anos. Ele é a Criança no sentido de que a natureza real do homem está carregada de potencial infinito, possibilidades infinitas de crescimento e desenvolvimento.

## Centros de Força

(desenho)

As doutrinas e práticas mágicas que caracterizaram a adoração de Set foram revividas ou “redescobertas” por Crowley.

Vários Adeptos no passado tentaram esta reabilitação, entre eles, Adam Weishaupt, Cagliostro, Éliphas Lévi e Helena Blavatsky. Por uma razão ou outra todos eles falharam em efetuar uma completa restauração das doutrinas antigas. Se Crowley teve sucesso terá sido devido ao seu uso científico e mágico de sexo e drogas, e ao fato de que ele recebeu iniciação de uma ordem mais alta do que qualquer dos Adeptos que o precederam.

Blavatsky e Lévi eram do Grau de Mestre do Templo ( $8^{\circ} = 3^{\circ} A$ ), e Cagliostro, como McGregor Mathers, era um Adepto Livre ( $7^{\circ} = 4^{\circ}$ ). A posição de Weishaupt é duvidosa; é muito possível que ele fosse um Mago ( $9^{\circ} = 2^{\circ}$ ) embora ele tenha declarado nenhuma Palavra histórica no estrito senso mágico. É certo que ele tenha sido muito mais do que o revolucionário planejador que ele se mostrou ser. Nas Confissões de Aleister Crowley (pág. 839), Crowley menciona Weishaupt numa passagem muito curiosa, aqui reproduzida por inteiro:

Poco tempo antes da época de Maomé, eu estava presente num Conselho de Mestres. A questão crítica era a política a se adotar para ajudar a humanidade. Uma pequena minoria, incluindo eu mesmo, era adepta de uma ação positiva; movimentos definitivos deveriam ser feitos; em particular os Mistérios deveriam ser revelados. A maioria, especialmente os Mestres Asiáticos, recusavam até discutir a proposta. Eles desdenhosamente se abstinham de votar, como se dissessem, ‘Deixem os mais jovens aprenderem suas lições’. Meu partido entretanto venceu o dia e vários Mestres foram apontados para encarregar-se de diferentes aventuras. Maomé, Luther, Adam Weishaupt, o homem que conhecíamos como Cristão Rosacruz, e muitos servidores da ciência, foram então escolhidos. Alguns desses movimentos tiveram mais ou menos sucesso; alguns falharam inteiramente. Na minha presente encarnação eu encontrei vários Magos que, tendo falhado, estão agora construindo de novo suas forças esparsas. Minha própria tarefa era trazer a sabedoria oriental para a Europa e restaurar o paganismo numa forma mais pura...”

Dois fatos significantes emergem. Para começar, Crowley não se referiria a Weishaupt como um Mestre a menos que ele fosse realmente avançado em relação ao Caminho num sentido mágico ou místico. Em segundo lugar há uma declaração definitiva da natureza da missão de Crowley naquela remota encarnação. E em sua mais recente encarnação ele expressa e inequivocamente descreve seu Trabalho como a “redescoberta das Tradições Sumerianas”. Eu reconstruí até uma certa extensão esta Tradição à luz das pesquisas de Crowley.

De Weishaupt, Crowley indubitavelmente emprestou (ou continuou) o termo Iluminismo, como também o glifo do Ponto dentro do Círculo, que Weishaupt adotou como a chave secreta de sua Ordem. Como Weishaupt, Crowley visava destruir a religião ortodoxa. Ele fez um sumário de seu programa no primeiro número de O Equinócio (A Revista do Iluminismo Científico):

*Não temos nenhuma confiança  
Em virgem ou pombo  
Nosso método é a Ciência  
Nossa meta é a Religião.*<sup>1</sup>

Ele escreveu, no Liber LXXIII (A Urna):

“Enquanto eu fiz o melhor que pude para avançar diretamente em direção da Verdade pelos métodos mágicos e místicos regulares e tradicionais que o Livro da Lei aperfeiçoou, eu procurei constantemente ao mesmo tempo correlacionar meus resultados com aqueles do progresso intelectual moderno; para de fato demonstrar que os mais profundos pensadores estão inconscientemente se aproximando da apreensão das idéias dos iniciados, e estão de fato, a despeito de si mesmos, sendo compelidos a estender suas definições da Ruach (Razão) para incluir concepções próprias a Neschamah (Intuição), que eles estão, em outras palavras, se tornando Iniciados no nosso sentido da palavra sem suspeitar que eles estão cometendo alta traição contra a majestade do materialismo”.

Por uma atitude apropriadamente temperada de ceticismo aliada a uma profunda disposição inquiridora, Crowley foi capaz de revelar a antiga Tradição despida dos acréscimos das distorções da superstição e do sectarismo. Ele mostrou a loucura de refletir Aiwaz, Set ou Shaitan através dos espelhos imperfeitos do complexo-de-pecado, na esfera da ética e da moral numa época privada das chaves da compreensão da Iniciação.

A retirada da genuína Tradição Mágica ocorreu quando os Gnósticos, os verdadeiros pré-Cristãos do Cristianismo, foram sufocados pelos forjadores do Cristianismo “histórico”. Um pouco do Conhecimento original foi preservado na erudição Talmúdica e Rabínica mas, falando em geral, os Judeus, como os Gregos e os Cristãos, fizeram de tudo em seu poder, para distorcer e destruir todos os traços da Corrente original.

Os Cavaleiros Templários preservaram algumas das apresentações mais importantes da antiga adoração. Diz-se que eles prestaram homenagem a uma antiga e venerável Cabeça. Esta era a simbólica Cabeça de Cristo, o “Ungido”, a Cabeça da Única Divindade Criativa que foi untada ou ungida, na puberdade pela unção de seu óleo viril.

1 Desnecessário dizer, não do Cristianismo “histórico” ou qualquer outra forma ortodoxa de fé.

As raízes do Cristianismo, como as de todas as outras religiões, estão submersas nos Mistérios que eram, antes de tudo o mais, mistérios de natureza física, quando as atualidades do corpo eram traduzidas em termos de mente. Os Mistérios psico-mágicos entretranto combinam, mas não confundem, os dois sistemas. O Um faz sentido na Matéria e no Espírito e o outro não faz sentido em nenhum dos dois.

O Culto da Suméria representa a iniciação da Tradição Estelar como ela foi levada a efeito no Egito, onde o cultos pré-évico de Set caracterizava os modos religiosos das dinastias negras. Estas eram as dinastias cujos monumentos foram mutilados e sacrificados pelos adeptos dos último culto Solar que aboliu todas as lembranças das origens de sua teologia. Os profanadores do culto

da Estrela e da Lua eram os Osirianos, mais tarde representados pelos Cristãos, que, em sua tenaz perseguição aos Gnósticos, fizeram o papel análogo àquele dos Solaritas contra os Draconianos.

A autora de *A Trilha da Serpente* (1936) diz que as apresentações do Culto da Estrela podem ser encontrados em todas as modernas Escolas de Mistérios. Ela cita particularmente a Estrela Matutina, um ramo da Golden Dawn, da qual, em certa época, ela foi o Chefe. Discutindo o Grau de Practicus,  $3\infty = 8^{\square}$ , ela diz: “O candidato é Horus, e recebe o nome místico de Monokeros de Astris — O Unicórnio das Estrelas. Além do mais, formas de deus Cabíricos, construídos de acordo com as instruções de seu misterioso Mestre na Mesopotâmia, foram astralmente assumidas pelos seus chefes na cerimônia”.

Não será esse “misterioso Mestre” o próprio Aiwaz, a quem Crowley posiciona como sendo “o Antigo entre os Antigos, adorado na Madrugada da esfera-Solar<sup>2</sup> do Homem, mesmo na terra da Suméria...” ?

O culto era efetuado na adoração de Mithras. Baphomet, o nome que Crowley adotou na O . T . O . significa, bem simplesmente, “Pai Mithras”, isto é, A divindade do Touro-matador. O Touro é o Sol, ou melhor, Taurus é a constelação através da qual a influência solar foi transmitida à humanidade ao tempo do culto de Mithras; então Mithras — como Sirius — era um matador-do-sol, pelos que, Churchward explica:

“O primeiro herói celestial não foi o sol, mas o conquistador do sol e do calor solar. Ele era representado pela estrela-cão não apenas como o deus-fogo, mas um deus sobre o fogo; e na estação quando o sol estava no signo de leão e o calor na África era intolerável, então Set, como Estrela-Cão, ou Sut Har<sup>3</sup> (Orion) surgiu e como sol havia então atingido sua altura máxima e começava a descer, a Estrela-Cão, ou Orion, foi aclamado como o conquistador desta causa de tormento. O leão, como parece ser, de seu lugar no zodíaco, era o tipo do calor furioso do verão... Após o leão matador vem o mel”.

2 Isto é, a Terra.

3 Set-Horus.

O deus Set, que matou o leão solar, trouxe a inundação; ele esra o arauto das águas inundantes do Nilo que salvavam a terra da aniquilação. Em termos mágicos, Set é a Besta que salta sobre o sol “matador”, ou falo, e surge como a fênix do dilúvio das águas.

Numa das sessões mágicas de Crowley com o Mágico Abuldiz, ele recebe esta curiosa resposta a uma pergunta relativa à magia sexual: “O leão deve estar bem morto, na verdade”. Podemos agora ver em que sentido isto tem o seu significado. É somente quando a consciência se retira do instrumento de desejo (o falo) que o espírito está livre para manifestar-se na forma consoante com o objetivo do rito mágico. O falo (o leão) está para a Vontade Mágica como o Sol está para Sirius; é um reflexo na esfera mundana da inteligência trans-terrestre.

Durante o Trabalho de Amalantrah (1918), Crowley recebeu a ortografia correta do nome Baphomet que a tradição tinha preservado corretamente exceto pela última letra — “ r ” — tornando a ortografia em Baphometr (que significa, como mencionado, “Pai Mithras”), o tipo da energia solar-fálica.

Em seu Registro Mágico, Crowley diz: “A palavra grega MITOS é a palavra Órfica para sêmen; donde Baphomet evidentemente significa o Batismo do Sagrado Espírito, sendo o Sagrado Espírito o Falo em sua forma mais sublimada (isto é, sêmen)”. Este é o Oitavo nome (BAPhOMITR) que oculta a fórmula da mágica sexual que os Templários empregavam e da qual foram acusados de pervertê-la à maneira remanescente dos Gregos. Dion Fortune observa (Auto-Defesa Psíquica, pág. 149) que esta prática, em sua forma básica, era “uma das causas da Degeneração dos Mistérios Gregos”.<sup>4</sup>

Muito antes dos Gregos ou dos Templários usarem esta fórmula, os Tântricos da Índia, e, antes deles, os antigos egípcios, empregaram um dispositivo similar. Ainda forma a substância das instruções pertinentes ao Soberano Santuário dos Gnosis, O. T. O., que Crowley continuou após Theodor Reuss em 1921.<sup>5</sup> Diz-se que o próprio Reuss recebeu a fórmula de um Árabe chamado Soliman bem Aifa, por intermédio do Dr. Karl Kellner que renasceu a O. T. O. em 1895. Um dos livros secretos de Instruções alude à “história dos monges e cavaleiros da O. T. O. que se encontraram e se misturaram com os iniciados nos exércitos de Salah’ud Din e deles obtiveram o segredo chamado Baphomet, o Mistério da medida do Céu e da Terra”.

Esta fórmula data da remota antigüidade, sendo moderna, a sua fase Templária ou Bafomética, por comparação. O fato de que seja efetivamente sem restrição ao gênero de participantes, tem sido a causa de que seja severamente criticada por várias escolas arcanas.

4 Veja também Ocultismo São, pág. 130.

5 Veja Os Diários de Aleister Crowley, 25 de janeiro de 1921.

Crowley identifica Aiwaz como a imagem de Baphomet e diz que durante sua encarnação como Éliphas Lévi, ele “tornou-se como Ayin<sup>6</sup> ou Baphomet, O Diabo, com a Cabeça da Besta. Esta é a Besta entronizada, coroada, exaltada; o saltador, o ereto, o instrumento”. Ele continua dizendo que o útero da Mulher Escarlata é sua cidade, Babel ou Babalon. “Este Ayin é então minha Vontade-Fálica, meu Sagrado Anjo Gusrdião, Aiwaz, que foi posteriormente chamado Stan”. (Veja Baphomet, de Lévi, pág. 229, Magia Transcendental).

Os animais sagrados para os Yezidi são a cobra e o pavão. Lévi nota a equivalência simbólica desses dois animais. O simbolismo da cobra já foi explicado com alguma amplitude, o pavão simboliza a visão de tudo por causa dos inúmeros “olhos” incrustados em sua cauda em forma de leque. A cauda, o olho e o leque são símbolos do princípio feminino, poder ou sakti. Em particular, o simbolismo do olho está ligado ao Diabo através de sua afinidade com a letra Hebraica Ayin, o número 70, que como  $7 \times 10$  representa o aspecto mais material do número Sete (Sevekh, Venus). Na tradição Hindu, o pavão acompanha Krishna, o deus negro ou escuro. Krishna é o Grande Amante dos Puranas, e no Srimadhbhagavata ele aparece freqüentemente na forma de uma criança malvada, que sugere uma versão mais romanceada do Khart ou deus-anão, símbolo do poder fálico, O Ser de Silêncio. O khart é Hoor-paar-Kraat, o jovem deus do Silêncio sentado sobre um lótus, seu polegar ou dedo em sua boca. Acredita-se que Krishna teve uma encarnação como anão (Vamana), donde o simbolismo da fascinante “criança” a quem ninguém pode resistir. Donde, também, a conexão com o simbolismo sexual de Vama, ou Caminho da Mão Esquerda.

Num volumoso comentário no Livro da Lei, Crowley nota que Ra-Hoor-Khuit é a Criança Coroada e Conquistadora; nosso próprio Deus pessoal:



“A criança é o próprio Anão, a consciência Fálica, que é a verdadeira vida do homem, além dos seus ‘ véus ’ da encarnação. Temos que agradecer a Freud — e especialmente a Jung — por declararem esta parte da Doutrina Mágica tão claramente, e também pelo seu desenvolvimento da conexão da Vontade desta ‘ criança ’ com a Vontade Verdadeira ou Inconsciente e assim esclarecendo nossa doutrina do Ser do Silêncio ou Sagrado Anjo Guardião. Eles (isto é, Freud e Jung) são, naturalmente, totalmente ignorantes dos fenômenos mágicos,<sup>7</sup> e dificilmente puderam explicar até mesmo termos como Augoeides<sup>8</sup>; e eles devem ser seriamente culpados por não declararem mais abertamente que esta Verdadeira Vontade não deve ser sublimada ou suprimida; mas dentro de seus limites, eles fizeram um excelente trabalho”.

6 A palavra Ayin significa Um Olho; é um glifo da fonte secreta da Luz.

7 O leitor deve se lembrar que esta passagem foi escrita em 1920 antes que Jung tivesse adquirido a popularidade que gozou mais tarde.

8 Um termo derivado de a u °oð, a luz da manhã, a madrugada, e aplicada ao Sagrado Anjo Guardião por Crowley e outros. Foi primeiramente usada por Iamblichus em seu *De Mysteriis*.

De acordo com o Mahabharata, o clássico épico do Hinduísmo, o deus Indra uma vez tentou seduzir a mulher de um sábio renomado. Este último amaldiçoou o deus e imprimiu sobre ele mil marcas parecendo-se com a vagina, tanto que Indra tornou-se conhecido como As-yoni. Estas marcas foram mais tarde mudadas para olhos e o deus ficou então conhecido como Netra-yoni e Sa-hasrara, “o mil-olhos”. Em outras palavras, ele foi transformado num pavão. Esta lenda provém do antigo culto solar do Egito, pois os yoni — uma vez marcados com cicatrizes — serviram mais tarde como uma marca de vergonha. A lenda apoia a teoria de que a divindade adorada pelos Yezidi era feminina antes de ser concebida no molde masculino como Set ou Shaitan; que Aiwaz, como mensageiro, “segurador-da-taça” ou graal (isto é, transmissor do Poder dos Deuses) precedeu a versão masculina do “diabo”.

O simbolismo do pavão está implícito no nome de A} A} , pois na versão secreta e interna do nome da ordem, o segundo “A” significa o nome de um caractere místico<sup>9</sup>, tendo olhos por todo o corpo. Quando Hermes, o deus da Magia, matou-o, Hera colocou seus olhos da cauda do pavão.

No Livro Negro dos Yezidi, Shaitan exclama: “Não falem o meu nome nem mencionem meus atributos, ou serão culpados pois não têm o verdadeiro conhecimento, mas honrem meu símbolo e imagem”. O símbolo era o pavão;<sup>10</sup> a imagem era a serpente. Esta é “a serpente que dá Conhecimento e proveito e glória”, e para fazer despertar e ascender o Kundalini ou Serpente do Poder, Crowley foi instruído por Aiwaz a empregar “vinho e estranhas drogas”<sup>11</sup> cujo propósito era despertar os centros sutis para a atividade.

É necessário, neste estágio, dizer algo a respeito das zonas sutis e ocultas da consciência em seus aspectos de microcosmo e macrocosmo.

Há inumeráveis centros “sagrados” na face da terra, cada um sendo a contraparte ou reflexo de um sutil complexo nervoso no organismo físico. Setenta e dois mil plexos nervosos são citados pelos hindus em seus escritos sagrados.

Todas as nações antigas tinham seus centros de força na terra, focos ou forças transmundanas e cósmicas. Os nomes do Egito, por exemplo, foram mapeados de acordo com a distribuição de vários membros do Corpo de Osiris depois que ele foi reduzido a pedaços por Typhon. Aos centros do cuto correspondentes às várias partes do

- 9 Isto é, Argos. Veja qualquer dicionário de Mitologia Clássica.
- 10 Os olhos do pavão representam as miríades de fontes da luz criativa; eles também simbolizam Nuit, que ilumina os céus com suas “estrelas”.
- 11 O Livro da Lei, I, 22.

seu Corpo, foram alocados escrínios contendo réplicas lindamente esculpidas destes órgãos, e algumas vezes os originais — ou assim foi dito. O Falo de Osiris, em Het Benu no nomo de Mendes, é o mais importante relicário e ponto focal de antiga adoração. A adoração do Bafométrico ou Cabra Mendesiana ensaiava a ressurreição dos deuses-do-sol na casa da Cabra (desenho) — Het Baint — o útero de Isis.

Similarmente, na Índia, quando a deusa Sati foi partida em cinquenta e um <sup>12</sup> pedaços pelos discos de Vishnu, os lugares onde os vários membros caíram foram santificados pela construção de relicários ou monolitos sagrados. Kamrup, em Assam, foi particularmente reverenciada como sendo o repositório da yoni da Devi. Kamrup ou Kama-rupa (literalmente a imagem do desejo) é até os dias de hoje o foco espiritual para aqueles Tântricos que adoram a deusa com a ajuda de suas sacerdotisas, que possuem, naturalmente, o talismã característico da Deusa. Aqui em Kamrup ocorre a menstruação da terra, de acordo com a crença dos hindus.

Os exemplos acima de centros divinos é peculiar ao Egito e à Índia. Há, entretanto, um complexo mundial de centros e eles são refletidos em miniatura nos sete maiores chacras situados na contraparte sutil do corpo humano. Para ser mais preciso, os chacras funcionam através do sistema endócrino e assim afetam a humanidade nos níveis psico-físicos.

Os centros macrocósmicos estão amplamente distribuídos sobre a superfície da terra; um está localizado no Cairo, outro na Suméria, um terceiro nas Ilhas Britânicas, e o mais exaltado e espiritual de todos os centros está localizado na extremidade sul da Índia. Os três remanescentes estão situados na região Trans-Himalaiana do deserto do Gobi, nos Andes e na Califórnia, respectivamente.

O corpo etérico contém vórtices de imensa energia mágica que atrai e concentra dentro deles forças cósmicas do espaço extra-terrestre; eles têm afinidades com as principais glândulas endócrinas situadas no corpo físico, das quais sete são de importância primordial, e um ponto de vista ocultista. Eles também se correlacionam com os sete chacras ou centros físicos. As glândulas saturam o corpo com eflúvios sutis que fluem dentro delas pelas baterias da energia cósmica e extra-cósmica irradiada de planetas, estrelas e sóis.

O centro supremo de energia — o Chakra Sahasrara — não está localizado de todo dentro do corpo físico mas acima da sutura craniana, aonde, figurativamente falando, o Lótus de Luz Infinita floresce e banha com seu perfume a anatomia sutil do homem. O Sahasrara é o trono de Atman, o Eu Próprio no Homem que é conhecido como Brahma no Cosmos. É o Domicílio de Siva e é representado na terra pela Sagrada Colina de Arunachala no Sul da Índia. Este é o centro de culto do Caminho espiritual mais profundo aberto agora à humanidade, isto é, o Advaita-marg ou Caminho da Não-dualidade. Arunachala, a colina mais velha em existência é considerada como datando da fase Lemuriana da história da humanidade. A Luz Sabedoria Pura, Jnana, brilha através de Sahasrara. Está partida em mil pedaços pela multitude de suas pétalas. O néctar goteja perpetuamente sobre os corpos sutis e energiza os chacras abaixo dela, cada chacra

absorvendo e transmutando um pouco da Luz de acordo com seu próprio desenvolvimento espiritual.

As primeiras duas glândulas a serem animadas por ela são a pineal e a pituitária. A primeira está localizada no meio da cabeça do corpo físico e sua função é iniciar a corrente da Luz nos centros remanescentes e regular sua distribuição dos chacras correspondentes para o corpo etérico. A glândula pineal é apoiada pelo Ajna Chakra, que uma vez constituiu o Terceiro Olho ou Olho de Siva. Este é o Canal da energia espiritual direta e embora ele seja normalmente selado depois da puberdade, ele pode ser reaberto pela constante Inquirição própria (Atmavichara), qual seja pela verdadeira meditação ou através da livre consciência; este não é um processo mental, já que pertence aos planos sem forma do Ser puro do qual ela é, figurativamente falando, nada além de um lugar removido.

Ajna é servido pelas duas glândulas, pineal e pituitária. O lobo frontal do corpo da pituitária estimula os centros intelectuais situados no lobo frontal do cérebro; o lobo dorsal do corpo da pituitária afeta a base do cérebro onde estão situados os centros capazes de gerar inspiração poética e exaltadas aspirações. Os jatos de alto poder de criatividade sexual e iniciativa são controlados por este centro, que forma a Segunda pétala do lótus de duas pétalas do Ajna Chakra — a segunda pálpebra do Terceiro Olho. Através deste centro fluem as vibrações amalgamadas dos planos mentais mais baixos e dos astro-etéricos, aonde eles são subordinados à Luz pelo poder do Espírito (Atman).

No plano terreno, como que para contrabalançar a posição sulina de Arunachala, o centro Ajnic está localizado na região nordeste e trans-himalaiana de Gobi; é chamada algumas vezes de Shamballah, aonde uma concentração oculta de Vontade Cósmica irradia através de veículos dos assim chamados Mestres Ocultos, de quem Aiwaz é o Chefe no presente Éon.

A glândula tiróide, na região da laringe, é apoiada pelo Chakra Visudha. Esta glândula, em seu estado ativo, acentua a sensibilidade e conduz o indivíduo hipersensitivo a todas as espécies de sensações físicas, astrais e mentais. Se esta glândula estiver super estimulada há o perigo da megalomania, porque suas vibrações atraem entidades cósmicas procurando dominar a esfera terrestre através de impressões mânticas e verbais. No presente Éon, o centro de culto corresponde a este chakra está situado no Cairo, onde a Voz de Aiwaz manifestou e comunicou o Livro da Lei.

O maior complexo triplo consistindo de Sahasrara, Ajna e Visudha, corresponde à Tríade Suprema do Sistema Cabalístico, isto é, com Kether, Chokmah e Binah, as primeiras três Sefirot da Árvore da Vida. Os chacras Ajna e Visudha unem as três influências das emanções da pineal, pituitária e tiróide, concentrando-as no Chakra do Conhecimento Maior representado pela décima primeira Séfira — Daäth — que compreende Chokmah e Binah. As últimas estão representadas pelos poderes planetários de Mercúrio e Saturno: a Palavra e sua formulação na Matéria (a Palavra feita carne).

As glândulas timo e pâncreas são atribuídas ao Chakra Anahata. O timo, situado no peito, é o canal através do qual o Conhecimento Maior (Daäth) é levado para baixo para inundar os chacras abaixo do centro do Coração. Este é o centro Tiphareth; dois centros de culto refletem suas energias no plano terrestre. Diz-se que um destes centros secretos está situado numa montanha submersa dentro do mar, cerca de cem milhas da costa do Peru, na região dos Andes. Esta montanha corresponde a Arunachala, situada precisamente no extremo oposto do globo, de modo que se uma estaca fosse cravada através do planeta, Arunachala formaria um ponto no fim de um eixo espiritual supremo. Este eixo é a expressão macrocósmica da ligação entre Kether e Tiphareth, ou o Sahasrara e o Anahata — a Cabeça e o Coração.

O segundo destes centros de culto está em Glastonbury, o foco da Tradição do Mistério Ocidental, que afirma que esta região era uma casa de poder oculto muitas eras antes de se tornar o secreto baluarte do Santo Graal. Dion Fortune fundou sua Fraternidade da Luz Interior em Glastonbury, revivendo assim certos aspectos da antiga adoração nos nossos dias.

Na região do plexo solar, um pouco abaixo do chacra Anahata, está a glândula pancreática que representa uma parte muito importante naquele que é virtualmente o cérebro do corpo. O plexo solar, apoiado pelo Chakra Manipura, registra impressões de pontos inumeráveis na teia sutil do complexo da energia cósmica. Clarividência, ou vista através do plexo solar, é um fenômeno já comprovado. Clariaudiência também obtém aqui a razão de se de onde o corpo astral está baseado — através de seu revestimento etérico — sobre o fígado, e onde as mais potentes correntes etéricas fluem através deste órgão.

O centro do plexo solar está situado no esplênico e forma uma ligação com as radiações solares encontradas neste órgão através de meio do éter. Estas radiações geram estresses emocionais que descarregam seus eflúvios no complexo mais baixo da personalidade, que, se não controlada e transmutada pela Vontade do dinamismo espiritual, atrai as larvas fantasmas que assombram os cemitérios e salas de sessões espirituais.

As supra-renais são apoiadas pelo Chakra Svadisthana, que forma o ponto mais baixo do segundo triângulo dos Chakras no organismo psico-somático. Sahasrara-Ajna-Visudha formam o primeiro; Visudha-Anahata-Manipura, o segundo; Manipura-Svadisthana-Muladhara, o terceiro. Svadisthana é o foco das forças que nutrem a natureza animal e o instinto natural. As supra-renais, que segregam adrenalina na corrente sanguínea, são pequenas glândulas situadas acima dos rins. No sistema cabalístico, Yesod é a Séfira correspondente ou vórtex de energia. Esta é uma das espiras sagradas para os Yezidi e a ela é atribuído o centro de culto do Verão, que Crowley diz ser a cvena da primeira tomada de consciência do homem como uma mônada individual ou espírito. A simbologia complexa deste centro forma a substância do presente livro. É o centro de culto do Sol e da Lua, da Magia da Lua e do IX<sup>o</sup>, como o centro final — Malkuth é o da Terra e Saturno e do secreto XI<sup>o</sup>.

O ponto extremo mais baixo da Terceira Tríade é representada no organismo físico pelas gônadas, apoiadas no corpo etérico pelo Chakra Muladhara. As gônadas estão envolvidas diretamente no mecanismo da criatividade psico-física e reprodução sexual. Elas emanam potentes kalas, ou essências, que agem dinamicamente onde quer que seu impacto alcance. Suas radiações são usadas em todos os trabalhos criativos psico-mágicos assim como nas mais secretas fórmulas de regeneração, astral e física. Nesta região no corpo sutil dorme a primitiva Serpente de Fogo, Kundalini. Ela enfoca os “fogos” do plano físico - todas as correntes eletro-magnéticas de força “cega” que são altamente perigosas a não ser que sejam polarizadas pelo controle da Luz irradiante dos altos centros na região da Divina Tríade. No plano terreno, as energias deste chacra inferior — Muladhara — estão concentradas num centro oculto na Califórnia que somente agora está se tornando dinâmico; ele provará ser um conjunto de forças tremendas durante a evolução de ambos, o homem e o planeta no presente Éon de Horus.

As gônadas são apoiadas pelo Chakra Muladhara; Malkuth do sistema cabalístico. Como a Lua de Yesod controla o aspecto de criatividade sexual de Kundalini, assim as correntes terrenas são representadas pela Esfera de Malkuth — A Séfira da “Noiva”. Esta é a esfera das emanações mais materiais da Luz e suas conexões com a misteriosa fórmula da regeneração, ou ressurreição, através do XI<sup>o</sup>. O número de Malkuth é 10, o Pilar e o Óvo; e o número de Kether, a Luz Suprema, é Um, ou Unidade. Malkuth e Kether em conjunção somam 11, o número da Magia e daquela décima primeira Palavra que é feita carne por um processo da magia sexual que os Yezidi praticavam e do qual os Árabes davam uma pista em seus mais antigos livros sagrados. Há

um dito cabalístico: “Kether está em Malkuth e Malkuth está em Kether, mas depois de outra maneira”, e seu significado deve ser procurado nos Mistérios do XI<sup>o</sup>.

Como o corpo humano é uma bateria de energias e uma réplica exata em miniatura do macrocosmo, será visto como estão tão intimamente interligados todos estes focos, centros, chakras ou vórtices. O corpo está baseado sobre, ou formado em torno de sete centros maiores através dos quais as radiações cósmicas fluem e interagem sobre as suas próprias emanções eletromagnéticas. Os antigos egípcios conheciam a posição aproximada destes centros no corpo humano e, como já previamente citado, simbolizavam-nos por certos nomes da terra que eles habitavam. A ciência física está vagarosamente começando a considerar a possibilidade do influxo e da influência sobre o sistema endócrino das gigantescas radiações cósmicas emanadas para além do sistema solar e é significativa, em vista da preeminência do sagrado número 11 no Culto de Crowley, que o próprio sistema solar (com nosso sol e seu coração) respire como um corpo humano, o vasto ciclo respiratório levando onze anos para passar através de seu coração, o sol.

O assunto dos chakras era um dos que preocupava profundamente a Crowley, e preocupou outros ocultistas. Ele conduziu extensas pesquisas nos principais chakras assim como notou certos centros não menos misteriosos que não são descritos no textos padrões da Yoga. Numa carta (datada de 1916) a um Irmão chamado Keefra, cuja identidade atual não é conhecida, Crowley escreveu:

“Eu estava muito interessado em suas observações sobre os três chakras inferiores e sobre os quais você dispendeu algum tempo de exploração.

“Parece que um conjunto especial de nadis (nervos) alimenta o lótus Muladhara como se ele tivesse três raízes. A fonte destas três raízes está nos três centros que você mencionou. Mas eles não são lótus da mesma ordem dos Sete sagrados.<sup>13</sup> Por uma coisa, eles não são protegidos pela espinha e não entram neste simbolismo. Eles se comparam com os Sete como os invertebrados se comparam com os vertebrados no reino animal, ou fungos com flores no reino vegetal.

“O lótus anal tem oito pétalas, é de profundo carmesim, incandescendo para a cor da papoula quando excitado, sendo o centro de rico marrom dourado à semelhança de uma pintura de Rembrandt. O lótus contém um certo mistério do Apana-vayu (ares vitais).

O lótus da próstata é como um peridoto, extremamente translúcido e límpido. Seu centro é tão claro e branco como um diamante. As pétalas são numerosas, eu acho que são trinta e duas.

O terceiro lótus está na glans penis, perto da base e da superfície inferior na linha média. É de um púrpura surpreendentemente rico, com uma radiação de lilás mesclando com o ultra-violeta. O centro é dourado como o sol e dele saem raios de escarlate e puro azul alternativamente. Dentro deste centro dourado há um ponto escuro de raios infra-vermelhos. A concentração próxima a este ponto é extremamente difícil devido à sua violência. (Esta estranha palavra expressa bem o fato). Eu não tive tempo de entrar nele adequadamente.

“Eu não acho que haja nenhum perigo em vivificar estes três lótus, se a pessoa tiver previamente despertado os centros superiores, e especialmente se o Kundalini foi treinado a banhar diariamente no Chakra Svadisthana. Seria impróprio começar o trabalho com eles, embora, e deveras, como eu lhe disse, eu acho melhor começar com nada abaixo de Anahata, embora seja mais difícil despertar o Kundalini desta maneira.

“P.S. Na fêmea da espécie humana, estes três lótus também existem, mas de uma form diferente. O lótus anal é como o do macho, porém menor e menos brilhante.

“O segundo dos chacras está situado entre a uretra e o cervix uteri (útero cervical). É um lótus muito grande com miríades de pétalas, de algum modo difusas e como um repolho. Sua cor é um cinza neutro, mas na gravidez ele se torna de uma laranja brilhante e como uma flor; ele é extremamente sensível e absorvente e constitui o maior perigo para as mulheres. Influências estrangeiras invadem-no facilmente, e causam histeria e obsessão. Durante o catamênio, em particular, ele é inundado com listras vermelhas e marrons e parece corroído.

<sup>13</sup> Crowley descreve-os no Livro Quatro, Parte II, págs. 70, 71.

“O terceiro lótus está na base do clitóris. Este é pequeno mas extremamente brilhante. As pétalas são em número de quarenta e nove, sete fileiras de sete, cada uma. A cor básica é um rico verde oliva, algumas vezes parecendo esmeralda. As folhas têm veios de vívido azul ultramarinho. O centro é rosa carmesim, com pistilos dourados sobre pecíolos emplumados de branco enevoados. As folhas têm bordas pérola e púrpura”.

5

## DROGAS E O OCULTO

(DESENHO)

Foi Allan Bennet (Frater Iehi Aour) quem introduziu Crowley ao uso de drogas entre 1898 e 1899. Este Adepto do Golden Dawn já tinha experimentado alguns dos transe espirituais ao tempo em que Crowley o conheceu. De Iehi Aour — Que haja Luz! — Crowley escreveu:

“Nós o chamávamos de Cavaleiro Branco, de Alice no Espelho. Tão adorável, tão inofensivo, tão não-prático! Mas ele era um Cavaleiro também! E Branco! Nunca houve um homem tão branco na terra. Ele nunca caminhou na terra tempouco! Um gênio, um gênio sem mácula. Mas um gênio terrivelmente frustrado.

“Asma espasmódica: Contínua através de meses de drásticos remédios — que não remediavam nada! — empurravam para o limite do perigo; raros intervalos de abençoada paz, cujo preço era a fraqueza mortal. Mas através de tudo a calma do espírito indomável caminhava no empíreo, e o temperamento radiante e angélico rasgava o clor da amizade.

1 Dr. Bernard Dyer era um analista público e químico de reputação internacional. Ao tempo da associação de Bennet com ele, o Dr. Dyer era o analista oficial da London Corn Trade. Ele tinha um laboratório no número 17, Great Tower Street, Londres, E.C.

“Ele era um homem de ciência; o mais promissor estudante de Bernard Dyer <sup>1</sup> mas uma aparência doentia impedia-o de ter um emprego e ele era desesperadamente pobre. Eu consegui um quarto para ele perto do meu apartamento em Chancery Lane, e instalei-o para que pusesse suas idéias em ordem.

(FOTOLITO)

### Legenda do Fotolito

Lam, uma Inteligência estra-terrestre com a qual Crowley esteve em contato astral em 1919. Este desenho de Crowley apareceu numa mostra em Greenwich Village, Nova York, no mesmo ano.

### FOTOLITO

### Legenda do Fotolito

Aleister Crowley em 1910. Desenhado de memória por Austin Osman Spare em 1953.

- 2 Dr. Bernard Dyer era um analista público e químico de reputação internacional. Ao tempo da associação de Bennet com ele, o Dr. Dyer era o analista oficial da London Corn Trade. Ele tinha um laboratório no número 17, Great Tower Street, Londres, E.C.

Ele era conhecido por toda a Londres como um dos Mágicos que podiam realizar realmente grandes feitos. Houve por exemplo uma festa na casa de Sidney Colvin.<sup>2</sup> A conversação girou em torno de ‘varinha mágica’ e alguém debochou dela em alta voz. Allan sacou de sua vareta de bolso, um pingente de um candelabro e apontou-a para o incrédulo. Quinze horas depois os médicos trouxeram-no de volta à consciência...

“Aos dezoito ele (isto é, Bennet) teve um acidente — eu acho que único. Dois dos mais importantes estágios no treino da Yoga são chamados Atmadarshana e Shivadarshana. No primeiro o Universo inteiro, atado firmemente como uma Unidade homogênea e despidido de todas as suas condições ou categorias, é unido com Eu puro do Yogi — igualmente purgado de suas condições — num Ato único e supremo. E isto, embora nenhum Sujeito ou Objeto permaneça, resulta num Estado Positivo. No último, este Estado é aniquilado.

“Em Allan Bennet aos dezoito, sem treinamento ou preparação de espécie alguma, este Shivadarshana ocorreu espontaneamente! Ele foi, naturalmente, instantaneamente arremessado de volta outra vez. O efeito, mesmo sobre os homens bem treinados durante anos de árduo trabalho é absolutamente devastador. É uma maravilha que Allan tenha sobrevivido e conservado sua razão. Mas ele o fez; e conservou memória suficiente do evento para jurar a si próprio: Esta é a única coisa que vale a pena. Eu não farei nada mais em minha vida do que descobrir como voltar a isto”<sup>3</sup>

Uma das grandes ironias do relacionamento entre Bennet e Crowley está no fato de que o último acreditava que por prolongar a vida de Bennet (o que ele fazia por meios mágicos<sup>4</sup>) e habilitá-lo a viajar para o Leste pelo bem de sua saúde, Bennet plantaria a bandeira de Thelema nas terras da Ásia. Ao invés disso, com a história testemunha, Bennet trouxe o Budismo para o Oeste! O fato está expresso humoristicamente em versos, por Crowley:

- 2 Crowley descreve Colvin como “um colecionador de pessoas incomuns”.

- 3 De um manuscrito não publicado intitulado Origens.  
4 Veja As Condições (1969), capítulo 21.

4 - TMR

A Madrugada era Dourada quando você encontrou o guia  
Entre os maciços pilares Brancos e Negros;  
Você tomou o barco que flutuava com a maré,  
Para não deixar nenhum traço

Eu o encontrei áureo para que você pudesse ir além  
E levar minha Mensagem para outra terra;  
Eu esperava que você pudesse levantar minha Espada Mágica  
Sobre uma outra praia

Buddha, que morreu de comer muito porco  
Enredou a sua alma; com suínos coribantes;  
Você embriagou-se para cavalgar uma música porcina  
Sob um vinho alienígena

Amarelo o seu coração — tão amarelo quanto a vestimenta  
Que você usava — a cor do espião bajulador  
Que de dentro trai a torturada cidade  
Quando a vitória está perto

Rosher<sup>5</sup> estava cego, mas viu a Visão Esplêndida,  
Fielder<sup>6</sup> estava louco e Loveday<sup>7</sup> possuído;

Mas você encontrou a si mesmo, antes que a sua monótona jornada terminasse  
Rejeitados pelos mortos.

Mas antes que estes eventos ocorressem, Bennet incendiou a imaginação de Crowley com pistas de uma tradição mágica que apresentava uma certa droga rara e potente para “abrir os portões do Mundo atrás do Véu da Matéria”. No apartamento em Chancery Lane, onde Crowley vivia sob uma variedade de pseudônimos e onde ele entretia mulheres voluptuosas, Bennet e ele experimentaram muitas das drogas bem conhecidas e várias outras “estranhas” também.

- 5 Charles Rosher era associado com a Golden Dawn. Crowley acreditava que a cegueira de Rosher era realmente uma punição por negligenciar o Grande Trabalho. Ele foi reduzido à pobreza e morreu sem amigos.
- 6 A identidade deste homem permanece desconhecida.
- 7 Raoul Loveday que bebeu água poluída na Abadia de Crowley de Thelema em Cefalu e morreu em consequência disso.



Por causa de sua asma, que era violenta e ininterrupta, Bennet tinha o hábito de tomar ópio, morfina, cocaína e clorofórmio, num ciclo. Levava cerca de dois meses para completar um ciclo. Após a total prostração do corpo que estes ataques produziam, tendo ficado esgotado, o ciclo recomeçava, deixando Bennet em breve repouso. Ele não era, portando, nenhum noviço em matéria de drogas.

Não havia proibição legal quanto às drogas no tempo dos primeiros experimentos de Crowley. Num papel de cocaína, por exemplo, ele diz que “os melhores homens podem usar drogas com benefícios para si próprios e par a humanidade”. Ele cita Herbert Spencer “que tomava morfina diariamente, nunca excedendo uma certa dose. Wilkie Collins, também, superou a agonia da gota reumática com laudanum e e nos deu obras primas não superadas”. Mas, ele continua, alguns foram longe demais. Baudelaire crucificou a si mesmo, mente e corpo, em seu amor pela humanidade; Verlaine tornou-se finalmente o escravo onde ele havia sido por tanto tempo o Senhor. Francis Thompson matou-se com ópio; assim também fez Edgard Allan Poe. James Thomson fez o mesmo com o álcool. Os casos de Quincey e H. G. Ludlow <sup>8</sup> são menores, mas similares, com laudanum <sup>9</sup> e haxixe, respectivamente. O grande Paracelso, que descobriu hidrogênio, zinco e ópio, deliberadamente empregou o excitamento do álcool, contrabalançado por violento exercício físico, para trazer à tona os poderes de sua mente.

“Coleridge fazia o melhor quando sob o efeito do ópio, e nós devemos a perda do fim de Kubla Khan à interrupção de um importuno ‘homem de Porlock’ , para sempre amaldiçoado na história da raça humana”.

Crowley experimentou não somente narcóticos, mas drogas como datura, suco da Vedic Soma, ou planta-Lua, e a Bebida Negra dos Índios da Flórida.

A típica Árvore sagrada, ou Árvore da Vida foi ela mesma baseada nas árvores atuais cujos frutos ou casca produziam sucos alcoólicos ou narcóticos. Estes eram usados para a indução de condições de transe e êxtases religiosos em tempos antigos. Os egípcios destilavam o suco do sicômoro, a sagrada árvore do figo. E porque se notou que os mortais que bebiam dele eram transformados em espíritos imortais, capazes de penetrar no mundo dos espíritos e comerciar com espíritos desencorporados e outras entidades sutis, o líquido foi “mitificado” como nectar, ambrosia, uma bebida feita para deuses. Na África, uma palmeira dava nectar, já fermentado. Na Índia, era a árvore de Peepul. O suco de Peepul colocava os homens em pé de igualdade com os deuses, permitindo-lhes ver através do passado e do futuro, transcender espaço e tempo e saber os segredos das regiões escondidas do

8 Veja o Equinócio, I, IV, para extratos do Comedor de Haxixe de H.G. Ludlow.

9 Crowley estava descuidado aqui: De Quincey era, naturalmente, viciado em ópio.

Universo. Intoxicação era um modo de se comunicar com espíritos e tornar-se um espírito, apesar do termo “espírito” — mesmo ainda — sugerir ambos, as sombras dos mortos desencorporados e os bêbados mortos. Adivinhadores e Mágicos inebriados por bebidas e drogas eram considerados sagrados como oráculos dos deuses ou espíritos que falavam por suas bocas palavras de suprema sabedoria. Como diz o Sama Veda:

“Nós bebemos o Soma brilhante em grandes goles  
E ficamos imortais,  
Entramos na luz  
E conhecemos todos os deuses”

As idéias do espírito e calor sexual são também compreendidas em um dos glifos egípcios para licor intoxicante — Sakh,, que tem como seu determinativo a leoa, Sekhet, a deusa do calor de verão, do Sul, do Fogo sexual que é o espírito ou inspirador, literalmente o Sakti, do macho. Mas qualquer que seja a bebida ou droga, Crowley usava-as todas em sua pesquisa pelo misterioso elixir potente para tirar o selo dos portões do mundo invisível. Ele também desejava comparar os estados de consciência induzidos pelo seu uso com aqueles resultantes da loucura, obsessão e exaltação mística.

Com Allan Bennet ele realizou vários experimentos com cicuta e obteve clarões do mundo atrás do véu; mas estes clarões eram rápidos e esporádicos. Ele, portanto, fixou-se em experimentar sistematicamente todas as drogas conhecidas. Ele estudou o assunto em livros teóricos e na prática, sob a orientação de especialistas. Ele se recusava a acreditar de que a teoria da fascinação irresistível estava correta e estava determinado a provar que a Vontade magicamente consagrada era o único guardião contra a viciação; que a proibição aumentava o perigo e fazia o consumidor de droga um criminoso em barganha.

Ele testou estas teorias em si próprio e descobriu que nenhuma das chamadas drogas viciantes tinha nenhum desses efeitos sobre ele. Mas em 1919, a heroína ( que ele só tinha usado previamente uma vez) foi prescrita para a sua asma e bronquite por um médico de Harley Street. Crowley, como Bennet, era sujeito a violentos acessos de asma, que ele atribuía às suas experiências no Himalaia em 1901. Numa carta escrita após a morte de Crowley, entretanto, o Frater Achad (Charles S. Jones) dizia que a asma de Crowley era o resultado de uma tentativa deliberada dele para destruir sua ( de Achad) esposa. Crowley, parece, culpou-a de envenenar a mente de seu marido contra ele. Ruby Jones sofreu muito com asma, mas ela cessou abruptamente no momento em que Crowley lançou seu ataque mágico. Longe de ser destruída, ela se encontrou completamente curada; mas daquele momento em diante, Crowley foi afligido com a doença e ela o atacou intermitentemente pelo resto de sua vida.

O quanto disto é um fato real, e quanto é devido à paranóia de Achad, permanece incerto. Crowley ignorou as acusações de Achad e sempre atribuiu a doença às suas experiências em escalar a encosta do Kanchenjunga, que antecederam em muito o incidente com Achad. Em As Condições (pág. 856), ele se refere à sua asma como sendo “cobrança do Deus das Montanhas”.

Devido às suas queixas, que eram por vezes severas, Crowley foi forçado a usar heroína mais e mais freqüentemente <sup>10</sup> e pelo ano de 1923 ele descobriu que um hábito físico e não moral tinha sido firmemente estabelecido. Ele testou seu poder para pará-lo e descobriu que era capaz de fazê-lo , mas com grande pesar, por três ou quatro dias de cada vez. A história de sua batalha e de seu triunfo final sobre a droga está registrado no Liber 93 vel Nihl, <sup>11</sup> cuja primeira parte é intitulada “A Fonte de Jacinto” . É um documento terrível, iluminado por clarões da profunda e última esfera da Iniciação, além dos marcos dos quais as drogas o permitiram ultrapassar. Ele passou pela Provação e — de seu Registro Mágico - parece que ele conseguiu o mais alto Grau possível da Grande Irmandade Branca, isto é, o Grau de Ipsissimus, 10º = I □ A}A}

De sua atitude com as drogas mais tarde ele escreveu:

“A maior parte das idéias fixas sobre drogas é superstição: eu tenho observado longamente este fato com relação a muitos. Mas quanto mais eu aprendo, maior é o montão de lixo de declarações aceitas. Por exemplo, com éter, haxixe, mescalina, fumantes de ópio e morfina, eu não encontro tendências a qualquer vício. Mais ainda, eu sou incapaz de forçar a mim mesmo a usar de todas estas drogas, exceto nas mais raras ocasiões. E eu tenho as mais prazerosas e lucrativas experiências em conexão com elas. Com heroína e cocaína, ao contrário, eu não tenho muito a agradecer-lhes; e houve uma enorme grau de aborrecimento com relação a elas. E assim é por estas e estas somente que eu anseio. Eu começo a ter uma grave suspeita de que há um complexo masoquista no fundo de tudo isto”.<sup>12</sup>

Há, deveras, um componente pronunciadamente masoquista nos feitos de Crowley conforme provado por certas passagens em seu Registro Mágico. Em vista desse fato, permanece um mistério o porque, embora Crowley tenha se consorciado com prostitutas e várias espécies não ortodoxas de mulheres, de não se saber que ele tenha procurado, deliberadamente, ou recebido fortuitamente, nenhuma gratificação desse desejo, exceto na única instância concomitante com a sua Suprema Provação, e o Voto de Sagrada Obediência que ele prestou a Alostrael, sai Mulher Escarlata, durante a Grande Iniciação ao Grau de 10<sup>o</sup> = I<sup>E</sup>, cujas preliminares ocorreram em 1920.<sup>13</sup>

- 10 Mais tarde em sua vida Crowley negou o fato de que a heroína aliviava a sua Asma, embora ele achasse alívio instantâneo na violenta bronquite que também o atacava freqüentemente.
- 11 Nikh, a Deusa Grega da Vitória, soma a 93, que é também o número de Thelema (Vontade).
- 12 Liber 93.
- 13 Veja o Registro Mágico de Crowley, período de Cefalu. Alostrael (Leah Hirsig) sujeitou-o a vários graus de degradação incluindo o consumo de seus próprios excrementos.

Seus experimentos com drogas permitiram-lhe refutar as errôneas concepções populares. Suas próprias experiências provaram que as declarações dos que eram considerados doentes, pró e contra o consumo de drogas, eram grosseiramente exageradas a respeito de ambos os perigos e suas delícias. Ele também mostrou que a ação de uma droga específica varia de acordo com a saúde ou doença e disposição geral da pessoa e demonstrou que as várias razões porque o povo se volta para as drogas determina em uma grande extensão o efeito que as drogas têm sobre ele, assim como a espécie de influência estabelecida. Ele dá uma dúzia de razões por que o povo toma drogas: a procura de novas sensações; falha em se adaptar ao ambiente; hipocrisia; ambição em adquirir poder e conhecimento sobre-humano; o estresse da vida moderna; excesso de imaginação; excesso de sensibilidade; tédio; dor; fraqueza moral; ignorância, vício.

No que concerne à hipocrisia — um motivo que pode não ser aparente de pronto — ele sugere que em países onde a sociedade condena prazeres normais, aqueles que temem a censura pública recorrem a vícios secretos. Dor, por outro lado, pode ser olhada como uma desculpa legítima, enquanto a ignorância se aplica a pessoas que — talvez envolvidas por alguma das outras razões — tomam drogas porque é o que se espera delas.

A única desculpa realmente legítima para recorrer às drogas é a científica, isto é, para a aquisição de poderes e conhecimento sobre-humano, o que inclui inspiração poética ou outra forma qualquer de dinamismo criativo.

Crowley analisou os resultados do abuso de certas drogas sob os seguintes títulos:

(a) Álcool: o abuso cujos abusos são por demais conhecidos para requererem menção específica; (b) Éter: o mesmo que com o álcool mais paralisa; (c) Haxixe: insanidade; (d) Anhalonium Lewinii: insanidade; (e) Cocaína: colapso nervoso, insanidade; (f) Ópio (fumar): maus resultados raros; (g) Morfina: colapso nervoso, loucura, insônia, problemas digestivos; (h) Heroína: como Morfina, com grande embotamento e depressão.

Por outro lado, o domínio destas drogas pode conduzir à aquisição de novos estados de consciência e um aprofundamento da análise do caráter e introspecção que não se obtém por outros métodos, exceto aqueles pertinentes a técnicas especializadas de Yoga.

Crowley descobriu que o éter provou ser inválido para análise mental. Pelo seu uso ele foi capaz de descobrir seu julgamento final em qualquer assunto e rastrear o pensamento até sua fonte na consciência pura. Ele confere a habilidade de distinguir e apreciar os elementos de cujas sensações é composto. Ele compara éter com álcool com respeito ao seu poder de enfatizar o humor prevalecente na hora de ser tomado. Em 1917 ele desenvolveu experimentos com esta droga em conexão com prana (força vital, respiração) e os chacras ou centros corporais de força vital:

“Éter fez com que todo o corpo incandescesse, mas após o intercurso sexual o ardor cessou acima do chakra Muladhara, na base da espinha. O ardor particular induzido desse modo era de uma natureza esférica ou áurica, não gangliônica como se ele devesse ter sido ou como ele teria sido se fosse de origem nervosa”.

Disto ele concluiu que a teoria da aura estava provavelmente correta.

Num escrito sobre o éter ele diz:

“Experimentos conduzidos (em tempos adversos, começando em julho de 1916) em minha própria pessoa, convenceram-me de que a técnica particular de administração do óxido de etil em combinação com certos exercícios mentais permitem ao experimentador averiguar (1) o valor da relação de um dado pensamento ou faculdade com a soma de suas características mentais, (2) a opinião final do experimentador sobre qualquer assunto; na frase popular, ‘o que está no fundo do frasco’.

“Enquanto, naturalmente, a completa inconsciência foi freqüentemente atingida (em operações cirúrgicas, etc.) nunca foi averiguado o que ocorre neste estado (de anestesia induzida pelo éter) ao indivíduo saudável e normal quando ele treina a si próprio para atingir um pensamento através de um período de inconsciência, tanto que existe completa identidade entre o último pensamento antes de perder, e o primeiro após recobrar a consciência.

“É sugerido que o conhecimento neste ponto poderia lançar luz sobre (a) a psicologia da morte, (b) a consciência pós-morte, assumindo que após a morte do corpo, o indivíduo ‘desperta’ numa outra forma de vida”.

Durante minha estada com Crowley em Hastings em 1945, eu usei éter em vários experimentos mágicos que ele escolhera para testar meus poderes de visão astral. Ele desenhava um glifo ou

símbolo que me era absolutamente desconhecido e eu prosseguia como segue: com os olhos fechados eu imaginava a superfície escura de uma porta, fechada e colocada numa parede vazia. Quando esta imagem mental não se desvanecia, mas não antes, eu sobrepunha o símbolo sobre ela de modo que ele incandescia vívidamente em luz branca. Ainda firmando a imagem, eu inalava o éter. Conforme eu inalava, o símbolo parecia crescer intensamente brilhante, aumentando ou diminuindo em tamanho a despeito de minhas tentativas para mantê-lo firme. Tomou-me algum tempo para sobrepujar este defeito de concentração. Quando a imagem permanecia invariável, eu prosseguia para o próximo estágio do experimento que era visualizar a gradual abertura da porta na parede. A vista além dela estava envolta em névoa obscura. Eu transferia o símbolo para a névoa e então projetava minha consciência através da porta pela minha vontade de ir através dela. Eu me encontrava, subitamente, despojado do meu corpo; uma sensação de extrema leveza e liberdade caracterizavam meus movimentos. Eu me encontrava rodeado por uma paisagem não familiar iluminada de dentro dela. Parecia tão real, senão mais real, que uma paisagem mundana. Ela equivalia de um modo ou de outro a uma região do plano astral consoante com a natureza do símbolo visualizado. Figuras semelhantes a seres humanos pairavam e flutuavam nas proximidades e presentemente eu era capaz de estabelecer comunicação inteligente com elas, como com criaturas de sonho.

Embora, depois de alguma prática, eu pudesse chegar a esse estágio do experimento sem inalar éter, a droga não apenas acelerou mas intensificou as experiências subseqüentes.

Em seu escrito sobre o éter, Crowley observa as condições mais favoráveis a este tipo de experimento. Uma das condições que ele não descreve, entretanto, e uma das que mais pesaram em meu próprio caso, foi a influência direta do próprio Crowley. Sem a sua presença o processo de passar através da porta e de projetar a consciência na região além dela tornou-se de grande dificuldade e o sucesso só foi atingido depois de muito esforço.

Crowley achou útil o haxixe para análise mental porque ele ajuda a imaginação e aumenta a coragem. A gênese de idéias e conceitos imaginativos é revelada algumas vezes como uma série de quadros. O assunto é tratado extensivamente em *O Equinócio*, volume I, números 1, 2, 3 e 4, que contêm interessantes artigos de E. Whineray e H. G. Ludlow,<sup>14</sup> a tradução de Crowley do Poema do Haxixe de Baudelaire, e um cômputo das pesquisas de Crowley com a droga, intitulado *A Psicologia do Haxixe*, que ele escreveu sob o pseudônimo de Oliver Haddo, o nome de um personagem de Somerset Maugham em *O Mágico*, baseado em Crowley.

Haxixe é de uso especial para os ocultistas porque ele abole a subconsciência. Em *O Trabalho de Amalantrah* (1918), Crowley observa que “um experimento com haxixe é quase como ir a um cortiço — fica-se espantado com a variedade de impressões vívidas. Eu acho que isto é causado por um reconhecimento Freudiano. Vê-se de novo as coisas que costumam ser familiares numa consciência mais simples — coisas há muito tempo enterradas — a mesma emoção que revisitar a infância. É portanto um retorno ou uma regressão na estrutura mental; uma degeneração. Então vemos que a análise representa retroagir e a síntese, avançar. Isto é outra vez uma prova da natureza de Choronzon.<sup>15</sup> Como a dispersão representa a análise ou destruição, ele é o inimigo do homem cuja fórmula é a criação pela síntese. Esta síntese é o Amor. Como está escrito, O Amor é a Lei. Mas esta síntese deve ser moralmente apontada para um propósito definido do qual o amor é apenas o método. Confrme está escrito, Amor sob Vontade. A lei de Thelema é consequentemente uma declaração completa baseada nos fatos da estrutura da mente.”

14 Este número de *O Equinócio* contém extratos de *O Comedor de Haxixe*, de H. G. Ludlow, que se baseia nas características peculiares da ação da droga.

15 Sir Edward Kelley, o astrólogo da Rainha Elizabeth I, definiu Choronzon como “aquele diabo poderoso”. Isto significa enorme confusão e é a essência de toda a desilusão; um poder qlifótico que Crowley descreve como “o contrário metafísico de todo o processo da Magia”.

Anhalonium Levinii é como haxixe e éter no sentido de que ele proporciona a alguém o modo de ir por trás de idéias superficiais e rastrear sua fonte. Isto é útil em tais práticas como o Atmavichara, pesquisa sobre a natureza do Ser, que forma a prática de meditação básica dos Hindus Advaitins. No sistema cabalístico, estas duas drogas são igualadas por Crowley com o Séfiro Netzach e Hod.<sup>16</sup> Elas produzem, em um estado de humor, as visões voluptuosas características de Vênus na esfera de Netzach, e, em outro, poderes de discriminação auto-analítica, característicos de Mercúrio na esfera de Hod.

A morfina tende a ajudar a concentração e alivia a pressão da ansiedade. Como o ópio, ela ajuda a imaginação criativa. Objeções ao uso destas duas drogas consistem no fato de que elas prejudicam a habilidade de execução, de modo que as idéias que elas inspiram permanecem estéreis e são raramente levadas a efeito na vida prática. Como é bem conhecido, o ópio tem a virtude de aliviar a dor e conferir tranquilidade filosófica.

A cocaína evita a fadiga e permite à pessoa trabalhar com toda a pressão por um período indefinido. Crowley observa seu poder de dar persistência, sua voluptuosidade traiçoeira e sua qualidade de anestésico. Por estas razões ele tende a atribuí-la a Escorpião mais do que a Leão. O fato de que Marte rege a Casa de Escorpião explica esta atribuição e sua aptidão para o aspecto energético da cocaína, que pertence a Chokmah<sup>17</sup> pela virtude de sua ação direta nos mais profundos centros nervosos.

A heroína combina as virtudes do ópio e da cocaína. Ela excita a imaginação, ajuda a concentração e induz a calma. Diferente do ópio e da morfina, entretanto, ela aumenta o poder de execução e a persistência.

A luta pela vida e morte que Crowley travou contra a heroína está descrita no Liber 93. Já no fim de sua vida ele escreve:

“Não há ânsia de todo (pela droga) quando eu estou livre de (a) cuidados, (b) tédio. Para alcançar um mínimo fisiológico eu preciso ter (1) um massagista diário para me levantar e movimentar, (2) um suprimento de livros e um horário forçado de visitas protetoras, (3) secretário à minha vontade (4) companhia, (5) comida e bebida”.<sup>18</sup>

No mesmo diário ele escreve que 1914 foi a data provável de seu primeiro experimento com heroína<sup>19</sup> tomando alguns três grãos por dia. Depois de tremenda batalha contra a droga — à qual já foi feita referência — ele conseguiu libertar-se completamente dela e não há registros posteriores de seu uso até que, em 1940, sete anos antes de sua morte, seu médico começou a prescrever — ou 1/6 de grão para insistentes ataques de asma. As queixas foram de novo agudas e este é o segundo registro de consumo de heroína em seus diários por muitos anos. Daquela ocasião em diante, até sua morte em 1947, ele tomou com firmeza, doses crescentes até que em 1946 se lê sobre doses tão grandes quanto 6 grãos por dia.

- 16 Séfiro sete e oito no diagrama da Árvore da Vida, q.v.  
17 O segundo Séfiro da Árvore da Vida.  
18 Extrato de um diários sobre drogas, 1943.  
19 Isto é, um incidente isolado. Veja pág. .... acima (ATENÇÃO REVISOR)

Seu uso excessivo da droga entre 1920 e 1922, ele atribui à ansiedade financeira, falta de estímulo (correspondência com chelas, <sup>20</sup> etc.) e sua inabilidade de conseguir que suas obras fossem publicadas.

As conclusões a que ele chegou com respeito à droga no Liber 93 levaram-no a declarar que sua experiência deveria servir como um caso *prima facie* para uma revisão revolucionária das extensas teorias médicas sobre o assunto, e da legislação relativa à venda de heroína e drogas similares.

É evidente de um estudo dos escritos de Crowley que ele usava drogas com o firme propósito de invocar e questionar os espíritos, em muitos modos iguais aos de Kelley e Dee quando questionavam os espíritos que apareciam em sua aparência de pedra.

Em um comentário no Livro da Lei (Capítulo2, verso 22) ele escreveu:

“Vinho e estranhas drogas não fazem mal às pessoas que estão fazendo a sua vontade. Eles somente envenenam pessoas que são cancerosas pelo Pecado Original. Se você for realmente livre, você pode tomar cocaína tão simplesmente como balas e água salgada. Não há melhor teste para uma lama do que sua atitude quanto às drogas. Se um homem é simples, sem medo, ambicioso, ele estará muito bem; ele não se tornará um escravo. Se ele tiver medo, ele já é um escravo. Deixem o mundo todo tomar ópio, haxixe e o resto; aqueles que estão sujeitos ao abuso delas estariam melhor mortos.

“Porque é no poder de todas as drogas chamadas intoxicantes que reside a revelação para o homem. Se esta revelação for uma Estrela, então ela brilhará cada vez mais para sempre. Se ela for um Cristão — uma coisa não de homem ou de besta, mas uma mente em confusão - ele usará a droga não pelo efeito analítico mas pelo seu efeito estupefaciente. Lytton tinha uma boa história sobre isso em Zanon. Glyndon, um iniciado, toma um Elixir e observa não Adonai, o glorioso, mas o Morador no Limiar. Lançado longe do Santuário, ele se torna um ébrio vulgar.

“Nós de Thelema, achamos vitalmente correto deixar um homem tomar ópio. Ele poder destruir seu veículo físico entretanto, mas ele pode produzir um outro Kubla Khan. É de sua inteira responsabilidade”.

Em certas operações mágicas que Crowley desenvolveu (por exemplo o Trabalho Abuldiz em 1911, o Trabalho de Paris em 1914 e o Trabalho de Amalantrah, 1918) uma variedade de drogas foi empregada.

Cocaína, que ele atribui ao elemento Fogo, foi usada para fortificar a vontade, ajudando então a conservar o objeto da operação firme na mente. Morfina, reduzindo e purificando a mente, faz

com que os pensamentos e suas formulações sejam mais vívidos e precisos. Heroína, ao que parece, divide estas duas qualidades e combina ambas de uma sutil e peculiar maneira.

## 20 Discípulos

Para o elemento da Água ele atribui o haxixe e a mescalina, devendo-lhes as propriedades de produzir imagens e também porque elas abrem os Portais do Prazer e da Beleza. A morfina ele também atribui a este elemento.

Ao Ar, que é o elemento designado às faculdades da razão, ele atribui o óxido ethyl (éter) pelo seu uso em análise mental e movimentos mais profundos de introspecção.

Finalmente, o elemento Terra envolve todas as drogas diretamente hipnóticas que induzem ao repouso e esquecimento, proporcionando ao Mágico jogar-se nos braços da Grande Mãe para restaurar seus veículos desvitalizados, astral e físico.

Com a atribuição de drogas específicas aos elementos, o velho cerimonial e as técnicas simbólicas do controle subconsciente são sobrepostas pela ajuda vivencial e experiencial. Similarmente, com sexo, álcool, dança mística e circunlóquios, o uso do mantra e encantamentos líricos. Estas ajudas, usadas em conjunto com as drogas, estimulam as espirais de energia no corpo sutil. Em conexão com o sexo e as drogas, Crowley escreveu em 1917: “Eu noto, com todas as drogas estimulantes, que se alguém está com os outros, a força é inteiramente dissipada, geralmente no plano sexual. Se alguém estiver sozinho, ele se torna criativo de imediato. Isto é importante para estabelecer a doutrina do Kundalini, com suas saídas mais baixas e mais altas.<sup>21</sup> Isto não induz, entretanto, a doutrina de abstinência sexual, pois no excitação normal o sexo parece estimular os outros poderes criativos”.

Isto quer dizer que o sexo parece estimular o Kundalini ou Serpente do Poder. Crowley então observou o efeito direto das drogas e do sexo no centro vital e no poder mágico no organismo humano.

As drogas em relação à magia e à descoberta da Verdadeira Vontade formam a substância de O Diário de um Viciado em Drogas, recentemente republicado após quase 50 anos. Quando o livro foi escrito, as drogas não tinham sido proscritas por lei; o consumidor de drogas não era, àquele tempo, o criminoso que ele é hoje, enquanto que muitas das neuroses e psicoses criadas pela “lei” não existiam para causar os problemas sociais que nos defrontam agora. É uma das peculiaridades de nosso presente sistema social é que grandes lucros são gerados do tráfico ilícito das drogas do que de sua venda aberta e adequadamente regulamentada.

O Diário de um Viciado em Drogas foi retirado de circulação em 1922, alguns meses depois de sua publicação por William Collins. Embora, longe de advogar o uso de drogas, Crowley enfatizasse o argumento — óbvio para as pessoas pensantes — de que os métodos naturais de ascensão do Kundalini, e a descoberta da Vontade Verdadeira, são preferíveis aos métodos artificiais. Entretanto, o livro foi descrito como advogando o uso das drogas e apareceram diatribes contra Crowley nos jornais daquele período.

<sup>21</sup> Crowley aqui se refere ao Cahcra Muladhara, o centro sutil, ou lótus, na base da espinha, e ao Chakra Sahasrara, o centro situado no corpo sutil acima da sutura craniana.

A Lenda de Aleister Crowley, por P. R. Stephenson (Londres, 1930) contém típicos exemplos. Howard P. Lovecraft, o novo escritor inglês de contos macabros, teria concordado com a



depreciação de Crowley do uso das drogas em favora de um meio mais natural de controle mágico. Numa carta datada de 11 de Junho de 1920, Lovecraft escreveu a respeito de Quincey: “Eu nunca consumi ópio, mas se eu não puder sobrepor-me a ele com os sonhos que eu tinha na idade de 3 ou quatro anos, eu sou um grande mentiroso! Espaço, estranhas cidades, paisagens estranhas, monstros desconhecidos, cerimônias ocultas, delícias Orientas e Egípcias, e mistérios indefinidos da vida, morte e tormento, eram lugares comuns diários — e também noturnos — para mim, anates de Ter seis anos de idade. Hoje é o mesmo, salvo por um leve aumento de objetividade.”<sup>22</sup>

Mas Lovecraft parece não ter passado os pilares finais da Iniciação, conforme evidenciado por suas histórias, e particularmente por seus poemas, nos quais, no último terrível encontro, ele invariavelmente se recolhia, resolvido a não saber qual o horror que jazia oculto atrás da máscara de sua mais crítica encarnação. Ele foi assombrado pelo seu “habitante do limiar”, falhou em resolver o enigma de sua própria esfinge particular e, por causa disso, sem dúvida, temia usar drogas no caso de que suas visões de pesadelo noturno o levassem até a um ponto de não poder voltar. Compreensivelmente aterrorizado ao cruzar o Abismo, ele sempre se recolheu na borda, e passou sua vida numa tentativa vã de negar as potentes Entidades que o moviam. Não há dúvida de que as histórias que ele escreveu estão entre as mais ocultas e poderosas jamais escritas.

Crowley, por outro lado, provou que o judicioso e Thelêmico controle do uso de drogas positivamente assiste a um ocultista em sua exploração dos reinos suprasensíveis tais como aqueles que Dee, Kellew e outros Mágicos investigaram.

22 Cartas Seletas de H.P. Lovecraft, vol I. Editado por August Derleth e Donald Wandrei, Arkham House, Sauk City, Winconsin, 1965.

## NOMES BÁRBAROS DE EVOCAÇÃO

(desenho)

O comércio com alienígenas de outros mundos requer um sistema de comunicação. No Oeste, a Cabala Hebraica tem sido usada por muitos séculos porque contém o mais conveniente e confiável corpo de correspondências jamais concentrado num único glifo. As divisões e subdivisões representadas pelos Dez Séfiros e os Vinte e Dois Caminhos compreendem todo o universo mágico.

Crowley, Jones e Fortune usaram este sistema extensamente. É o mais facilmente verificável e ao mesmo tempo o mais preciso.

Quando Crowley contactou a Inteligência chamada Abuldiz, <sup>1</sup> através da mediunidade da Mulher Escarlate, Virakam, <sup>2</sup> ele usou a Cabala para verificar a validade das visões que ela descrevia. Ele também era capaz de verificar a identidade de Abuldiz como um genuíno

representante dos A}A}. Semelhantes observações se aplicam às comunicações que ele recebeu através da Irmã Ahitha , 3 que foi utilizada como uma voz por uma Inteligência com o nome de Amalantrah. Ambos os “trabalhos”, o Abuldiz e o Amalantrah, sobrevivem entre os escritos de Crowley; ele são ótimos exemplos de uso cabalístico em conexão com testes de visão e trabalho astral.

O conhecimento advindo da análise cabalística dos nomes de antigas deidades permitiu a Crowley restaurar rituais que eram de vital importância em sua própria iniciação. Sendo os nomes das deidades nada mais do que fórmulas mágicas, sua restauração fornece a chave para a invocação, ou evocação, conforme seja o caso. O rito mais importante que Crowley restaurou é a Invocação Preliminar de Goetia, um rito medieval provindo de fases muito antigas da magia que Crowley teve sucesso em restaurar da forma ininteligível, transformando-a numa poderosa máquina taumatúrgica.

A invocação é baseada numa tradução de C. W. Goodwin de um Trabalho de Mágica Greco-Egípcio. É conhecida como a Invocação do Que Não Nasceu, ou como Goodwin traduziu, o Sem Cabeça. (O Sem Cabeça era um nome dado pelos Gnósticos ao Sol em Amenti, isto é, a Luz no Submundo. Este conceito era representado antigamente por uma figura decapitada e é um paralelo à imagem egípcia da leoa, ou leão sem juba, que representava o sol em sua fase “feminina” ou passividade e escuridão, o leão tosquiado

1 Foi através desta Inteligência que Crowley “recebeu” o Livro Quatro, Partes I e II Publicado em 1913.

2 Mary d’Este Sturges, A Segunda Mulher Escarlata de Crowley.

3 Roddie Minor, a Quarta Mulher Escarlata de Crowley.

de sua juba, ainda que feroz com sua força e calor ocultos. Em outras palavras, o sem cabeça tipificava o deus escondido submerso abaixo do horizonte; em termos de psicologia, o subconsciente, a Vontade subliminar). Crowley traduziu o termo (desenho) como O Que Não Nasceu para indicar o fato de que a Vontade Verdadeira não está sujeita nem ao nascimento nem à morte, somente seus veículos eram sujeitos a estas fases gêmeas da atividade do mundo fenomenal. A invocação daquele Que Não Nasceu portanto, forma a base prática para contatar o mais oculto de todos os deuses ou demônios – O Sagrado Anjo Guardião.

Como esta experiência forma a primeira tarefa maior de todo aspirante à Auto-Realização, a conquista de Crowley não pode de jeito nenhum ser negligenciada, pois está provado por fatos que outros também o conseguiram pelo uso deste Rito restaurado.

De um ponto de vista psicológico, o problema de estabelecer contato com sucesso com entidades espirituais - qualquer que seja a sua natureza – envolve um profundo grau de auto-análise.

Crowley foi treinado nas disciplinas do mahasattipathana, sammasati e atma-vichara, enquanto trabalhava com seu guru, Ananda Metteya (Allan Bennet). Juntos, eles desenvolveram muitos rituais mágicos durante os dias primeiros do treinamento mágico de Crowley em Chancery Lane, onde ele estabeleceu um templo mágico completamente equipado. Eles evocavam regularmente os espíritos a uma forma visível e algumas vezes a uma aparência tangível.

Se os espíritos são considerados como fenômenos subjetivos ou objetivos faz pouca diferença quando se considera a magia prática. Nenhuma experiência, oculta ou mundana, é possível na ausência de um sujeito; a experiência é dependente, absolutamente, da união, ou yoga, de um sujeito e um objeto em Consciência, pois nenhum conhecimento do universo é possível sem a presença da consciência; de fato não existe nenhum Universo fora da Consciência. O Livro da Lei

prova, sem dúvida, que a Mente pode e existe independentemente do cérebro ou da estrutura nervosa.

Está claro pelos diários mágicos de Crowley que ele algumas vezes experimentou o Samadhi. Ele fez, de fato, da experiência do Samadhi, a condição da continuação de seu trabalho como Profeta e promulgador da Lei de Thelema.

Cedo, em 1901, ele experimentou dhyana; foi transitório e vacilante e não levou então ao estado de Samadhi. Ele não tinha, naquela época, a habilidade de estabilizar a nova faculdade da consciência que Samadhi confere e que é necessária para a completa experiência dos Aethyrs, ou mais tênues reinos do universo espiritual.

Em John St. John, publicado em O Equinócio (primeiro número, 1909), Crowley registra o sucesso em estabilizar-se consigo esta nova e Samádica função da consciência; e atingiu o grau de ciência que tornou possível a Magia mais alta. Ele foi depois capaz de dedicar-se sem reservas ao estabelecimento da Lei de thelema, e à compreensão dos mais profundos acontecimentos do Éon de Horus conforme descrito no Livro da Lei. Ele implorou ao seu Anjo para ficar em perpétua comunicação com sua consciência mágica exaltada e consagrada.

Durante os anos de 1906 — 7 ele atingiu o Conhecimento e a Conversação com o seu Sagrado Anjo Guardião e, alguns meses depois, ao retornar de Marrocos — onde ele tinha estado invocando os anjos de Aethyrs com Victor Neuburg — ele escreveu John St. John, o Registro da Iniciação. Isto foi seguido por comunicações posteriores com Aiwaz (a quem ele chamava, naquela época, de Adonai, O Senhor) e o recebimento dos Livros Sagrados LXV e VII, ambos os quais ele recebeu sem a mediunidade de uma Mulher Escarlate, diretamente de seu Anjo por “plena inspiração”. Ele descreve estes Livros como sendo “completamente diferentes de qualquer coisa que eu tenha escrito por mim mesmo”.

Em 1909 ele foi capaz de resumir as invocações dos anjos de Aethyrs (conhecidos como “A Visão e a Voz”, ou os 418 trabalhos) que ele teve que abandonar no México, nove anos antes porque ele não havia conseguido atingir um grau suficientemente exaltado de iniciação que lhe permitisse penetrar o sutil Aires. Ele começou o Trabalho invocando o vigésimo oitavo Aethyr, usando a décima nona Chave do Sistema Enoquiano do Dr. John Dee. (Veja o Equinócio, I. vii)

O grande valor deste sistema, que é muito complexo para descrever aqui, reside no fato de que é provavelmente o mais potente em existência. Crowley diz dele:

“As conjurações dadas pelo Dr. Dee são em uma linguagem chamada Angélica ou Enoquiana. Sua fonte tem, até aqui, confundido as pesquisas, mas é uma linguagem e não um jargão, pois possui uma estrutura própria e há traços de gramática e de sintaxe.

Não importa como seja, ela funciona. Até o principiante acha que ‘coisas acontecem’ quando ele a usa. E isto é uma vantagem — ou desvantagem! — partilhada por nenhum outro tipo de linguagem. O resto necessita de talento. Isto necessita de prudência!”

Ele restabeleceu o contato com os habitantes dos Aethyrs com a assistência de Victor Neuburg, que era naquela época um aprendiz dos A}A}, com o nome mágico ou lema de — Omnia Vincam. O Irmão O. V. assumiu o encargo de escriba, como o Dr. Dee havia feito muitos séculos antes. A própria Besta apareceu numa “bola de cristal” feita de um topázio dourado encrustada numa Cruz de Calvário de seis quadrados, feita de madeira e pintada de escarlate. O topázio era gravado com uma Cruz Grega de cinco quadrados encrustados com a Rosa mística de quarenta e nove pétalas. (As Cruzes de 6 e 5 quadrados simbolizam a natureza undécima do Trabalho que era unir a consciência mundana com a consciência espiritual; as 49 pétalas são uma alusão aos 49

fogos que ardem nos Sete Centros Sutis, sete em cada). A Besta e o Irmão O . V. “caminharam firmemente através do deserto, invocando os Aethyrs um por um em tempos e lugares convenientes... Como uma regra, um aethyr era obtido a cada dia”.

As visões que acompanhavam estas invocações permitiram a Crowley harmonizar todos os maiores sistemas do Conhecimento Mágico e relacioná-los uns com os outros com exatidão científica. O simbolismo dos cultos Asiáticos; os mistérios das cabalas Caldeana, Hebraica e Grega; os segredos dos Gnosticos; os mistérios do antigo Egito; Paganismo; os Ritos de Eleusis; o Ritual Céltico e Druida; Tradições Mexicanas, Plinésias e Afraicanas, etc., formaram a base de uma síntese não previamente atingida na história comparativa da religião e do ocultismo. Os principais resultados destas pesquisas foram cuidadosamente tabulados e publicados no mesmo ano (1909) num volume fino intitulado 777, que é descrito na Lista Oficial de Publicações da A}A} como “um completo dicionário das correspondências de todos os elementos mágicos... fazendo dele o único livro de padrão compreensível de referência jaamais publicado. É para a linguagem do Ocultismo o que Webster e Murray são para linguagem Inglesa”.

O feito de Crowley levou a resultados muito além de qualquer coisa conseguida por Dee e Kelley no século dezesseis. Àqueles dois ocultista, portanto, nós devemos o sistema. Eles obtiveram misteriosas mensagens durante o intercurso com entidades não terrestres, mas infelizmente eles não deixaram pistas sobre precisamente como elas foram obtidas. Parece que Dee tinha diante de si várias tabuletas contendo várias letras do alfabeto e Kelley, após fazer as conjurações apropriadas, perscrutava intensamente uma bola de cristal que lhe tinha sido dada por um “anjo”. Ela tinha sido especialmente tratada de modo que pudesse captar em suas profundezas as formas espectrais dos visitantes. Logo após as conjurações, uma forma apareceu na bola e começou a apontar certas letras nas tabuletas. Isto foi feito com uma varinha mágica. Dee escreveu as letras conforme Kelley as ditava. Desse modo, mensagens eram formadas, mas elas eram soletradas de trás para a frente porque cada palavra continha tal potência que comunicações diretas teriam invocado forças destrutivas de todo o trabalho.

Assim foram obtidas as Chaves, ou Chamados, de Enoch. As mensagens eram compostas numa linguagem definida, embora desconhecida, que Dee e Kelley chamaram Enoquiana ou linguagem Angélica.

Crowley explorou sistematicamente os Aethyrs com o resultado de que ele tornou-se possuidor de um conhecimento além de qualquer outro previamente obtido. Ele iluminou não somente as suas próprias provações mágicas pessoais e iniciações, ma forneceu-lhe a solução de muitos problemas cósmicos. Através do sistema de Dee, ele foi capaz de destrancar os pilares do Novo Éon e penetrar dimensões desconhecidas da consciência fora do Espaço e do Tempo.

É signficante que Crowley diga que tenha sido uma reencarnação de Sir Edward Kelley, que — diz Crowley — interpretou mal certas mensagens que tinha referência ao Novo Éon. Isto está claro na seguinte passagem de A Visão e a Voz (Liber 418):

“E no livro de Enoch primeiro era dada a sabedoria do Novo Éon. E ela foi escondida por trezentos anos, porque ela foi arrancada fora do tempo da Árvore da Vida pela mão de um mágico desesperado”.

Crowley comenta esta passagem, como segue:

O mágico desesperado era Sir Edward Kelley A referência é à famosa passagem que Dee manteve para ser dada aos demônios; ela ensinava que não havia pecado, etc.”

O Liber 418 prossegue dizendo: “ Foi o Mestre daquele Mágico que sobrepos o poder da igreja Cristã; mas o pupilo se rebelou contra o mestre pois ele previu que os Novos (isto é, os Protestantes) seriam piores que os Velhos. Mas ele não entendeu o propósito de seu Mestre, e que era preparar o caminho para a sobreposição do Éon”.

Martin Luther é o Mestre a quem é feita a referência e de acordo com Crowley “o ato mágico de Luther de coabitação com uma freira era a chave para sua doutrina”. Em outras palavras, por este gesto, Luther afirmou sua intenção mágica de sobrepor o suporte principal do Velho Éon. Parece que, então, se Kelley tivesse entendido o significado da mensagem, ele teria entendido também a natureza do Grande Trabalho para o qual seu Mestre havia reencarnado. O Éon de Horus teria então surgido três séculos antes de quando realmente surgiu. Novamente, de acordo com Crowley, Kelley era um *Adeptus Exemptus*, que é um iniciado do  $6^\infty = 5^\square$  Grau na A} A}.

A mensagem resultante da invocação de Kelley no  $7^\infty$  Aethyr, a mensagem que se aproxima tanto de certas passagens no Livro da Lei, aterrorizou tanto a Dee que ele implorou a Deus que tivesse misericórdia por ele, jurando que “ deste dia em diante eu nunca mais de intronetei ali”.

A Voz (do Anjo) falando através de Kelley, resultou numa sinistra dissociação da personalidade de Kelley e pouco depois deste episódio, ele roubou Dee, fugiu com sua esposa e começou uma carreira de crime.

Isto foi o que a Voz proclamou:

“Eu sou a filha da Força e arrebatei cada hora de minha juventude. Pois olhe, Eu sou a Compreensão e a ciência habita em mim; e os céus me oprimem. Eles me cobrem e me desejam com infinito apetite; pois ninguém que é terreno me abraçou, pois Eu estou à sombra do Círculo das Estrelas e coberta pelas nuvens da manhã. Meus pés são mais céleres do que os ventos e minhas mãos mais doces do que o orvalho da madrugada. Minhas vestes são do princípio e minha habitação é em mim mesma. O leão não sabe aonde Eu caminho nem as bestas do campo me compreendem. Eu sou deflorada, entretanto ainda virgem; Eu santifico e não sou santificada. Feliz é aquele que me abraça: pois na estação da noite Eu sou doce e no dia cheia de prazer. Minha companhia é uma harmonia de muitos símbolos, e meus lábios mais doces que a própria saúde. Eu sou uma prostituta para aquele que me arrebatou e uma virgem para aquele que não me conhece. Depurem suas ruas, ó vós filhos dos homens e lavem bem limpas suas casas; façam-se sagrados a si próprios, e vistam a retidão. Abandonem suas velhas prostitutas e queimem suas roupas e então Eu farei nascer crianças para vós e elas serão os Filhos do Conforto na Era que está por vir”.

John W. Parsons, chefe da Loja de Pasadena da O . T. O . entre 1940 e 1945 observou que a vida de crimes de Kelley, iluminada pela comunicação do Anjo, parece-se muito com o que ocorreu com ele mesmo enquanto trabalhava com o mesmo Aethyr (isto é, o sétimo). Parson invocou o Aethyr em 1945 com rituais apropriados apoiados pela poderosa mágica sexual do  $VIII^\infty$  O .T. O ., o que significa que ele aduziu suas próprias emanções magnéticas aos materiais usados na cerimônia mágica. Pouco depois, seu escriba fugiu com a esposa e pilhou-o de seu dinheiro e possessões. Parsons, que naquela época trabalhava numa fábrica de foguetes aéreos, morreu desastrosamente quando tropeçou num frasco de fulminato de mercúrio. Seu escriba, entretanto, ainda está à solta, tendo ficado rico e famoso pelo mau uso da sabedoria secreta que ele sugou de Parsons.

A base do trabalho da comunicação com entidades ocultas é tão arbitrária quanto qualquer sistema de álgebra ou geometria. Enquanto o sistema possui uma inerente harmonia, uma coerência interna, ele é válido em sua esfera de função. Reimann, Lobatchewsky, Poincaré,

Einstein, Cantor, <sup>4</sup> todos construíram sistemas matemáticos que - embora com variações para cada um deles - são consistentes com eles mesmos.

Vários métodos foram usados por Crowley para checar e contrachegar sinais ou elocuições recebidas por ele no curso da visão clarividente, viagem astral e projeccionismos. Nos trabalhos de Abuldiz e Amalantrah ele empregou o método numérico de checagem dos nomes dos espíritos e respostas às suas perguntas; ele também usou o sistema Chinês de hieróglifos conhecido como o Yi King, Geomântico, Tarótico e sistemas similares.

A interrogação pelo número puro é cabalística, se a Cabala Hebraica, Grega ou Caldeo-Cótica for empregada. É desse método que a assim chamada Numerologia é derivada.

A Numerologia é uma má aplicação e consequentemente uma adulteração da cabala do número puro. Porque o seu nome por acaso é Tubby Hogg, isto não quer dizer que seu número é 506, porque, embora pela Cabala Hebraica o valor de Tubby Hogg seja 506, Tubby Hogg não é você, mas uma coleção de letras que - quase arbitrariamente - distingue você de outros membros de sua classe, a espécie humana. A segunda metade de um nome pode indicar uma certa linhagem corporal, mas a primeira é mero capricho dos pais. Tubby Hogg não pode ser dito como sendo o seu nome no sentido de que o nome do Espírito do Sol é Sorath, cujo número é 666.

A confusão de planos é causada por assumir erroneamente que um ser humano e um espírito são parecidos em todos os modos menos um; isto é, que o primeiro é visível, o último não. A diferença real é que um ser humano é um microcosmo, um espírito não. Um ser humano, além do mais, não é uma entidade especializada, mas um espírito é tal entidade.

Definir uma coisa pelo número é indicar sua natureza e isto concorda inteiramente com as qualidades representadas pelo número. Dion Fortune nota que mesmo objetos não têm valores numéricos atribuídos a eles arbitrariamente, mas de acordo com a substância da qual seus átomos são compostos. Então, yantras determinados geometricamente ou diagramas mágicos, têm três, quatro cinco ou mais lados, de acordo com a constituição atômica do plano de consciência para o qual eles são a chave. Neste sistema, uma invocação incluirá uma bateria de batidas em consonância com o número relevante, e, se um mantra for usado, o mantra consistirá de um número apropriado de pontuações ou sílabas, pois o mais interior dos planos não selado é afetado por um processo de reverberação recíproca e cada vibração afeta uma parte particular da anatomia sutil, representada biologicamente pelo sistema endócrino e - misticamente - pelos chacras.

4 No Registro Mágico da Besta 666, Crowley declara que "Cantor e sua escola formularam as concepções matemáticas implícitas no Livro da Lei".

Cada subdivisão do plano astral, portanto, existe pela virtude de um tipo especial de força e consciência, cuja força depende de sua constituição atômica, que, por sua vez, determina o tipo de figura - yântica ou mântrica - que efetivamente baterá em suas energias ocultas. Porque cada plano de consciência tem como foco de sua influência uma das estrelas ou planetas, os corpos celestes são representados por diagramas cujas formas lineares simbolizam sua constituição oculta. Um tipo de consciência, uma estrela ou planeta, e um tipo particular de átomo são consequentemente interrelacionados, e o homem está incluído neste complexo, pois "cada homem e cada mulher é uma estrela". <sup>5</sup>

É fútil, portanto, representar um ser humano pelo número derivado de considerações cabalísticas de seu nome corporal. Ele pode, com igual validade e igual absurdismo, ser definido como tendo as propriedades de um, dois, três,..., n números, de acordo com o valor numérico de seu nome. Portanto é errôneo falar do “número” de uma pessoa no sentido usado na numerologia popular.

No mundo dos espíritos as condições são diferentes daquelas obtidas na esfera mundana. Um espírito representa uma função especial. Pode ser um arcanjo, um anjo, um demônio, um gnomo, ninfa, sátiro, ou o que você quiser; sempre especializado e portanto, estritamente limitado, não importa quão potente possa ser, à sua própria esfera de atividade.

Quando Crowley ou Fortune recebiam um número específico em resposta ao seu questionamento, eles eram capazes de determinar pela análise cabalística do nome do espírito, o tipo de entidade com a qual estavam lidando. Se o número estivesse de acordo com a natureza geral da visão como um todo, a visão era continuada; se era estranho à natureza da visão, então o espírito era suspeito de ser um elemento intruso mascarado como a entidade real. Ele não seria por longo tempo, capaz de responder às contra-cheçagens e seria dissolvido pelo ritual de banimento do pentagrama ou algum simples exorcismo similar. Por outro lado, porque cada homem tem um “Anjo”- um Anjo Guardião — ele tem também um número verdadeiro, porque este número é idêntico àquele do seu Anjo com o qual ele é Um na profundezas de seu ser. Nome e Número são portanto, sinônimos e “nenhum homem conhece o nome do anjo de seu irmão”, pois sabê-lo lhe conferiria habilidades para invocá-lo. Isto está na raiz do medo do homem primitivo em revelar seu nome. É também a razão para as extensas elaborações dos antigos egípcios para preservar o segredo inviolável concernentes aos seus nomes. Não era o nome mundano que eles invocavam no mistério impenetrável, mas o nome do anjo, ou demônio; permitir que ele fosse conhecido era expor suas almas à captura por demônios ou feiticeiros hostis.

## 5 O Livro da Lei, Capítulo I, verso 3.

Um dos métodos de Crowley de contra-cheçagem de um nome ou um número era reduzindo-o a um único número e somando juntos os seus dígitos componentes, relacionado o resultado a uma Chave do Tarot. Por exemplo, se o espírito desse como seu número 761, isto seria checado assim:  $7 + 6 + 1 = XIV$ , a Chave do Tarot intitulada Arte, e se os símbolos e atribuições desta Chave fossem consoantes com o significado do próprio número, ele oferecia uma boa chance para assumir que um espírito de boa fé havia respondido à invocação; mas testes posteriores seriam necessários se restassem dúvidas. Não apenas os espíritos desencorporados dos mortos ou espíritos de pessoas adormecidas representar espíritos e trabalhar para o mal por tais meios, mas — o que é infinitamente mais perigoso — entidades extracósmicas podem mascarar-se como espíritos e, se não forem banidos antes que possam ganhar terreno na consciência de quem os invocou, a obsessão se segue. Austin Spare é a autoridade para controlá-los; Lovecraft, na devastação que eles deixam em seu despertar quando eles são deixados à solta sobre a terra. 6 Dion Fortune em Os Segredos do Dr. Tavaerner tem vários contos, baseados em fatos, das mais elementais, menos cósmicas, dessas entidades; sua influência é consideravelmente menos extensa mas não menos demoníaca.

Os nomes bárbaros de evocação e invocação, se Enoquianos, Goéticos, Gnósticos, Tântricos, etc., são particularmente adaptados ao desvelar da subconsciência. Sua potência reside principalmente no fato de que eles são ininteligíveis para a mente consciente. “Os longos cordéis das palavras

formidáveis que rugem e gemem através de tantas conjurações têm um efeito real em exaltar a consciência o mágico ao clímax apropriado”.

A linguagem Enoquiana é suficientemente desconhecida para a mente em seu estado normal, para agir como se não tivesse significado; e isto é o que importa; isto é a potência de suas vibrações quando cantada, gritada ou rugida em lugares desolados e aterrorizantes. O chão cremado cheio de cadáveres, iluminado por uma lua baça e assombrado por hienas, oferece a cena para algumas das evocações tântricas de Kali e outras deidades terríveis.

Muito da potência de uma evocação, como no caso do mantra yoga, reside em suas afinidades vibratórias com fenômenos elementais: a violência e troar da tempestade, para o elemento Ar; os sedutores e insidiosos salpicos das fontes, para a Água; o bruxulear da chama tremeluzente, relâmpagos de verão, para o Fogo; e os ecos tonitroantes das reverberações ctonianas, para a Terra. O cordel das palavras cresce e cai, timidamente ou com majestade de acordo com a natureza da operação. A plasticidade da mente humana exaltada a um clímax de sugestão evocativa é moldada em palavras e nomes contendo energias mágicas intrínsecas. O resultado é um encantamento poderoso capaz de bater e desvelar as cavernas do Inferno — o Subconsciente.

6 Veja em particular, O Horros de Dunwich, por H. P. Lovecraft.

A fórmula tradicional para abrir as regiões infernais é: Zazaz, Zazas, Nasatanada Zazaz. Por este encantamento Adam era reputado como tendo aberto os portões do inferno. O inferno é o lugar oculto — o buraco ou sala dos mortos; os “mortos” são as imagens esquecidas de nossos passados que respondem ao encantamento e ressurgem na carne do presente. O inferno é a região que os antigos egípcios chamavam Amenti — o lugar do Sol Oculto. A palavra Amen significa “o oculto”, e ta significa “terra” ou “residência”. Amenta ou Amenti é então o lugar dos espíritos dos mortos; mortos, isto é, para a mente consciente, mas muito vivos para o subconsciente.

Crowley freqüentemente suplementou as conjurações verbais com estimulantes alcoólicos, drogas e excitação sexual. Tais métodos são indicados no Livro da Lei e são básicos para o Novo Éon. Estes usos têm sua contraparte nos Tantras, conforme já observado. Virgens jovens e atraentes são empregadas para estimular as zonas erógenas durante o progresso dos ritos místicos que freqüentemente consistem no murmúrio hipnótico de mantras deliberadamente ininteligíveis. Mas eles não são ininteligíveis num sentido absoluto, pois sua falta de significado é o seu significado, da mesma maneira que são os nomes bárbaros da feitiçaria Goética. (Goety quer dizer “uivante”) Crowley observa em As Confissões que Goety é “a palavra técnica empregada para cobrir todas as operações daquela mágica que lida com forças brutas, maligna ou sem luz”. Os encantamentos de fato sugerem muito fortemente o uivo dos lobos, os latidos dos chacais e o riso ulular e agudo das hienas, animais tradicionalmente associados com feitiçaria e o mundo oculto.

No Éon de Horus, introduzido por Crowley, o Logos — sendo uma Besta e portanto inarticulada - não pode senão murmurar “um estranho e monstruoso falar”, que a Mulher Escarlata interpreta ou manifesta como a Palavra da um “Deus”. A fórmula é aquela da Besta e da Mulher conjugadas, e a Chave de sua união é o número Onze que é o número da magia ou transformação. A transformação do totem animal em deus, segundo a maneira dos antigos



mistérios egípcios, foi revivida na Golden Dawn onde era conhecida como a suposição das formas do deus.

A expressão “nomes bárbaros” evidentemente se refere ao “discurso monstruoso”, ou o discurso dos monstros, e esta é a chave para o significado da palavra “goety”, uivante (como uma besta).

Estes Mistérios originam-se das fases primitivas da evolução quando ocorria a transformação da besta em homem. Durante este período foram lançadas as fundações da mitologia mundial e das grandes civilizações jamais conhecidas. Práticas tão remotas no tempo que foram quase totalmente esquecidas antes que a época monumental da história egípcia comesse são co-avaliadas com as práticas revividas por Aleister Crowley.

Conforme explicado anteriormente, o Culto de Aiwaz ou Akkad pode ser rastreado até um período anterior aos Sumerianos; a um período que inspirou a antiga Tradição Draconiana do Egito, que persistiu nas dinastias negras, cujos monumentos foram deixados a se estragar pelos oponentes do antigo culto. Estas dinastias foram enegrecidas para aniquilar todos os traços de um suposto culto ao demônio. Os Draconiano, ou Typhonianos, esquecidos do papel do macho nos mistérios biológicos da procriação, tinham adorado a prostituta e seu bastardo que foram anos mais tarde tipificados como a Virgem e a Criança.

Pode ser discutido que toda a crítica adversa levantada contra Crowley e seu Culto seja justificada; que a aceitação do Livro da Lei iria inevitavelmente jogar a humanidade uma vez mais no poço da selvageria e barbarismo para fora do qual ela levou tantos éons para engatinhar. Tais críticas foram de fato feitas. 7 Crowley, numa carta a Norman Mudd (Frater O . P. V. ), datada de maio de 1924, deixa claro que externa e politicamente seu objetivo é “uma reconstituição da sociedade voltada para evitar a catástrofe da Revolução Sangrenta”. Ele também escreveu: “Pelos últimos vinte anos (isto é, desde o recebimento do Livro da Lei de Aiwaz) eu tenho amadurecido um plano para salvar a civilização. A batalha pela vida entre o Capitalismo e os Vermelhos tem se tornado constantemente mais aguda e agora está sendo levada a crises em toda a parte. Mesmo a Inglaterra, o núcleo mais forte de idéias conservadoras, está quase pronta para seguir o exemplo da Rússia. A única esperança de evitar um conflito que seria finalmente fatal... reside na revolução espiritual”.

Não há indicação nestas passagens (e outras como estas, que seriam inúteis para reproduzir aqui) de nenhum desejo de reverter aos “dias mais negros de ‘Atlantis’ ” 8 Ao contrário, está expressa a sincera esperança de encontrar um “cérebro” ou centro de inteligência, suficientemente vasto e bastante compreensivo para resolver os problemas com os quais a civilização se defronta.

Crowley coloca a última fronteira sobre o indivíduo e sua regeneração espiritual através das provas da iniciação. Ninguém que tenha estudado ou aplicado o sistema de magia de Crowley rejeitará esta afirmação no terreno da ineficácia.. Ele funciona; ele abre as portas do palácio místico da consciência humana como poucos sistemas jamais fizeram. Éliphas Lévi, H. P. Blavaatsky, Rudolph Steiner, para mencionar uns poucos, não produziram um sistema tão confiável. Lévi deliberadamente ocultou seu conhecimento e ludibriou seus leitores por falsa representação. Blavatsky deslumbrou e confundiu pela maciça aglutinação de seus pensamentos simbólicos, unindo fatos e ficção numa inextricável fábrica de fantasia que faz a mente vacilar. Steiner e Heindel decaíram em fanatismos sectários causados por iniciação incompleta nos Mistérios que eles pesquisaram para expor. Mas uns poucos descreveram claramente o dinamismo essencial do ocultismo, embora eles ocultasse discretamente os mais profundos aspectos da iniciação. Fortune, Jones e Spare estavam entre estes. Como Crowley, Fortune espalhou segredos através de seus escritos; somente aqueles que estavam adequadamente preparados puderam reconhecer e usar as chaves que ela forneceu. Como Blavatsky, ela

freqüentemente resvalava para a ficção, e não há dúvida de que por causa disto o seu trabalho não foi apropriadamente valorizado nem apreciado em geral, mesmo por ocultistas.

7 Veja a Grande Besta, por John Symonds, edição de 1951.

8 Ibidem

A ficção, como um veículo, tem sido freqüentemente usada por ocultistas. Zanoni e Uma Estranha História de Bulwer Lytton colocaram muitas pessoas na conclusão da Pesquisa. Idéias não aceitáveis pela mente corriqueira, limitada pelo preconceito e estragadas por uma educação “ganha-pão”, podem ser feitas para escorregar pela censura e por meios de uma novela, um poema, um conto, ser efetivamente plantadas em solo que, de outra maneira, tê-las-ia rejeitado ou destruído.

Escritores como Arthur Machen, Brodie Innes, Algernon Blackwood e H. P. Lovecraft estão nesta categoria. Suas novelas e histórias contêm algumas afinidades remarcáveis com aqueles aspectos do Culto de Crowley com os quais lidamos no presente capítulo, isto é, temas de atavismos ressurgentes que atraem pessoas à destruição. Se for a Visão de Pan, como no caso de Machen e Dunsany, ou do tráfico mais sinistro ainda com os habitantes das dimensões proibidas, como nos contos de Lovecraft, o leitor é jogado num mundo de nomes bárbaros e sinais incompreensíveis. Lovecraft não conhecia nem o nome nem o trabalho de Crowley, embora algumas de suas fantasias reflitam, entretanto, distorcidamente, os temas principais do Culto de Crowley. A seguinte tábua comparativa mostrará quão próximos eles estão:

H. P. L.	A . C.
1. Al Azif — O Livro do Árabe. (Este livro é freqüentemente citado como todo poderoso no sentido mágico).	Al vel Legis — O Livro da Lei. (Este livro é dito por A . C. como contendo os supremos encantamentos: Veja Magia, pág. 107)
2. Os Grandes Antigos. (Esta expressão ocorre nas histórias do Culto Chthulu).	Os Grandes da Noite do Tempo. (Uma frase que ocorre repetidamente nos Rituais da Golden Dawn).
3. Yog-Sothoth. (Um nome bárbaro para evocar o mais alto mal).	Sut-Thoth, Sut-Typhon. (A . C. identificava seu Sagrado Anjo Guardião com Set, considerando uma deidade detestável: “Chamada mal para ocultar sua santidade”).
4. Gnoph-Hek (A Coisa cabeluda). (Obviamente fálica).	Coph-Nia. (Um nome bárbaro em AAL, Provavelmente associado com o conceito fálico).
5. A Dissipação Fria (Kadath).	O Viajante da Dissipação (Hadith). Um título adotado por A . C.

- |     |   |   |
|-----|---|---|
| 6.  | Nyarlahotep ( um deus acompanhado por “tocadores de flauta idiotas”). | “Em minha solidão vem o som de uma flauta”. (A . C. em Liber VII).  |
| 7.  | Shub-Niggurath: A Cabra com Mil Jovens                                | “Eu sou o Deus Oculto...”<br>Cepus, o Deus Oculto, mistura de cão e urso (Sut-Typhon).<br>(A . C. em O Livro do Espírito da Cabra).       |
| 8.  | O poderoso mau cheiro associado com Nyarlahotep.                      | “O Perfume de Pan impregnando...”<br>(A . C. no Liber VII).   |
| 9.  | O Grande Chthulu morto, mas sonhando em R’lyeh.                       | O Sono Primário, no qual os Grandes da Noite do Tempo estão imersos. Cf. “Pan não está morto, ele vive, Pan!”                             |
| 10. | Azathoth (o caos cego e idiota no centro do infinito).                | Cf. Azoth, o solvente alquímico; Thoth, Mercúrio: caos é Hadit no centro do Infinito (Nuit).  |
| 11. | O Sem Rosto (O Deus Nyarlahotep).                                     | O Sem Cabeça (ou o Que Não Nasceu, como A . C. Chamava sua invocação mágica favorita).  |
| 12. | A estrela de cinco pontas esculpida em pedra cinza.                   | A Estrela de Nuit: a estrela de cinco pontas com o círculo no meio.<br>(Cinza é a cor de Saturno, a Grande Mãe da qual Nuit é uma forma.) |
13. Finalmente, a passagem seguinte de O Espreitador no Limiar 9 pode ser interpretada em termos dos globos iridescentes no círculo contendo o pentagrama verde na base do pentagrama de Crowley:

7 Veja a novela com este nome, de H. P. Lovecraft, Gollancz, 1945.

“Nem estrelas, mas sóis, grandes globos de luz... e não sozinhos, mas a ruptura longe dos globos mais próximos e a carne protoplásmica que flamejava obscuramente do lado externo para juntar-se e formar aquele tenebroso, medonho horror do espaço exterior, que desovava da escuridão dos tempos primitivos, aquele monstro amorfo com tentáculos que era o espreitador do limiar,

cuja máscara era como um conglomerado de globos iridescentes , o horrível Yog-Sothoth, que surge como lodo primitivo no caos nuclear além dos limites exteriores do espaço e do tempo!"

(FOTOLITO)

Legenda do FOTOLITO: A Estrela da Revelação, o memorial em forma de tabuleta de Ankh-f-n-Khonsu, um sacerdote de Amen-Ra que reviveu o Culto Draconiano da Besta na Dinastia XXVI. Aleister Crowley diz ter reencarnado a corrente mágica que animava Ankh-f-n-Khonsu.

(FOTOLITO)

Legenda do FOTOLITO: A Postura da Morte, um auto-retrato do artista, Austin Spare (1912). Ele formou o frontispício do Livro do Prazer: a Psicologia do Êxtase, publicado particularmente em 1913 por Austin Osman Spare.

(FOTOLITO)

Legenda do FOTOLITO: Fórmula de Zos Vel Thanatos, uma estrela mágica desenhada por Austin Spare em 1955.

(FOTOLITO)

Legenda do FOTOLITO: O Ser em Êxtase por Austin Spare. Publicado primeiramente no Livro do Prazer (1913).

A tabuleta é interessante porque mostra quão similar e entretanto quão diferentemente refletidos eram certos padrões arquétipos característicos do Novo Éon. Mas enquanto para Crowley os motivos não representavam uma mensagem moral, para Lovecraft eles eram instintivos com o horror e o mal.

Arthur Machen, em *Coisas Longínquas*, explicou o mecanismo psicológico que o levou também, por uma vez, a interpretar as entidades de reinos não familiares em termos de valor moral, que — em casos de terror e pânico — ele classificou como “mal” .

Escritores do gênero de “horror”, de Poe a Lovecraft, tendem muito a colocar uma interpretação similar sobre as presenças intrusas sentidas em sonhos ou estados anormais de consciência e muitos deles narram em seus encantamentos os nomes bárbaros e “discursos monstruosos” dos contos antigos.

A mágica Goética libera a consciência do cativo da existência individual. Ela permite elevar-se na imensidão cósmica. O resultado é uma divina loucura, uma inebriação dos sentidos que é nada menos do que perfeita e estranhamente controlada. A vontade mágica é projetada na esfera de seus mistérios mais profundos e interiores, para consumir o casamento do indivíduo com sua divina fonte, que assume a forma do Sagrado Anjo Guardião.

Após o íntimo e persistente intercurso com o Anjo ter sido estabelecido, Ele expressa a Palavra. Quando isto é ouvido e interpretado corretamente, o mágico torna-se um Adepto, ciente de seu lugar adequado no esquema da existência; ele conhece sua vontade e pode prosseguir para preenchê-la, confiante de que seu Anjo ou gênio, facilitará seu caminho e disponibilizará todo o necessário para o preenchimento de sua natureza. O Livro da Lei contém os supremos encantamentos para aqueles que tiverem descoberto suas Verdadeiras Vontades e souberem a natureza do Grande Trabalho. É o Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardião, e o grau de sua assimilação pela psique humana que tornam possível o progresso espiritual. Em termos psicológicos, o ego deve ser extinto, ou render-se incondicionalmente ao Eu Verdadeiro, o Anjo, antes que a Realidade possa ser alcançada: “É somente a consciência individual do ego que tem um novo começo para sempre e um final prematuro. Mas a psique inconsciente é não somente imensamente antiga, ela é também capaz de crescer incessantemente num futuro igualmente remoto”. (Jung, Integração da Personalidade, pág. 25). Seria mais exato dizer “para a eternidade”.

## ESTRELA DE FOGO

(desenho)

Os nomes bárbaros de evocação não somente exaltam a consciência do mágico, eles também vitalizam as zonas secretas de atividades erógenas das sacerdotisas escolhidas para o rito. A ciência das Rodas de Força, dos vórtices mágicos, não é peculiar aos tantras somente, embora os tantras — como os Hindus e os Budistas — sejam os repositórios principais sobreviventes da antiga ciência dos kalas, emanções sagradas.

Os livros sobre tantras que foram traduzidos para as linguagens Ocidentais são comumente omissos em relação à natureza desses mistérios, cujas bases filosóficas são as seguintes:

O corpo humano contém 28 marmas e 24 sadhis e a estes estão alocadas as 52 letras do alfabeto sânscrito, uma para cada zona.

No Grande Yantra um marma aparece onde quer que uma junção de três partes ocorra. Tais junções indicam zonas de intumescência sexual. Elas são simbolizadas em geral pelo lótus que é a flor típica ou fluxo; o fluxo que reúne e junta todas as essências místicas, “estrelas” ou kalas do corpo humano transporta-as através das zonas pudendas à folha sagrada que as recebe. O Lótus que compreende todas estas correntes, todas estas essências, floresce nas emanções vaginais que fluem da sacerdotisa. É com estas emanções sutis, magnetizadas por passes manuais apropriadas à medida que elas viajam através das artérias ocultas da anatomia invisível, que os ritos são desempenhados e os talismãs mágicos são consagrados.

Numa carta ao Frater O .P. V. (Norman Mudd), que estava na Abadia de Thelema em Cefalu, Crowley comenta sobre a palavra “secreto” que aparece várias vezes no Livro da Lei: “Eu duvido que a palavra ‘secreto’ seja usada no Livro em seu sentido vulgar. Eu a assimilo como idéias em relação à *secreção*”.

Esta sentença provê uma pista vital para a compreensão do Livro da Lei e sua conexão com os ritos tântricos, conforme será visto do seguinte extrato do comentário de um iniciado sobre um tantra sagrado:

“O que não é (geralmente) conhecido é que estas secreções não são meras excreções mas são fluidos valiosos que contêm em si as secreções das glândulas endócrinas numa forma mais pura e mais adequadas para o uso humano do que os extratos glandulários e produtos de glândulas dissecados na organo-terapia de hoje em dia. Deve ser lembrado que estes extratos de glândulas endócrinas, feitos quimicamente, são feitos de glândulas mortas de animais aos quais faltam certas essências que existem somente em seres vivos, e elas também são diferentes nos humanos daquilo que elas são nos animais. As secreções das mulheres são feitas nos laboratórios da Deidade, o Templo da Mãe, e elas suprem exatamente o que é necessário ao humano nas proporções justas e certas”.

Nas versões mais antigas destes ritos, os kalas são coletados numa folha bhurja, ou um talismã especialmente preparado para receber o divino eflúvio. Quando a sacerdotisa, ou Mulher Escarlate, está em contato com um deus ou espírito, suas emanções uterinas — de ambas as saídas superior e inferior — são olhadas como oraculares. Eis porque o que se exprime primordialmente da Palavra foi considerado sagrado pois a Deusa — o Útero primitivo, a primeira boca a falar e reproduzir a imagem muito antes da fala verbal — tinha sido expandida.

De acordo com um texto conhecido como o Lalitasahasranama (Os Mil Nomes da Deusa), o 16<sup>o</sup> kala, ou raio da lua, o mais secreto dos kalas, é a essência onde o tempo permanece quieto; onde o tempo é NÃO (isto é, Nuit).

Os tântricos de Kaula Sect, que formam uma divisão do Caminho da Mão Esquerda (Vamacharins), identificam o corpo da sacerdotisa (suvasini, literalmente “mulher que exala cheiro doce”) com a própria Sri Yantra. O “doce exalar de perfume doce” mencionado no Livro da Lei traduz o mesmo simbolismo. A Deusa Kali representa um conceito similar nos tantras. Entre outras coisas, Kali denota o Tempo; kala também significa tempo. Tempo e periodicidade são associados com o ciclo lunar da fêmea. O ka é o emblema da fêmea no dialeto egípcio assim como em numerosos dialetos africanos, e o ka-la é a emanção do ka em termos de tempo ou periodicidade. Como o ku ou khu, o ka é o poder mágico o sakti dos deuses. O khu, como a fila, está na cauda. Na Cabala está traduzida pela letra Qoph, Q, que é atribuída à lua. A letra inglesa Q mostra o emblema feminino, O, com a cauda adicionada. O rito lunar associado com os mistérios de Qoph (o khu) estão estreitamente relacionados à corrente estelar ou astral, tipificada pelos kalas ou estrelas.

A O . T. O . , em seus graus mais altos, ensina o controle mágico e a direção da corrente sexual num sentido de três partes: auto-sexual, heterossexual e homossexual.<sup>1</sup> Os graus correspondentes são o VIII<sup>o</sup>, o IX<sup>o</sup> e o XI<sup>o</sup> (inverso do IX<sup>o</sup>) respectivamente. Há, entretanto variações importantes no XI<sup>o</sup> grau que não envolvem o componente homossexual.

O quanto Crowley estava obrigado aos prévios contatos Tântricos da Ordem<sup>2</sup> para a reformulação dos três graus, é impossível dizer. Mas uma coisa é certa:

1 Este termo é usado aqui num sentido simbólico. Conforme a fórmula da Fênix descrita num capítulo anterior.

2 Karl Kellner, o homem que re-estabeleceu a O . T. O . foi iniciado nas doutrinas tântricas por Bhirma Sem Pratap e Sri Mahaatma Agamy Guru Paramahansa. Há também a possibilidade de que o notório mágico árabe, Soliman bem Aifha, pessoalmente tenha induzido Kellner nos mistérios da corrente Ofídica.

a representação de Nuit e a postura designada a ela no Livro da Lei mostram grande similaridade com a fórmula tântrica conhecida como viparita maithuna. Este termo é quase tão difícil de traduzir - sem a possibilidade de seu significado Ter sido totalmente mal interpretado — quanto o termo Vamamarga, Caminho da Mão Esquerda. Em seu sentido simbólico ambos os termos se voltam para as antigas cosmogonias, aonde o princípio feminino é olhado como predominante. No sentido mais técnico e especializado, o termo viparita maithuna significa ato (sexual) de cabeça para baixo: a posição na qual a mulher é ativa e fica por cima. Esta postura é adotada para facilitar o fluxo livre dos fluidos carregados magicamente com as emanções da sacerdotisa. Está provado pelos conselhos de Maomé que esta fórmula era conhecida fora da

tradição Tântrica: “Amaldiçoado seja aquele que faz de si a Terra e da Mulher o Céu”. O comentário de Crowley é: “Maomé entendeu esta fórmula como tendo um enorme poder mágico e desejava guardá-la dos profanos, que poderia abusar dela ou causar danos a si próprios pela sua aplicação ignorante”. Ele se refere a passagens relevantes do Livro da Lei (1, 14, 16, 19) e ao Livro das Mentiras (Capítulos 4 e 15). Ele também compara a fórmula com a doutrina Saivite de Bhavani: “Aquele que foi além dos limites mesmo da outra metade do Destruidor (isto é, Siva), e a bem conhecida postura do Yab-Yum do Budismo Tibetano. Mas a maior de todas é a Estrela da Revelação, conhecida como a Estrela 718.”

É provável que o simbolismo da Chave do Tarot intitulada O Enforcado também tenha afinidades com esta fórmula. O homem está suspenso ou enforcado, de cabeça para baixo. Esta era a posição (asana) na qual dizia-se que os Cavaleiros Templários costumavam meditar; também é aludido como o Sono de Siloam.

O simbolismo desta postura sem dúvida concorre para a peculiar reverência na qual o morcego é cultuado em cultos usualmente considerados maus ou adversos. De passagem, é interessante notar que de acordo com Henri Boguet (Discours Sorciers, 1590): “Quando Satã quer mentir com um feitiço na forma de um homem, ele toma a forma do corpo de alguém que tenha sido enforcado”.<sup>3</sup>

No Livro da Lei, A Deusa Nuit diz: “Invoquem-me sob minhas estrelas! O Amor é a lei, amor sob vontade”. As “estrelas”, conforme mostrado anteriormente, são os kalas do Tantrismo. Estas estrelas, raios, flores, essências, perfumes, óleos, ungüentos, tempos, ciclos, emanções, partes, etc. estão todas concentradas na Deusa Negra, Kali.<sup>4</sup>

O fluxo, aquele que flui, é Kali, o símbolo vivo do Tempo. A donzela núbia em sua primeira fase menstrual é citada como *rtu*, da qual se deriva a palavra rito, cio, raiz e vermelho, denotando não apenas a natureza do primeiro rito, mas também seu caráter e complexão. Na Tradição Hebraica, O Bath-Kol (Filha da Voz) é um símbolo cognato. A Voz, originada de Vach, Vak (conforme vox) da puberdade feminina e gestação.

3 Veja o Capítulo XI, Um Exame de Feitiços, traduzido por Montague Summers. Rodker, 1929. Muller, 1971.

4 A palavra “carvão”, denotando aquele que é negro, é derivada da mesma raiz; também kohl, o cosmético com o qual as mulheres escurecem os olhos; assim também a palavra Kal-endar ou Calendário, que é concernente às divisões ou períodos de tempo.

Gerald Massey nota que este foi o primeiro e mais místico de todos os contadores de tempo; ele se tornou o Sagrado Espírito, de uma natureza feminina, que foi representado pela pomba de Hathor, Semiramis e Maria. Em Hebraico, Kol é a voz em um sentido místico. É uma voz inarticulada, indistinta; também, na forma de kara (sânscrito) ela é a “palavra”, o “mensageiro” ou “logos” feminino, um com o Bath-Kol. Kal, em Sânscrito, significa anunciar o tempo, um período, um tempo fixado ou próprio. Uma de suas formas é o Ritu-Kala. A sangrenta deusa Kali veio desta fonte. O útero ou ventre, como o que exprime adiante, é o kalana. O tempo fixado ou próprio é o tempo “rito”, que mais tarde denotava o tempo “certo”, isto é, o tempo permitido ou legal para o intercuro sexual.

No antigo Egito a passagem do tempo era registrada nos templos pelos fluxos periódicos do sagrado babuíno, a fêmea cinocéfala ou macaco cabeça de cão. Ela foi a primeira Mãe do Tempo na fase pré-humana do simbolismo, e o protótipo do relógio do tempo, a clepsidra. Sua



contraparte feminina foi adotada pelos egípcios como o simbólico Sacerdote, ou Sagrado, pois o cinocéfalo aparecia para adorar o sol em seu surgimento, com os braços para cima e o falo ereto. O costume da circuncisão se originou com o cinocéfalo que parecia ter nascido nesta condição. Então este se tornou o tipo do Sacerdote do Sol, os regentes humanos do ofício sendo circuncidados para se aproximarem do tipo natural.

O Livro da Lei declara: “O melhor sangue é o da lua, mensalmente”. Este é o sangue lunar (13 ciclos ao ano) que caracterizava os antigos cultos pré-solares, e uma das razões pelas qual o número 13 tornou-se anatematizado tempos mais tarde. Ele se reporta à era do Norte, a Noite (lua e estrelas), a esquerda, o mais baixo, e a era mais primitiva foi encontrada na fêmea, como salvadora da raça, através de seu sangue redentor (a Gnóstica Sofia).

A essência tântrica do Livro da Lei é aqui enfatizada, e uma interpretação prática de muitos de seus versos dependem de um conhecimento da erudição tântrica.

As doutrinas psico-sexuais envolvidas são complicadas, e mesmo as versões comparativamente mais simplificadas ensinadas na O . T . O . contêm significados profundos que alguns escritores — pensando terem achado uma simples explicação sensacional — até agora apenas supuseram. Quando se dão conta que alguns ritos tântricos envolvem o uso de tantas quantas 43 “flores” (lótus), e que estes são algumas vezes depois divididos em 108 e — de acordo com algumas tradições — um número muito maior de subdivisões — tais descrições fáceis como “falicismo” ou “adoração do sexo”, traduzem somente a ignorância por parte da crítica.

Devido aos experimentos mágicos de Crowley, certas regiões de atividade natural, embora misteriosa, tornaram-se de mais fácil acesso aos ocultistas que trabalham na mesma corrente. A aceitação da Lei de Thelema automaticamente torna-o possível para uma pessoa que deseje se submeter ao necessário treinamento, trabalhar de acordo com e não em oposição às energias do Novo Éon, assim permitindo-lhe penetra em imensos reservatórios de poder elemental ocultos na corrente que Thelema incorpora. Tal aceitação envolve não apenas empatia com o espírito do Livro da Lei — a Imagem manifesta (ou Palavra) de Aiwaz - ela também vitaliza os marmas que estão conectados com zonas psico-sexuais específicas do organismo humano.

Embora cientistas ocidentais tenham mais tarde tomado conhecimento de sua existência, suas localizações específicas e potencialidades são, com algumas poucas exceções, ainda desconhecidas para eles. Alguns dos textos antigos se referem a 16 fluidos ou kalas, alguns dos quais são desconhecidos para a ciência ortodoxa. Havelock Ellis, em Estudos da Psicologia do Sexo,, volume III, pág., 146, se refere às numerosas secreções do canal genital feminino, mas não faz nenhuma tentativa de interpretar seus possíveis usos. Conforme comenta um observador tântrico: “No Leste há mais certeza: Das três espécies de fluidos a urina é o último e o mais fraco; rajas, a secreção menstrual, é o próximo e bindu — o último, é a secreção não conhecida até o momento do Oeste, e obtida apenas por meios do Shakta Tantra e seus análogos na Mongólia, Tibete, China, Peru, México e outras partes; um fluido que bissexualiza homem e mulher e rejuvenesce a uma extraordinária extensão. No Leste são conhecidos e usados quinze tipos de secreção de fluidos da mulher, todos dos pés da Mãe... O 16º é conservado secreto e conhecido como sadhakya kala, o raio do valor. Sem dúvida estas secreções conduzem valores do fluido cérebro-espinhal, e das glândulas endócrinas, pois é sabido que existe um centro nervoso governando a necessidade de urinar (micturição) no fundo do terceiro ventrículo e um nervo conectando diretamente aquele centro com a bexiga; ao longo deste nervo passa alguma parte da secreção dentro do terceiro ventrículo com a qual o corpo pituitário, a glândula pineal e outras partes do cérebro estão em direta comunicação”.

Algumas destas zonas secretas (marmas) se igualam aso chacras conhecidos dos yogues que perseguem linhas definidas de cultura espiritual, e nos eflúvios sutis ou kalas, emitidos pelos marmas quando adequadamente vitalizados pelos métodos yogues, reside a verdadeira Luz da Magia. Nos sistemas africanos de Obeah e Vudu, esta Luz é conhecida como Aub, ou Ob (raiz de Obeah). A palavra “Ob” significa “uma serpente”. É a serpente chamada Kundali ou Kundalini, nos Mistérios Indiano; é dita estar enrolada na base da espinha e permanece adormecida na pessoa cuja espiritualidade não está desperta. No Livro da Lei ela está inequivocamente identificada com Hadit ou Set. As práticas designadas para despertar estes poder são conhecidas como perigosas; o temerário sozinho experimenta-as sem a devida preparação mágica. Kundalini, desperta, vitaliza os marmas e embebe-os com nectar (ou veneno) de seu beijo-serpente. A mescla do nectar com o fluido ao redor do lótus sagrado de cada marma gera um kala de grande potência. A natureza e a posição do lótus determinarão o tipo de visão experienciada. Se o sakti atua no centros psico-sexuais exclusivamente, depravação e destruição resultam inevitavelmente, mas se a serpente é despertada ereta e se sobrepõe a todos os lótus durante a sua subida flamejante, e se ela então se une com o nectar gotejante das mil pétalas na região cerebral, a iluminação acontece e resulta a mais alta iniciação. A técnica do processo está contida no Livro da Lei e as estranhas drogas mencionadas no Capítulo 2, provavelmente se referem à inibição dos próprios kalas.

Crowley, um incorrigível brincalhão, traduziu o Beijo da Serpente numa prática piada erótica quando ele enfiou seus dentes na carne do braço de uma mulher ou nas suas coxas. A idéia deve ter-lhe ocorrido quando houve rumores de que ele era um vampiro. Levar sua ação a sério é emular aqueles que consideram o Kundalini como o falo, ao invés de olhar o último como uma expressão no plano material do primeiro; ou aqueles que tomaram erroneamente o suspeito tinir das campainhas do dispositivo de Blavatsky pela realidade astral sobre a qual ele foi modelado.

5

O renascer dos elementos tântricos no Livro da Lei pode ser uma evidência de um movimento positivo na parte de Aiwaz para forjar uma ligação entre os sistemas de magia ocidentais e orientais.

Seja como for, ele estabelece enfaticamente um relacionamento entre as formas mais antigas e estelares da deusa Nuit, e os kalas de Kali. A última se iguala com as secreções somáticas modificadas psicologicamente pelas zonas erógenas que não foram ainda investigadas pela ciência física.

A magia do Caminho da Mão Esquerda está longe de ser uma mera magia de sexo na conotação comum do termo; está longe também de ser removida das interpretações cruas que lhe são dadas por escritores ignorantes do simbolismo religioso tanto quanto da maioria dos outros assuntos.

Para o tântrico, como para Crowley, nada de uma natureza sobrenatural está implícito pelo termo “oculto”. Pelo contrário, leis ocultas uma vez descobertas não são mais ocultas no estrito senso do termo, embora elas continuem escondidas da visão física ou apreensão, do mesmo modo que a mente permanecerá sempre invisível, embora o cérebro possa ser revelado aos sentidos. Entretanto, quanto mais profundamente penetramos os Mistérios, nós permanecemos no domínio de uma exclusiva ordem natural. Uma filosofia de materialismo emergente pode estar implícita, mas não precisa estar.

Outro ponto de contato entre Tantra e Thelema está contido no aforismo Thelêmico: “Não há nenhum deus que não o homem!” Isto não é uma expressão de ateísmo, mas uma declaração de fato diretamente dependente da concepção de uma ordem natural de fenômenos. Conforme o Homem vai desvelando ou entendendo os poderes de sua própria constituição, ele se dá conta de

que o Macrocosmo (Universo) está contido nele, e não o contrário, pois o Homem sendo o único Microcosmo completo — ele somente, de todas as ordens da existência, tem uma ligação com, ou possui dentro de si, o potencial da inteira gama de manifestações. A Tabuleta Esmeralda de Hermes, Três Vezes Grande, declara uma verdade similar:

Aquele que está em cima é como aqueles que está embaixo, e aquele que está embaixo é como aquele que está em cima pelo desempenho do milagre da Substância Una.

- 5 Não poderia ter havido campanhas fraudulentas aqui se não houvesse existido fenômenos astrais genuínos para sugerir a idéia. Ela também era uma incorrigível brincalhona e respondia aos tolos de acordo com sua tolice.

A ciência misteriosa da Alquimia se aproxima muito da doutrina Tântrica dos kalas, e contém conceitos de uma natureza paralela; mas a literatura da Alquimia não é de modo algum sistematizada. Além disso, indivíduos experimentadores — comumente sob compulsão — empregaram intrincadas cifras, embora adicionando-os à selva de símbolos e glifos que zombou de todas as interpretações.

A Substância Una é a Consciência. Sua reflexão ou projeção em termos físicos, absorveu o interesse dos Alquimistas, dos Tântricos e dos Iluministas Científicos.

O germe da Consciência reside no Caos — a substância primeva da qual algumas coisas são geradas. O Alquimista árabe do século 17, Ali Puli, declarou: “Todos os animais aumentam a si próprios por um muco”. Isto pode parecer uma super-simplificação embora sem dúvida indique a natureza do Primeira Matéria dos Alquimistas — suas Menstruações ou eflúvios básicos. É o kamakala dos sistemas hindus, o tribindu a que se refere os mais latos graus da O . T. O . como o Fogo Solar, o Ob e o Ob combinado o **(desenho)** dos Iluminados.

Começando com a simples declaração de Ali Puli, os Alquimistas, os Tântricos e — épocas antes deles - os adoradores de estrelas de Akkad e do antigo Egito, elaboraram uma ciência ramificada de substâncias vivas da qual “muco” é a matriz, a fonte-mãe.

A exudação e o embebedimento dos kalas mágicos inerentes nos fluidos humanos é o assunto principal desta antiga ciência, conhecida na Índia como a Sri Vidya. Numa carta ao Irmão O . P. V. (Norman Mudd), datada de 1924, Crowley enfatiza: “Os metais dos Alquimistas eram substâncias *vivas*”.

Estes metais ou remédios são mais tarde subdivididos de acordo com o que os seus geradores são: solar, lunar ou correntes mistas de energia criativa; ou em linguagem espagírica, se eles provêm de ouro, prata ou mercúrio; os hindus diriam de enxofre, sal ou mercúrio.

Estes três — Sol, Lua, Fogo, - formam a Substância de Três Partes, A Semente Trina, da qual o Sri Chackra ou Zona da Grande Energia é o florescimento completo e final. Este é o Lótus-Mãe, o Chacka-Fonte do supremo poder oculto.

A semente de três partes é representada geometricamente pelo triângulo ou pirâmide, o símbolo de Horus e da Mãe não casada. Quando o ápice é supremo, Horus é indicado; quando ele é invertido, ou apontando para o sul, Set está implícito. Nos tantras, Sri Yantra aparece como o

triângulo central para cima ou para baixo, apontando de acordo com o ritual se ele for do Caminho da Mão Direita ou do Caminho da Mão Esquerda. A fusão desses dois triângulos de Nuit e Hadit, Norte e Sul, Fêmea ou Macho, forma a Estrela de seis pontas, a Estrela do Espírito, símbolo da Consciência Transcendental. Esta Estrela é o símbolo do IX<sup>o</sup>, O . T . O .

Babalon, a Mulher Escarlate, é o avatar terreno ou sacerdotisa das “estrelas”; daqueles kalas que informam as emanções sexuais da mulher treinada em magia. De igual modo, a Besta, seu complemento, é o vice-regente do Sol sobre a terra, isto é, o veículo da corrente solar representada pelo Falo.

Num comentário em *A Visão e a Voz* (12<sup>o</sup> Aethyr), Crowley diz que “a fórmula de Babalon é a constante copulação ou Samadhi em tudo”; ou como Austin Spare diz: “Todas as coisas fornicam o tempo todo”.

Qualquer mulher adequadamente treinada pode tornar-se oracular no sentido que se aplica à Mulher Escarlate. Assim também, qualquer macho adequadamente treinado e magicamente consagrado pode desempenhar o ofício da Besta, embora Crowley pensasse que este ofício se referisse somente a ele. A Besta significa a transmissão não individualizada ou anônima da energia solar (Hadit) a uma matriz particular, criando assim almas ou “estrelas” no Corpo de Nuit.

Como no culto primordial de Shaitan, como no de Thelema, o papel da mãe não casada, a prostituta, é exaltado sobre todas as outras expressões do princípio feminino. De acordo com Skeat (*Dicionário Etimológico*), a palavra “prostituta” significa “o ser querido”, cara, a bem amada; ela não implicava originalmente em nenhuma censura moral nem era intercambiável com “vagabunda”. Crowley usa a palavra em seu sentido pristino.

Das três fases principais da feminilidade — a virgem, a mãe e a prostituta — Crowley exalta a prostituta como o tipo da condição da mulher Thelêmica. Na fórmula da virgem e da mulher casada, respectivamente, ele vê a fórmula dos Irmãos Negros: isolamento e rejeição da corrente de vida universal.

A virgem representa a espécie errada de silêncio, isto é, o silêncio dos Irmãos Negros, a inércia estéril resultante do exclusivismo e restrição. No Livro da Lei está dito “A palavra do Pecado é restrição”; Crowley entretanto identifica a virgindade com pecado no seu sentido específico. A forma ativa do Silêncio, ao contrário, está tipificada pela criatividade secreta que opera na escuridão e solidão da gestação. É simbolizada pelo deus-anão, Harpocrates, a forma grega de Hoor-Paar-Kraat. Quando a fórmula degenera para o nível físico, com resultante maternidade, ela é de novo olhada como negativa porque a mãe representa a antítese do livre-perambular do Tomador e Doador do Amor quando e onde a Unidade procura expressão através do mecanismo da dualidade. Isto é explicado num comentário que Crowley escreveu em Cefalu:

“A mulher é sakti, o Teh, a Porta Mágica <sup>6</sup> entre o Tao e o mundo manifesto. O grande obstáculo é se aquela Porta for trancada. Portanto, Nossa Dama deve ser simbolizada como uma prostituta. Claramente ... o Inimigo é esse fechar das coisas. Fechar a Porta é impedir a operação de Troca, isto é, de Amor.

6 O Caminho de Daleth (a Porta) é atribuído a Vênus. Veja a Árvore da Vida.

A objeção a Calypso, Circe, Armida, Kundry e Cia., é que é possível ficar-se trancado em seus Jardins. A íntegra do Livro dos Mortos é um dispositivo para abrir os veículos fechados e permitir a Osiris ir e vir a seu bel-prazer. Por outro lado, parece haver um selamento por um período definido no sentido de permitir à Troca, prosseguir sem ser perturbada. Então a terra jaz inaproveitada; o útero está fechado durante a gestação; O Osiris está selado com talismãs. Mas é vital considerar isto como um dispositivo estritamente temporário; e cortar a idéia do Eterno Repouso. Esta idéia-Nibbana é a idéia do Menino-Covarde-da-Mãe; deve-se tomar um gole refrescante no Tao, nada mais. Eu acho que isto deve ser levado adiante como o ponto cardeal de nossa Sagrada Lei”.

A semente é Deus (o Que Vai, conforme mostrado pelo Ankh ou Tira-de-Sandália, que Ele carrega) porque ele entra pela Porta e sai de novo, tendo florescido, e ainda tendo em si a Semente do Ir.

Em seu registro mágico (1920), Crowley nota “como a Mulher Escarlata, cavalgando sobre a Besta, é Ir, bebendo o sangue da vida dos Santos; adúltera; a Dama da Troca, da Energia, da Vida; enquanto que a ‘mulher modesta’, ‘Maria inviolada’<sup>7</sup>, é fechada, estagnada; impotência e morte ...

“Assim a ‘mulher modesta’, a mãe, é para mim o símbolo da falência e da morte: a Mulher Escarlata que cavalga a Grande Besta Selvagem, que drena o Sangue dos Santos em Sua Taça, que é ‘adúltera’, exigindo troca, é Vitória e Vida”.

Em outro sentido, entretanto, a fórmula da prostituta está conectada com a Lua da Feitiçaria, com Magia Negra e os sortilégios negros envolvendo entidades malévolas e estéreis tais como Echidna, Lilith, Melusina, Lamia, certos aspectos de Kali, Kundry, “e a natureza das Fadas em Geral”. Isto vem se aproximar da concepção popular da prostituta como um veículo de luxúria estéril, nosogênica e vampiresca. Diferente da verdadeira prostituta ou bem amada, ela não pode formar um portal através do qual o mágico é capaz de contatar fontes de real poder; o poder dela é limitado ao mundo do glamour, da ilusão, e dos reinos traiçoeiros do plano astral que marginam o Qliphoth — o mundo das sombras ou cascas. A palavra Qliphoth trai sua conexão próxima com estas idéias; é a forma plural de qlipha, significando “uma meretriz”. Sua importância é de uma espécie diferente daquela da virgem, cujo poder mágico principal é a Inspiração, um poder que Crowley, por alguma razão, não considera na passagem citada acima.

Em alguns rituais tântricos, nada a não ser virgens são usadas; de fato, a fêmea sem filhos embora núbil (casadoura) é mais altamente considerada do que a própria mãe, por causa da energia mágica da última Ter sido dissipada a uma certa extensão e portanto imprópria para a produção de obras físicas.

6 Veja o Livro da Lei. Estas expressões são utilizadas num sentido que somente pode ser entendido por um estudo daquele Livro, que transmite mais de um significado ao Iniciado.

A Mulher Escarlata, a mulher do sumo da Lua é suprema em magia. Ela é oracular no momento do eclipse lunar, pois a esse tempo o portal é aberto e a energia solar-fática da magia inunda a escuridão com a Luz; e na Escuridão de Nuit (espaço infinito) “uma estrela surpreende a terra”. Babalon, a Mulher Escarlata, é a Estrela de Sangue, a Estrela Rubi, típica do Norte, o ponto cardeal em cuja direção os Yezidi se voltavam quando invocavam o seu “Diabo”. Conforme

mostrado, Crowley insiste que este “diabo” era um deus, o deus Set, Shaitan ou Satan, degradado ao estado de um demônio por cultos posteriores exatamente do mesmo modo que a Luz Polar (Nuit) — o Dragão das Sete Estrelas tornou-se a Mãe do Mal, a primordial Mulher-Feiticeira, deusa da noite e dos ritos escuros e infernais.

Os métodos clássicos de estabelecer comunicação com os “deuses” estão registrados e o uso do sangue em cerimoniais mágicos é tão bem conhecido que a elaboração é desnecessária. A Técnica peculiar aos tantras é refletida por Crowley no Liber 777 em conexão com a letra hebraica Qoph, que é a letra dos Qliphoth. Ele diz: “A letra Hebraica Qoph representa o útero ‘histórico’ selado à noite; o útero ‘vê coisas’ no glamour do aborrecimento fisiológico, enquanto o Sol espreita”.<sup>8</sup>

O valor cabalístico e qoph, ou “q” é cem, o número de Maya, Mágica, Ilusão, e o Falo e Kteis em conjunção, pois estes são os geradores da ilusão. Qoph é atribuída ao 29<sup>o</sup> Caminho da Árvore da Vida. Uma descrição da relevante Chave do Tarot, intitulada A Lua, resume a fórmula epitomizada pelo comentário de Crowley sobre Qoph.

Há numerosos exemplos no Registro Mágico de Crowley de operações de magia sexual, operadas durante o eclipse lunar. Esta expressão se refere, não ao fenômeno celestial, mas à lua fisiológica, o fluxo menstrual. No Registro, a operação é comumente referida pela frase El Rub, uma abreviação para Elixir Rubeus — o elixir vermelho ou filtro de sangue. A expressão tem uma conexão especial com Liber Stellae Rubeae<sup>9</sup> e o Rito da Estrela de Rubi. Este é o Ritual do Pentagrama, a Estrela de Nuit, desempenhado de uma certa maneira secreta com a finalidade de produzir fenômenos físicos tais como materializações e a aquisição de riqueza ou “ouro vermelho”.

O uso da corrente lunar envolve os aspectos mais densos do plano astral. Sua solidificação em substância metálica, como ouro, não é senão o final e — para o Adepto — usualmente desnecessário — complementação do processo no plano material. “Para fazer ouro você precisa tomar ouro” é uma máxima alquimista relativa aos aspectos mundanos do Grande Trabalho.<sup>10</sup>

8 Esta é a versão correta do comentário mal impresso em 777 Revisto (Londres, 1955), pág. 41.

9 Publicado em O Equinócio I, vii.

10 A forma medíocre da transmutação da experiência mundial em experiência divina; a mais alta, ou mística, é a realização da Suprema Consciência como idêntica com o Próprio Ser. Mundana, medíocre e místicas são as três formas do Grande Trabalho; elas se aplicam ao karma yoga, bhakti yoga e jnana yoga, respectivamente.

Um importante aspecto das práticas mágicas dos Yezidi era o uso da corrente lunar para materializar o duplo astral do Adepto, e agora está claro o porque do trabalho de Crowley conter tantas referências à esquerda, ao mais baixo, ao Norte, ao qliphoth, à prostituta, à besta e — finalmente — ao próprio Aiwaz, o Lúcifer solar-fálico da antiguidade.

Crowley estava plenamente ciente de que este simbolismo seria mal interpretado e deliberadamente distorcido por preconceitos sectários não menos do que por defensores da moralidade burguesa — particularmente pelos crentes do “histórico” Cristianismo, o típico Culto do Deus Moribundo que dominou o prévio Éon. Em suas Confissões ele escreve: “o Culto ao Deus Moribundo introduzido por Dionísio destruiu a virtude Romana e esmagou a cultura Romana. (Possivelmente, a introdução da adoração de Osiris numa época anterior foi

primariamente responsável pela decaída da civilização egípcia). A natureza de Horus sendo 'Força e Fogo', seu éon será marcado pelo colapso do humanitarismo" . (Pela última sentença, Crowley quer dizer o pseudo-altruísmo que eleva o ego, nada mais).

Algumas das lendas absurda que cresceram acerca de Crowley durante sua vida estão sendo perpetuadas hoje por aqueles que falham em captar a significação da antiga simbologia que precedeu a época do Cristianismo histórico. Crowley não desencorajou o crescimento dessas lendas porque elas lhe permitiram medir a adequabilidade, ou de outro qualquer critério, de candidatos que vinham a ele, ostensivamente, para ajudá-lo em seu trabalho. Aqueles que acreditavam nas lendas automaticamente provavam ser deficientes das qualidades as quais ele mais necessitava em seus colaboradores, isto é, a habilidade para discriminar entre a falsidade e a verdade, reconhecer o verdadeiro Mestre em qualquer que fosse o disfarce que ele escolhesse para aparecer ao mundo. Conforme está escrito no Mahavakyaratnamala: "O conhecedor da Verdade deve ir pelo mundo, exteriormente estúpido como uma criança, um louco ou um diabo".

Um trabalho formidável confrontou Crowley: aquele de treinar pessoas para descobrir e exercitar a Verdadeira Vontade e estabilizar a Nova Corrente e estabelecer o Éon de Horus em fundações seguras.

Num tempo em que a humanidade está ameaçada com um colapso total; quando o planeta está — pela primeira vez em sua história — sentido a total falta de um cérebro suficientemente expandido para controlar e comandar todas as energias que a ciência colocou recentemente ao seu alcance, Crowley não tinha tempo para poupar com aqueles cujas faculdades críticas eram mortas por caluniadores de seu caráter pessoal. Era necessário instituir um teste automático e geral de adequabilidade individual para o Grande Trabalho, e a Lenda era o teste.

Em termos tântricos, era um caso de ser adhikari ou espiritualmente amadurecido. No Leste, onde as Tradições do Arcano operam em níveis mais refinados de seletividade, tal situação, como a que se solidificou sobre Crowley, teria sido inconcebível. Um falso guru é rapidamente rejeitado pelo sistema, e de nenhum guru é esperado que prove a si mesmo para pessoas ignorantes de todas as tradições espirituais — mesmo as suas próprias — como se esperava que Crowley fizesse.

Ele se comparava, a esse respeito, com Helena Blavatsky que deliberadamente "repelia fazendo-se passar por charlatã".<sup>11</sup>

Era, no principal, a fórmula da Mulher Escarlata e a utilização do sexo no serviço do Auto-Conhecimento que levantaram desarrazoadas hostilidades e malícia contra ele; isto e o uso de drogas, álcool e outros meios de estimulação que o Ocidente Cristianizado olha como o diabo disfarçado. Mesmo hoje, mais de vinte anos após sua morte, a transformação de Aleister Crowley em vilão continua.

Crowley se deu conta de que não contrariando as várias Mulheres Escarlata que o ajudaram em seu Trabalho, a mulher em particular descrita no Livro da Lei não tinha aparecido a ele. Embora muitas Mulheres Escarlates tivessem sucedido Leah Hirsig (o Macaco de Thoth), o papel nunca foi satisfatoriamente preenchido pelas especificações do Livro (Veja AL, Capítulo III, 43 — 45).

Em seu Comentário sobre o Livro da Lei Crowley nota "que na Mulher Escarlata 'todo o poder é dado'; eu espero uma nova Semiramis".

Outras seguiram Leah, como elas a precederam; Dorothy Olsen (Irmã Astrid); Hanni Jaeger (o Monstro); Pearl Brooksmith (Anu); e etc. Mas nenhuma delas preencheu os requisitos necessários.

Nos anos vinte, a idéia tornou-se uma verdadeira obsessão para ele. Numa carta ao Irmão O . P. V. (Norman Mudd), datada de julho de 1923, ele escreveu: "Sempre houve uma figura muito bem definida da mulher (em minha mente): alta, musculosa e gorda, com vivacidade, ambiciosa, energética, apaixonada, de idade entre trinta a trinta e cinco, provavelmente uma Judia, não provavelmente uma cantora ou atriz aficcionada em tais divertimentos. Ela deve ser 'elegante', talvez um pouco espalhafatosa ou vulgar. Muito rica, naturalmente. Seria uma brincadeira de criança reconhecer a pessoa certa tão logo ela aparecesse...

Meu sentimento é de que a mulher deve ser, principalmente, uma força social anti-Cristo, adequada para liderar um movimento definitivo para destruir a convenção da superioridade social dos 'Cristãos' (por exemplo, em Paris os Judeus vão à Missa — a coisa mais anti-Thelêmica possível) e assim por diante: talvez a mãe de um verdadeiro anti-Cristo".

E em 15 de outubro do mesmo ano, enquanto em Nefta no Norte da África, Crowley escreveu: "Sobre a Mulher Escarlata — Alostrael (isto é, Leah Hirsig) pode e provavelmente vai nos assistir como Ouarda<sup>12</sup> o fez. 'A Noiva' é definitivamente Ouarda. Veja AL II, 37. A 'grande moça' era o brinquedo de Ouarda (com a velha doçura). Em nosso regresso à Inglaterra sua família riu dela porque ela continuava o meu programa. Minha idéia da Mulher Escarlata é muito parecida com a sua.

11 Extrato de uma carta a Norman Mudd datada de 17 de novembro de 1923.

12 Ouarda é a Arábica para a Rosa, o nome da primeira esposa de Crowley. Ela pôs Crowley em contato com Aiwaz no Cairo, em 1904.

Aimeé Gouraud, ou melhor, Eva Tanguay<sup>13</sup> ou mesmo num golpe, Roddie Minor, poderiam preencher o lugar, mas eu espero alguém mais jovem. Ela seria minha concubina para a salvação da forma, mas enganando a sociedade a seu modo, atuando como a Binah para o meu Chokmah<sup>14</sup>. Eu sempre duvidei de que Alostrael pudesse fazer esse trabalho e ela falhou na nossa Suprema Provação. Apesar de, sem dúvida, nossas presentes necessidades. Ela tem qualidades, entretanto, da Mulher Escarlata, mas nenhuma oportunidade. Nós não queremos uma adúltera comum como Lady Abdy ou mesmo uma egoísta estúpida e debochada como Aimeé Gouraud. Eva Tanguay seria o ideal, se ela fosse dez anos mais jovem."

Perto do fim da vida de Crowley, certos estranhos eventos ocorreram, os quais fizeram parecer provável que a Mulher Escarlata tinha afinal, aparecido. Estes eventos não ocorreram a Crowley diretamente, mas ao chefe de sua Ordem de Magia (O . T. O . ) na Califórnia. Esta pessoa, John Parsons, desempenhou uma elaborada operação mágica em 1946 com o objetivo de invocar a Mulher Escarlata. Ele chamou a operação de Trabalho de Babalon, e a criatura dizendo-se ser Babalon atendeu ao Chamado.

É duvidoso de que Crowley tenha sabido ou se importado com este advento, pois ao tempo do Trabalho, ele era um homem moribundo. Ela pode não ter sido a Semiramis que Crowley tinha esperado mas ela era certamente tão estranha e perturbadora como qualquer das Mulheres Escarlates que tinham assistido a Besta 666. Seu nome era Marjorie Cameron; referências posteriores serão feitas no Capítulo 9, a seguir.



- 13 Crowley escreveu uma apreciação da capacidade artística dessa mulher em O Internacional, abri de 1918. Ela desempenhou uma parte importante em sua iniciação ao Grau de Mago. Veja Confissões, Capítulo 81.
- 14 Chokmah é a Esfera da Vontade; Binah do Entendimento. Crowley quer dizer que a Mulher Escarlate expressará sua vontade em termos de ação fenomênica.

### **SANGUE, VAMPIRISMO, MORTE E MAGIA DA LUA**

(desenho)

Dois rituais legados por Crowley envolvem o uso de sangue. Eles são a Missa da Fênix e um certo rito secreto dos Gnosis ensinado no Santuário Soberano da O . T . O .

A Missa da Fênix foi publicada como Liber XLIV, ambos no Livro das Mentiras e em Magia. O número 44 é a palavra Hebraica DM (Dam), que significa “sangue”. Ela significa a fonte vermelha da criação da qual o homem (isto é, A-Dão) foi criado; ChVL, a fênix, também, se soma a 44. Os outros ritos de sangue não foram publicados.

Na Missa da Fênix corta seu peito e absorve o sangue oralmente; no rito de Gnosis ele une a si mesmo com a fonte da manifestação da Forma (isto é, o yoni) e consome a hóstia embebida em sangue. O ato é então um sacramento, imbuído da corrente mágica de sua própria energia expressa em termos de Vontade; é uma fórmula eletro-química.

O sangue é o grande agente materializador, tanto para espíritos que encarnariam neste mundo (ou neste plano) quanto para espíritos que, permanecendo em outro mundo, desejam assumir uma forma de maneira a gravar sua presença sobre os seres humanos. Homero e outros escritores da antiguidade, descreveram ritos mágicos envolvendo o uso de sangue que manifestaram as sombras dos que partiram a uma forma aparente. O sangue também forma a base física para a materialização das forças elementais e demoníacas.

A teoria subjacente aos Ritos de Sangue é baseada na identidade bíblica de Sangue e Vida (Gen. 9. iv.). A força seminal feminina é igualada com a energia masculina (prana, ruach, Espírito). Assim, o sangue é o veículo do Espírito, e o meio de manifestação dos espíritos.

Os dois componentes, macho e fêmea, referem-se à alma da escuridão e à alma da luz, os espíritos de Set e Horus respectivamente, - estes, outra vez, são Hoor-paar-Kraat e Ra-Hoor-Khuit, as duas polaridades de Heru-Ra-Há (Horus), através do qual o equilíbrio do universo é sustentado. Em termos morais esta dualidade expressa a si própria como bem e mal. No simbolismo dos Gnósticos, a serpente e a pomba são os glifos típicos desta polaridade e no Livro da Lei é dito: “Há a pomba e há a serpente. Escolha bem! Ele, meu profeta, escolheu, conhecendo a lei da força e o grande mistério da Casa de Deus”. Todo o corpo da doutrina de Crowley é um comentário sobre a interação e o equilíbrio destas duas forças: o empurrão para baixo do demônio e o do anjo para cima.

A confusão do simbolismo surgiu por causa das interpretações da transição do feminino para o masculino da Energia Primitiva. Isto foi causado pela evolução gradual das idéias e a troca da ênfase de uma para outra, que já foi explicada mais longamente. Transições similares de símbolos para seus opostos são bem conhecidos com a Cristianização das divindades pagãs; o processo é marcadamente aparente nos Mistérios do Vudu, aonde os “santos” conservam seus poderes obscuros naturais juntamente com as novas virtudes adquiridas.

As forças gêmeas no sistema de Crowley são Ra-Hoor-Khuit (Herakhty) e Hoor-paar-Kraat (Harpocrates), os dois aspectos de Heru-Ra-Há (Horus). Sua significação com entidades espirituais pode ser entendida somente com referência aos mistérios básicos da fisiologia sobre a qual eles ultimamente repousam.

Aplicados ao homem, estes gêmeos incorporam a idéia da alma e do espírito. A alma é a sombra astral, a luz estelar na escuridão representada por Set e Sirius; o espírito é o corpo solar da luz, representado pelo sol. Um é a noite, o outro o dia.

A determinante egípcia do duplo humano era a sombra solar, que combinava estas duas idéias em uma imagem. Era chamada a Khaibit e ela sobrevive na palavra inglesa *habit* (hábito), como algo repetido ou duplicado, algo colocado ou retirado conforme a ocasião requer. Todo indivíduo assume e abandona este hábito, ou sombra, cada vez que dorme e acorda. Durante o sono, os aspectos da luz e da escuridão são unificados e parecem ser idênticos; a menos que o adormecido seja um iniciado, caso em que ele está consciente da distinção. Na morte — que é um sono mais longo — os dois se tornam discretos, a sombra escura pairando sobre o cadáver, o corpo de luz finalmente rompendo com seu gêmeo e elevando-se nas alturas como um falcão dourado.

Era para a sombra escura que as oferendas propiciatórias eram deixadas nas vizinhanças da múmia. A última é retratada nos hieróglifos como um peixe, que a identifica com as águas ou sangue do nascimento. Num sentido mágico o peixe significa renascimento do ka, ou alma da Luz, no mundo dos espíritos. À semelhança de um falcão, o ka eleva-se além das bases materiais de suas atividades mundanas. Isto não significa que o espírito ascendente jamais se pareceu com um falcão, que é meramente um glifo determinado simbolizando os atributos de ka.

Muito do que era escuro, se não realmente negro, na magia egípcia, era praticado por sinistros sacerdotes que perverteram estes Mistérios para usos pessoais. Uma destas perversões envolvia a escravidão de uma sombra que iria partir para que ele pudesse ser usada como um espírito familiar ao serviço do mágico.

Fomes anormais eram engendradas na consciência da sombra escura pela falta de alimentação póstuma. Em todas as idades e em todos os lugares, portanto, um cuidado muito grande era tomado pelos parentes do falecido para assegurar que o espírito que ia partir pudesse refazer sua vitalidade evanescente pela moda ortodoxa, isto é, através da contraparte sutil das oferendas de comida deixadas em sua tumba.

A múmia era usada como um meio físico através do qual a energia era absorvida, isto quer dizer, a múmia — a carne ou sangue congelado — formaram a base material para a manifestação da sombra durante seu banquete.

Inúmeros contos de terror têm elaborado o tema da múmia malévola, que, ao ser desembrulhada, exibia sinais de recente alimentação embora tendo estado mortas por séculos. A sombra magicamente aprisionada usava a múmia como uma base para suas atividades; uma situação, na verdade, não impossível. Se os víveres não fossem periodicamente fornecidos por parentes ou amigos do falecido, o cadáver voltaria sua atenção para as pessoas vivas. Ritos póstumos e oferendas de comida eram originalmente de uma espécie propícia, destinadas a compensar as assombrações ocultas nas quais a literatura do ocultismo é abundante. É nesse nível de mitologia que a lenda do vampiro tem suas raízes. A fórmula mágica de rejuvenescimento envolve um processo análogo com a significativa diferença de que o vampiro está vivo, não morto.

Embora Crowley somente uma vez tenha recorrido à feitiçaria desta espécie, ele sabia de certos Adeptos que faziam dela um hábito, e ele esteve, em uma ocasião, envolvido em um combate mortal com um deles. O incidente é recontado em *As Confissões* (págs. 335-337).

Nos *Comentários do Liber Agapé*, o Livro que contém as instruções secretas da magia sexual dadas aos membros do Santuário Soberano, O . T . O . , aparece o seguinte parágrafo pertinente:

“O Vampiro seleciona a vítima, forte e vigorosa tanto quanto possível, com a intenção mágica de transferir toda aquela força para si próprio, exaure a caça pelo uso adequado do corpo, muito comumente pela boca, sem que ele mesmo entre no assunto de nenhum modo. E isto é o que pensam alguns dos que partilham a natureza da Magia Negra.

“A exaustão deve ser completa; se o trabalho for talentosamente executado, uns poucos minutos devem ser suficientes para produzir um estado semelhante, e não recuperável, ao coma.

“Os peritos podem puxar esta prática para o ponto da morte da vítima, assim não obtendo meramente a força física, mas aprisionando e escravizando a alma. Esta alma serve como um espírito familiar.

“A prática é considerada perigosa. Foi usada por Oscar Wilde e por Mr. e Mrs ‘Horos’<sup>1</sup> também, numa forma modificada por S. L. Mathers e sua esposa e por E. W. Berridge.<sup>2</sup>

“A inaptidão dos três últimos salvou-os do destino dos três primeiros”.

1 Um conto sobre este casal é descrito por E. J. Dingwall em *Algumas Esquisitices Humanas*, 1947.

2 Um retrato muito parecido com a vida do Dr. Berridge foi pintado por Crowley na sua novela *Criança da Lua*, Capítulo IX.

A Missa da Fênix é de fato a Missa do Vampiro. O Mágico, como a fênix, após atravessar os ciclos do tempo, ou entrar nas Cavernas do Sangue, combina sua própria essência nesse momento e absorve-a em si mesmo com as palavras:

Eu entrei com angústia; com alegria eu saio,  
E com agradecimento,  
Para ter meu prazer sobre a terra  
Entre as legiões dos vivos.

O próprio Crowley praticava uma forma de Magia da Lua para o propósito de reabastecimento de suas energias sexuais após elas terem sido exauridas por prolongadas cerimônias mágicas, mas em nenhuma ocasião ele levou a prática ao ponto da morte. É Magia Negra absoluta e completamente contrária à Lei de Thelema, interferir com a Vontade de outros indivíduos, menos ainda roubar-lhes a vida. Os parceiros de Crowley estavam sempre dispostos; o ato não era jamais da natureza de um assalto e tampouco lhes dava nada mais além de prazer, como mostra repetidamente o seu Registro Mágico. Pelo contrário, no caso de mulheres excepcionalmente vitais e robustas, ele considerava essencial ao seu bem estar, drenar a energia supérflua.

O Livro da Lei declara que “o melhor sangue é o da lua, mensalmente”. Isto é particularmente verdadeiro com respeito à materialização de entidades ocultas cuja presença visível é necessária. Crowley deixou muitos registros no Seu Registro Mágico a respeito de ritos envolvendo o que ele denomina o elixir rubeus, o filtro vermelho. Ele o utilizava ocasionalmente para materializar as comodidades singularmente elusivas, dinheiro, ou “ouro vermelho”. O termo é remanescente da tintura Vermelha dos Alquimistas e da Mulher Vermelha (ou Escarlate) que o substancia: embora a imagem da Mulher Escarlate seja um dispositivo literário, conforme usado no Apocalipse, ela antecede a composição por muitos milhares de anos.

Vermelho é sinônimo de ouro, no simbolismo do Fogo da alquimia. Nos Tantras, vermelho (ou negro) é a cor de Kali, Deusa do Tempo, estações, períodos, ciclos, etc. A sinonímia é significativa. Os metais dos alquimistas não eram metais comuns, mas substâncias vivas e estes metais ou essências são os elementos materializados de forças ocultas que incorporam a si mesmas na riqueza segregada pelas minas de Kali. Kali, A Negra, contém “Verdade” - a ruti ou negrura — que revela a si própria na Matéria sob a forma de metal mais puro, isto é, ouro. Vermelho, negro, ouro, são termos equivalentes. A menstruação ou veículo da Luz (Ouro), no plano físico, é sangue, a fonte líquida da manifestação. A Água Mística, o Mar do Espaço Infinito representado por Nuit (Nu) equivale a vermelho, ouro ou negro, todos os quais são O Princípio, O Tattva, A Verdade.

No simbolismo dos Hebreus, o Selo de Salomão exhibe o Triângulo do fogo, ouro ou Luz D, e o triângulo da Água ou Sangue —. Sua união é A. Este Selo é o símbolo supremo do Espírito unificado com a Matéria, ou Deus unido com o Homem. É um glifo do Grande Trabalho, aperfeiçoado na O . T. O . pela união do Fogo e Água e assim representa o Nono Grau.

O nome Sol-Om-On é composto da palavra do Latim, Sânscrito e Egípcio para a Energia criativa solar-fálica. O Sol, quando dourado (como ao nascer) ou vermelho (como no pôr-do-sol), é o glifo do surgir e descender daquele Que Retorna que é o falcão, heron, íbis, ou fênix, a Ave Bennu dos Egípcios. O ouro de mescla no vermelho, e o vermelho no negro dos Amenti, quando o sol se põe ou afunda abaixo do horizonte Ocidental. A tripla fase da jornada do sol, representada por estas três cores é biologicamente colocada em sentido paralelo, ao nascimento morte e enterro do corpo físico; a múmia sendo a semente posta na terra para esperar a ressurreição no horizonte Oriental.

Os Tântricos prezam a primeira rtu (cf, ruti) de uma jovem mulher porque ela contém grande virtude mágica. O Matrikabhedatantra interpreta-a conforme segue: “Oh Senhora de Mahesha<sup>3</sup>, a flor que brilha toda é o Ritu que primeiro aparece numa jovem casada”. A palavra “ritual”, o Sânscrito rtu ou ritu (o Egípcio rutai), a substância negra ou vermelha, todos mostram a equivalência destas idéias.

A flor-espargida yoni da mulher participante na adoração mística dos Chacras é simbolizada pelo lótus de 8, 16, 32 ou 64 pétalas (o número de pétalas indica a natureza do rito desempenhado) e é o emblema da primeira Flor (ou fluxo) ou Ritu<sup>4</sup>.

Um outro simbolismo paralelo é o samasanam, o chão cremado de Kali, aonde os Tântricos desempenham misteriosos ritos. Este é o chão queimado do desejo, o lugar no qual os desejos são consumados, extintos. Por isso, diz-se que Kali concede Kaivalya (Liberação) no Vácuo (Yoni).

As correspondências simbólicas são como a seguir:

Rtu = Sangue (vermelho, negro) = Rito o primeiro Rito desempenhado quando uma jovem atinge a puberdade e se trona For (ou fluxo). A Flor = Lótus = Yoni = Chão cremado aonde o desejo é finalmente extinto, isto é, satisfeito. Satisfeito porque, como Crowley observa: “um orgasmo perfeito não deve deixar luxúria; se alguém quer continuar, simplesmente mostra que alguém falhou ao coletar todos os elementos da personalidade e descarregá-los completamente numa única explosão”. O Chão cremado deve ser comparado com a Taça de Babalon, a Mulher Vermelha ou Escarlate dentro da qual o Adepto expressa a última gota de seu sangue.

Os desejos dos tântricos são consumados na pira funeral do Bem Amado. Aqui está a conexão entre sangue, morte, vampirismo e magia lunar.

3 Mahesha é Siva.

4 Veja Karpuradistotra, Hino a Kali, No. IX das séries de Textos Tântricos editadas por Sir John Woodroffe.

O conceito da morte sofreu mudanças radicais no presente Éon. No Éon anterior de Osíris, a morte era considerada como uma realidade; era a apoteose do sofrimento que depurava o indivíduo dos “pecados”. No presente Éon, a morte é conhecida como uma ilusão; ela é igualada com os fenômenos do orgasmo sexual e interpretada como aniquilação mística da personalidade que ocorre quando o indivíduo se une em êxtase com qualquer de suas “idéias” ou possibilidades; qualquer coisa — isto é — o que constitua seu não-ser e portanto seu “oposto”. O processo pode ser aplicado a corpo, mente ou espírito. Pode ser experimentado durante o período da existência corporal, no estado desperto, ou em sonhos; ou no estado desincorporado do sono. Mas não é necessário que o corpo físico “morra” antes que a Iluminação ocorra. A transição de uma doutrina de sofrimento e compaixão para uma de êxtase e paixão, cria uma mudança fundamental no ponto de vista do indivíduo, embora ambas as doutrinas sejam igualmente ilusórias do ponto de vista do Verdadeiro Ser (Atman).

No Éon de Horus, a vida física é reconhecida como um sacramento. A morte é a desintegração do corpo bruto, mas não há interrupção na continuidade da consciência que uma vez juntou as partículas do corpo. A Morte é o beijo da libertação, a dissolução e liberação da mais íntima partícula de poeira que é Haadit, energia eternamente radiante no coração de Nu: “Festejai! Rejubilai-vos! Não há horrores aqui. Há a dissolução e o êxtase eterno nos beijos de Nu.”

A reorientação do ponto de vista é produtora de mudanças mais profundas na consciência do que pode ser reconhecido à primeira vista.

“Na antologia do Novo Éon”, escreve Crowley, “Macroprosopos (Deus) não é mais o único e supremo Ponto-de-Vista para o qual todo ego é subsidiário e precisa obedecer.” A ênfase trocou-se de fora para dentro. Hadit exclama: “Eu sou a chama que queima em todos os corações do homem e no núcleo de cada estrela. Eu sou a Vida e a doadora da Vida, e portanto o conhecimento sobre mim é o conhecimento da morte.”

Quando os antigos descobriram que era um único e o mesmo sol que surgia e deitava, diariamente, anualmente, eônicamente, assim o homem no Novo Éon reconhecerá que a Consciência é ininterrupta, embora ela periodicamente pareça surgir e morrer e assumir diferentes disfarces ou corpos. A Morte é uma ilusão, e portanto não um estado de ser tenebroso como nos antigos cultos de Osiris, pois “todas as mágoas não são senão sombras; elas passam e vão embora; mas há aquela que fica.”

THAT, do Hindu TAT, é a partícula essencial de Hadit, que é a Consciência. Não é uma possessão individual, mas Ela possui o indivíduo.

A Morte deve ser entendida como o arco invisível da curva que desaparece sob o horizonte da consciência limitada para re-emergir, como o Sol, com sua identidade essencial inigualada.

Na conjunção carnal, cada coito é um sacramento de virtude peculiar uma vez que ele efetua a transformação da consciência através da aniquilação da aparente dualidade. Para ser radicalmente efetiva, a transformação deve ser também uma iniciação. Por causa da natureza sacramental do ato, cada união deve ser magicamente dirigida: “Se o ritual não for sempre para mim (Nuit): então espere o julgamento terrível de Ra Hoor Khuit!”

O ritual deve ser dirigido para a Consciência trans-infinita e não-individualizada representada por Nuit (Nought), isto é, nada do que possa ser pensado a respeito ou de nenhum modo formulado pela mente. O ato não deve ser concernente a si próprio de nenhuma maneira pelas personalidades envolvidas, os terminais conduzindo o clarão iluminador que torna possível a iluminação. As identidades individuais destes pólos são imateriais: “Tomai o vosso suprimento e a vossa vontade de amor como vós quiserdes, quando, onde e com quem vós quiserdes! Mas sempre até a mim”.

A terrena Nuit é Isis, a Mulher Escarlata. Crowley a descreve como “qualquer mulher que transmita a palavra solar ou a partícula-Hadit”. A fórmula dela é *amor sob vontade*. Similarmente, Nuit é a celestial Isis e sua fórmula é representada na Estrela 718. A dupla natureza da Deusa é portanto resumida na fórmula Nu-Isis. 5

Atos de amor sob vontade desempenhados com plena consciência de suas implicações ocultas, radicalmente transformam a consciência dos participantes. Análoga é a mudança da mentalização efetuada pela meditação que engendra uma nova faculdade de consciência. A prática continuada de união transcendente (de opostos) cria um estado mental análogo que alcançará um alto grau de desenvolvimento neste Éon.

A antiga Sabedoria Religiosa estava preocupada com fenômenos psico-somáticos conectados com Vidência e Visões do Espírito, com Clarividência e Clariaudiência etc. Os Sacerdotes-mágicos do Egito, Índia e do extremo Oriente, eram versados na Ciência dos Kalas (conhecidos na Índia como Sri Vidya). Esta ciência, como foi mostrado, é concernente primariamente com os poderes sutis (saktis) que emanam do corpo humano. Os saktis, como os chacras da yoga, são não-existentes até que vitalizados por processos mágicos dos quais *amor sob vontade* é a fórmula de compreensão total.

Os sete lótus maiores tornam-se ativos e florescem somente quando estimulados de dentro, pelo despertar de Kundalini. O lótus, graal, taça ou cálice, são termos sinônimos. Sobre a Taça Mágica, Crowley escreve, no Livro Quatro, Parte II:

“Esta taça (composta do crescente, esfera e cone) representa os três princípios da Lua, do Sol e do Fogo, os três princípios os quais, de acordo com os Hindus, têm andamento no corpo...”

“As letras Hebraicas correspondentes a estes princípios são Gimel, Resh e Shin e a palavra formada por elas significa ‘uma flor’ e também ‘expelida’, ‘lançada fora’.”

- 5 Era esta fórmula que constituída as Bases da Nova (isto é, Nu) Loja de Isis a qual o presente escritor dirigiu nos anos cinquenta como uma Loja-Irmã da O . T . O .

Em Sânscrito, a palavra Vama, que é usada para denotar o Caminho da Mão Esquerda, significa a flor ou o que floresce. Vama também quer dizer vomitar ou expelir. Há portanto uma equivalência de idéias: Lótus = Flor = Taça = Mulher = Vama = Secreção.

“A Taça Mágica... é também a flor. É o lótus que abre para o sol, e que coleta o orvalho. Este Lótus é a mão de Isis a Grande Mãe. É um símbolo similar à Taça na Mão de Nossa Senhora Babalon.”

A Ciência dos chacras é descrita no Satcakranirupana , <sup>6</sup> e outros clássicos da Yoga Kundalini. O cérebro também contém poderes mágicos, que estão adormecidos em muitos indivíduos embora eles respondam à estimulações apropriadas. Pauwels e Bergier <sup>7</sup> notam que “suas pesquisas e investigações nos inclinam a admitir como uma hipótese a existência de um equipamento superior no cérebro que foi muito pouco investigado até agora. No estado comum de consciência desperta, somente um décimo do cérebro está funcionando ativamente. O que está acontecendo aos outros nove décimos, aparentemente adormecidos?”

E, mais adiante, no mesmo livro:

“ De acordo com as últimas descobertas científicas, consideráveis porções do cérebro são ainda terra incógnita. Serão elas a sede de poderes que ainda não sabemos como usar? Máquinas de cujo propósito somos ignorantes? Instrumentos em reserva com uma vista para futuras mutações?

“Também sabemos que um homem normalmente, mesmo para as mais complicadas operações intelectuais, usa somente nove décimos de seu cérebro. A maior parte de suas faculdades portanto é ainda solo virgem. O mito imemorial do ‘tesouro escondido’ não tem outro significado”. <sup>8</sup>

E, no seu Registro Mágico (1920), Crowley escreveu:

“O cérebro é o último desenvolvimento do espermatozóide”, e o potencial infinito das últimas flores, se elas florescerem de todo, através do primeiro. “Os espermatozoides contêm incalculáveis possibilidades espirituais, mais em seus miligramas do que o cérebro com suas gramas.”

De acordo com o Kaula Sect do Vama Marg “as árvores do céu são os cinco âmagos do quarto, terceiro e quinto ventrículos do cérebro, o corpo da pituitária e da glândula pineal. A Árvore da Vida é equivalente à glândula pineal, que contém o 16<sup>o</sup> raio, ou dígito, da Lua. Deste raio flui ‘o néctar da suprema excelência’.”

6 Veja O Poder da Serpente, por Sir John Woodroffe.

7 Veja O Despertar da Magia, pág. 236.

8 Ibid. pág. 257.

O simbolismo da serpente bebendo o fluido que cai dos lótus superiores, especialmente na região do chacra Visudha (garganta) poderia ser facilmente mal interpretado como uma fórmula de vampirismo, e a origem da lenda do vampirismo pode bem Ter tido suas raízes neste processo tântrico-yoga. O néctar da imortalidade é o Soma, ou Sumo da Lua, celebrado no Sama Veda. 9

O lótus no coronário da cabeça (Sahasraracakra), que diz-se Ter mil e uma pétalas, segrega esta amrita ou ambrosia da imortalidade; sua analogia física é o cérebro a sede e chefia da mente. No outro extremo do complexo do corpo, na raiz do lótus (Muladharacakra) que floresce com quarenta e nove pétalas na região da vulva, a amrita introduz o sangue lunar.

Havelock Ellis (Estudos da Psicologia do Sexo) declara que somente quatorze das dezessete secreções do corpo conhecidas pelos Tântricos são reconhecidas pela ciência Ocidental. Estes números são relacionados com as pétalas do lótus de certas zonas erógenas. As secreções são relativas aos dias e noites das quinzenas escuras e brilhantes que constituem um ciclo lunar, culminado na Lua Cheia, algumas vezes chamada de 16<sup>o</sup> Dígito da Lua.

A ciência destas zonas é altamente complexa e é comunicada sob a capa do sigilo durante a iniciação. A literatura Tamil está repleta com referências a elas, embora, como na literatura alquímica medieval, ela seja velada por obscura terminologia requerendo interpretação iniciática. Tal obscuridade é garantida, porque o candidato precisa estar preparado de uma maneira muito especial.

À medida que a ciência exotérica se aproxima mais da sabedoria secreta da antiguidade, assim também os cientistas terão que se submeter a certas provas e iniciações antes de serem capazes de dirigir as forças que eles descobrirem. Aqui jaz o perigo que Crowley esforçou-se por compensar fazendo o homem cômico de sua Verdadeira Vontade. Mesmo assim, a humanidade pode perder sua oportunidade de escapar da autodestruição, porque não resta muito tempo antes da escolha do Caminho se tornar irrevogável.

9 Veja a tradução de Sanhita de O Sama Vada, pelo Ver. J. Stevenson, Londres, 1842.



## FOTOLITO

### Legenda do FOTOLITO

NU-Isis, um esboço rascunhado por Austin Spare para cenário de fundo usado na Nova Loja de Isis de Kenneth Grant, um ramo da O . T . O . que operou durante 1955 – 62.

## FOTOLITO

### Legenda do FOTOLITO

Águia Negra, o demônio pessoal, ou familiar, do artista, Austin Spare, e a fonte oculta de sua inspiração. Pintado em 1946.

Parte da preparação dos candidatos que procuram a Iniciação nestes Mistérios consiste no controle e direção da energia sexual através da fórmula de Agapé (amor sob vontade). Somente quando usado sacramentalmente o sexo poderá criar e não meramente reproduzir.

A corrupção desta fórmula é o vampirismo de uma espécie negativa. É um comentário patético nos nossos tempos que é a forma de adulteração dos mistérios sexuais que permeia o pensamento popular. Fora das próprias Escolas de Mistérios, muito pouco conhecimento tem se infiltrado. É parcialmente por causa da semelhança das más interpretações ser tão imensa e tão perigosa em suas conseqüências que a confecção deste livro foi realizada.

Tratamentos não ficcionais do assim chamado “sobrenatural” preocupa-os quase inteiramente com os aspectos anormais e degenerados destes assuntos. Nas instruções secretas que acompanham o Liber Agapé, entretanto, assim como no Liber Aleph (publicado postumamente), Crowley fornece o correto trabalho da fórmula.

## DEUSES DESVIADOS

(desenho)

O Filho Mágico de Crowley, Frater Achad — Charles Stansfeld Jones — era a prova viva de que o Livro da Lei foi confeccionado por uma Inteligência sobre-humana que usava Crowley como um foco para sua influência. Por outro lado, Achad parece também Ter sido um exemplo clássico do

tipo de insanidade que toma conta de um indivíduo que se inclina para um Juramento Mágico além do seu Grau. (Uma instância similar, embora menos intensa, pode ser observada no caso de Frater Genesthai [Cecil F. Russel], um discípulo de Crowley que participou nos rituais mágicos na Abadia de Thelema em Cefalu).

Frater Achad tomou o Juramento de um Mestre do Templo ( $8\infty = 3^{\square} A\}A\}$ ), isto quer dizer, fez o voto de interpretar tudo o que ocorresse a ele como um trato particular de Deus com sua alma, em Vancouver B.C., em 21 de junho de 1916.

Quando uma pessoa toma tal voto, o efeito psicológico — como pode ser imaginado — tem conseqüências profundas. O mundo aparece numa luz totalmente diferente àquela na qual é visto pelo indivíduo comum. Todo incidente se torna carregado por uma significância particular; todo e qualquer incidente casual é vividamente sentido como estando carregado de uma relação pessoal e direta com a pessoa que o experimenta; um padrão cósmico e vasto começa a formular-se na mente de modo que o evento mais trivial aparece carregado com portentosos significados.

A tomada de Juramento de Achad foi absolutamente legítima. Qualquer indivíduo tem o direito de fazê-lo, mesmo que ele não seja um membro da Ordem. Mas tomar o Juramento implica na Provação do Abismo, que é a experiência mais crítica que uma pessoa pode passar. Menos de um mês depois Crowley recebeu um telegrama de Achad que anunciava — em termos ininteligíveis para Crowley naquele tempo - que ele havia cruzado o Abismo e tinha renascido na Terceira Ordem da Grande Irmandade Branca (A}A}).

Crowley, naturalmente, tinha se dado conta da necessidade de produzir um herdeiro mágico, e ele interpretou a necessidade literalmente. Por várias semanas que precederam a chegada do telegrama de Achad ele estava tentando gerar uma criança física em sua Mulher Escarlata, àquela época Jane Foster, conhecida na Ordem como Irmã Hilarion. Mas todos os seus esforços não tiveram sucesso. Hilarion, e outra mulher com quem ele estava coabitando para o mesmo fim, não conceberam então ou durante os meses seguintes. Foi com espanto, portanto, que Crowley registrou em seu Registro Mágico, em 21 de agosto de 1916:

“Uma descoberta espantosa. As Operações para ter uma criança de Hilarion, de 8 de julho de 1916 em diante — sete ao todo — e uma com Helen Westley, terminaram em 12 de setembro e 16 de setembro com três Operações no início e no fim do catamênio. Estas Operações são descritas como particularmente boas.

“Em 23 de setembro (1915), a Palavra do Equinócio era NEBULAE: <sup>1</sup> isto é, a Criança do Universo, como eu a vejo a gora. Neste Equinócio (atual), a palavra é SOL-OM-ON, a Criança do adultério de David. Agora, O . I. V. V. I. O . <sup>2</sup> nasceu em 21 de junho (1916), exatamente nove meses após o Equinócio de Libra (isto é, o Outono) (1915). Como conclusão da Cerimônia do Equinócio, Hilarion me seduziu; e eu me concentrei na Palavra obtida.

“É realmente notável que eu não tenha feito nenhuma Operação para uma Criança após 12-16 de setembro. Estávamos em Vancouver em 19 de outubro e eu dois ou três dias mais cedo. É de se notar também que Hilarion era a perfeita Mulher Escarlata como descrito no Livro da Lei. Então O . I. V. V. I. O . pode ser a Criança vinda de ‘uma casa inesperada’ <sup>3</sup> uma vez que eu sempre pensei num bebê material, e nunca tentei um filho espiritual, e ainda assim é a criança de minhas entranhas, <sup>4</sup> uma vez que O . I. V. V. I. O . tem Sagitário <sup>5</sup> como Ascendente, e Sagitário está na cúspide de minha Sexta Casa (Virgem, as entranhas), e também porque eu fiz a IX $\infty$  Operação por ele, sobre o corpo de Hilarion.

“Ele pode ser ‘mais poderoso que todos os reis da terra’, porque foi expulso por Malkuth.”<sup>6</sup>

“Eu despertei com estas idéias em minha cabeça cerca de 3:40hs desta manhã. Note-se, também, os sonhos de 20-21 de setembro: Hilarion como uma mulher Titã sobre a qual eu desempenhei o IX<sup>o</sup> completo. Neste sonho eu estava mais do que meio acordado...”

- 1 Toda Primavera (Sol em Áries) e todo Outono (Sol em Libra) Crowley obtinha uma Palavra dos Chefes Secretos da A} A} que epitomizava a natureza da Corrente Mágica para os seis meses seguintes. Ele geralmente recebia a Palavra através IX<sup>o</sup> Operações, ou ocasionalmente, através de adivinhação. As Palavras sobreviventes são ainda cinquenta e nove; elas datam do ano de 1915 até a morte de Crowley em 1947.
- 2 As iniciais do Lema qu Frater Achad assumiu ao Cruzar o Abismo — Omnia In Uno Unus In Omnibus.
- 3 Crowley se refere aqui a uma profecia específica do Livro da Lei.
- 4 Ibid.
- 5 Sagitário, o nono signo do Zodíaco.
- 6 Achad era o Lema de Jones como um Neófito da A} A}. Como um Aprendiz ( $I^{\infty} = 10^{\square}$ ), ele tinha tomado o Lema Unus in Omnibus, Omnia in Uno. Ao retornar à Terra (isto é Malkuth, a Esfera de um Aprendiz, representada na Árvore da Vida pela  $10^a$  Séfira) e depois de sua  $8^{\infty} = 3^{\ddot{E}}$  experiência de Cruzar o Abismo, ele inverteu o Lema, que então tornou-se O . I . V . V . I . O . Frater Achad foi portanto “expelido” de Malkuth, ou Esfera da Terra. Crowley no tempo do seu  $8 = 3$ , em 1910, foi similarmente expelido, mas na Esfera de Júpiter (Chesed, na Árvore da Vida), a Esfera do Adepto Privilegiado ou Governante.

A realização de Achad não apenas justificou os métodos que Crowley adotou em seu treinamento de aspirantes na A} A}, foi também um preenchimento inequívoco da profecia no Livro da Lei que declara que a própria Besta não entenderia todos os Mistérios que o Livro continha.

Quando Jones se tornou um Neófito ( $I^{\infty} = 10^{\tilde{N}}$ ) da A}A} (em 1913), ele adotou o lema, Achad (DESENHO), que significa “UM”, Unidade. Crowley logo se deu conta de que Achad era deveras o “um” que viria após ele, no sentido de sucessão ao Grau de  $8^{\infty} = 3^{\dagger}$  (Mestre do Templo). Ele veio após Crowley e cruzou o Abismo para renascer na Terceira Ordem — A Estrela de Prata. Achad também descobriu de fato a Chave do Livro da Lei na palavra AL, que significa “Existência”, ou “Deus”, sendo o seu número 31.

A palavra Achad (Unidade) se soma a 13, que é 31 ao inverso. Trinta e um é o número não apenas de AL mas também de LA, significando “Not” ou Nuit; também, pelo Tarot, 31 é igual a ShT (o deus Set ou Shaitan). A fórmula LASH TAL, que compreende  $3 \times 31$ , se soma a 93, o número sagrado de Thelema, Agapé e Aiwaz, ou Vontade, Amor, e a fórmula mágica de suas operações — ShT, ou Set.

Estas descobertas resultaram da revelação de Achad com respeito ao número 31, que ele obteve no Solstício de Inverno, 1917, e que ele entregou a Crowley em 1919. Ele aceitou a Chave e, em consequência, o título de Livro da Lei — originalmente Liber Legis — foi mudado para Liber AL vel Legis.

A história de Frater Achad e de sua associação com Crowley e de sua descoberta da Chave do Livro da Lei, estão incorporadas num documento não publicado que ele intitulou Liber XXXI. Era

para ter formado o Apêndice cabalístico para a história de Crowley do Livro da Lei que foi publicado — finalmente — muitos anos mais tarde como O Equinócio dos Deuses.<sup>7</sup>

Naquele tempo, entretanto, Achad tinha negligenciado sua posição na A}A}, pelo menos aos olhos de Crowley, por ter falhado em provar sua linhagem ininterrupta de ascendência ao Grau de Aprendiz ( $1\infty = 10^{\tilde{N}}$ ), àquele de Mestre do Templo ( $8\infty = 3^{\tilde{N}}$ ). De acordo com Crowley, foi em conexão com o Grau de  $7\infty = 4^{\hat{u}}$  (Adepto Privilegiado) que Achad falhou. Ele não havia composto e publicado uma tese sobre o Universo, conforme requerido de um membro de seu Grau. Exemplos de tais teses são citados por Crowley em Uma Estrela à Vista: A Chave dos Grandes Mistérios de Éliphas Lévi, os trabalhos de Swedenborg, von Eckartshausen, Robert Fludd, Paracelsus, Newton, Bolyai, Hinton, Loyola, etc.

7 Publicado pela O . T . O . , Londres, 1936.

Mas, ao tempo da descoberta de Achad, Crowley estava sobremodo contente pelo pensamento de que ele tinha produzido um Filho e Herdeiro magicamente competente para tomar seu lugar na Grande Irmandade Branca. Além disso, ele considerava a estranha concatenação das circunstâncias como prova conclusiva da Inteligência sobre-humana de Aiwaz, seu Sagrado Anjo Guardião. Ele viu nestes eventos a completa justificação para sua reorganização do sistema original da Madrugada Dourada e a aceitação daquela reorganização pelos próprios Chefes Secretos. O Sistema tinha se auto-provado. Qualquer pessoa de inteligência e capacidade médias podia — em uma única vida — chegar, por seus meios, à mais alta eminência espiritual.

Mas o sucesso de Achad — parecendo uma prova do que é a origem transcendental do Livro da Lei — terminou em fracasso, e anos mais tarde Crowley escreveu a Frater O . P . V. (Norman Mudd) no sentido de que embora o homem quem quer que seja, fosse livre para tomar o formidável Juramento de um Mestre do Templo, ele — o Chanceler<sup>8</sup> — deveria dissuadir qualquer um de fazê-lo a menos que os Graus anteriores tivessem sido sistematicamente galgados. Achad,, sem dúvida encorajado pelo rápido progresso incomum que ele havia feito como um Neófito, tinha omitido certas Tarefas ligadas a Graus posteriores, e isso havia ocasionado drásticas conseqüências.

O Renascer do Egito, que Achad escreveu e publicou em 1923, contém evidências de sua consecução desequilibrada e portanto imperfeita. Ele inverteu a ordem dos Caminhos da Árvore da Vida e colocou a Serpente da Sabedoria de cabeça para baixo! Ele também declarou que um novo éon — o Éon de Maat (Verdade e Justiça) — estavam à mão; que aquele Éon de Horus estava acabado e terminado, quase antes de ele ter começado!

Em 2 de abril de 1948, menos de um ano após a morte de Crowley e pouco antes da sua própria, Achad anunciou o princípio da Era de Aquário — precisamente 44 anos depois do Equinócio dos Deuses em 1904, quando Aiwaz anunciou o começo do Éon de Horus que deveria durar aproximadamente 2.000 anos. Achad chama a Nova Era de Ma-Ion, A Era da Verdade e Justiça, e diz que ele profetizara seu princípio num livro intitulado QBL, que ele publicou em 1923. Provas

estão em toda a parte, aparentemente, entretanto, nenhuma Era da Verdade e da Justiça ainda não surgiu.

Mas se Achad falhou pessoalmente para obter sucesso em seu renascimento na Terceira Ordem, ele descobriu sem dúvida alguma a chave para o Livro da Lei; ele veio realmente após Crowley e ele certamente provou a eficácia do sistema da A}A} conforme reconstruído por Crowley ao longo das linhas Thelemicas.

Achad pensou que tivesse atingido o topo da realização espiritual, tendo — como ele declarou — passado o Mágico (isto é, Crowley) no Caminho para a Coroa<sup>9</sup> (Kether).

- 8 Norman Mudd era, naquele tempo, o Chanceler atuante da A A e portanto tinha o Encargo de lidar com as aplicações dos aspirantes a candidatos.
- 9 Veja a Árvore da Vida; O Caminho para a Coroa é aquele de Aleph que se junta a Chokmah e Kether.

Ele então entrou num período de insanidade temporária durante o qual ele veio à Inglaterra e juntou-se à Igreja Católica Romana, convencido de que forjando uma ligação mágica com o inimigo ele seria capaz de persuadir a Igreja a aceitar a Lei de Thelema. Ele então voltou a Vancouver, vestido apenas com uma capa de chuva. Ao desembarcar, ele a despiu e começou um ritual de perambulação pelo centro da cidade para afirmar suas intenções de por de lado todas as restrições; sua ação era um gesto de desafio para a liberação do comportamento ortodoxo. Ele foi sumariamente preso e posto na cadeia. Durante seu encarceramento ele continuou a interpretar cada evento como tendo significado oracular e divino; as palavras casuais, gestos e mesmo as blasfêmias de seus colegas prisioneiros eram interpretadas desta maneira. Durante este período ele diz Ter completado seu cruzamento do Abismo, tendo preenchido o Juramento de um Mestre do Templo e tendo de fato interpretado cada fenômeno como um contato particular de Deus com sua alma. O Registro desta realização de Achad está num documento de grande interesse místico. Parte dele foi publicado no Equinócio III, 1.

Embora Crowley tivesse aceitado a descoberta de Achad da Chave do Livro da Lei, declarando que ela abria o Palácio do Rei, ele não aceitou o pedido de Achad sobre os Graus de Mago ( $9\infty = 2^{\dagger}$ ) e Ipsissimus ( $10\infty = 1^{\dagger}$ ). Por causa disso, ou assim parece, Achad empenhou-se em desmerecer o trabalho de Crowley, particularmente o trabalho da O . T . O . na Califórnia e Crowley expulsou-o da Ordem. Achad então voltou-se contra o gênio de Crowley, ou “Anjo”, e num escrito intitulado Os ensinamentos do Novo Éon, descreve Aiwaz como “a Inteligência Maligna que transmitiu a ele (isto é, Crowley) O Livro da Lei em 1904”. Ele continua, dizendo que “a Besta pode ser considerada como seu pior inimigo, mas Aiwaz é evidentemente o inimigo da humanidade e deveria ser reconhecido como tal, se este novo sistema, calculado deliberadamente para trazer a autodestruição da raça humana, fosse corretamente avaliado.”

O caso de Achad, trágico como possa parecer para aqueles que o viram tão promissor e valioso, não pode ser claramente rejeitado, se, de fato, ele puder ser rejeitado de todo. Em 1925, Crowley escreveu a Mudd:

“Estou tratando Achad como se ele estivesse no meio de uma longa provação, e assim quase cego, embora em um aspecto  $8\infty = 3\zeta$  (Mestre do Templo). Assim, deve-se tomar (cuidado) para não dar-lhe uma cotovelada — na esperança de que ele venha a superar isso. Eu acho que ambos, ele e Fuller  $10$  podem ser salvos por você: é tudo (como sempre) feito pelo Ego que começa o

Inferno. Nunca se esqueça disso, não há exceções. Assim, se A mais B ( na A}A)) estiverem desigualdade, a única questão é ‘Qual dos dois tem um abcesso no Ego formado de alguma gota de sangue que ele falhou em derramar na Taça de Babalon?’ ”

10 Ele mais tarde tornou-se Major-General J.F.C. Fuller. Ele era conhecido na A}A} como Frater Per Ardua e era o Superior Imediato de Achad na Ordem. Fuller, também, falhou a fazer o Grau e caiu do Caminho, conforme Crowley insinua nesta carta.

A última sentença se refere à fórmula da Mística Suprema, o absoluto abandono de tudo, mesmo do Sagrado Anjo Guardião, pois se um pensamento do ego, uma “gota de sangue” permanecer “na Taça de Babalon”, a força da realização se auto-destrói e resulta uma obsessão. O ego ascende a proporções inimagináveis e o aspirante começa a acreditar que — como um indivíduo — ele é igual ao Absoluto.

Outro exemplo de um aborto mágico é o de Wilfred T. Smith, conhecido na Ordem como Frater V. O . V. N., ou Frater 132.<sup>11</sup> Ele nasceu em Tonbridge, Kent, perto do fim do último século e começou sua carreira de mágico em Vancouver com Frater Achad, que era nesse tempo chefe da O . T . O . para o Canada e América do Norte.

Crowley primeiramente conheceu Smith em Vancouver em 1915. Como resultado do encontro Foi dada permissão a Smith para estabelecer uma Loja da Ordem em Winona Boulevard. Isto ele o fez, juntamente com uma Irmã da Ordem chamada Regina Kahl. Algum tempo depois, ele mudou-se para o número 1003 South Orange Grove Avenue, Pasadena, California — o lugar que eventualmente se tornou o quartel-general da O . T . O . na América.

Foi lá que Smith seduziu Helen Parsons, a esposa de um jovem cientista promissor chamado John W. Parsons que era conhecido na Ordem como Frater 210. Smith teve um filho com Helen e uma série de acontecimentos se seguiram o que provocou Crowley a editar uma encíclica expulsando Smith da O . T . O .

Mas havia mais para Smith do que mera lubricidade. O poder de atração que ele possuía em um determinado grau e sua sua forte devoção pessoal a Crowley e à doutrina de Thelema, sugeriram algo mais do que uma aptidão para a magia.

Crowley desenhou um horóscopo progressivo para Smith e descobriu que ele seria “uma das figuras mais espantosamente afortunadas que o Frater 666 jamais tinha conhecido em toda a sua vida.” Mas quando ele prosseguiu para estabelecer o mapa do nascimento de Smith ele ficou desnortado com formação de aspectos que — em contraste com o atual caráter de Smith — deveriam tê-lo colocado entre as principais personalidades de seu tempo. Por exemplo: “Um complexo de mais de cinco planetas é rato; de oito, Frater 666 conhece apenas um — William Shakespeare — além de Wilfred Smith!”

Isto, e outras indicações igualmente intrigantes de um destino incomum continuaram a enganar Crowley e os membros da Loja. De repente, “a simples, a espantosa verdade, inundou a mente do Frater 666 com sua luz. Ela explicou todas as obscuridades, ela reconciliou todas as contradições. Nós ficamos, todos nós, entusiasmados por uma única má interpretação, precisamente como se uma equipe de Astrônomos tomando um planeta por uma estrela, observasse seu movimento e então descobrisse algo nada mais do que ataques irritantes, desnorteantes, inexplicáveis, sobre as ‘Leis da Natureza’.

“Tudo se torna claro ao reconhecer o engano fundamental: Wilfred T. Smith, Frater 132, não é um homem de todo; ele é a Encarnação de algum Deus!”

11 O total numérico da iniciais de seu lema, que, no todo, lê-se Velle Omnia Velle Nihil. Seguindo esta descoberta Crowley prescreveu um Grande Retiro Mágico durante o qual Smith deveria reconhecer a natureza e a identidade do Deus que o habitava. Foi para este fim que Crowley compôs Liber Apoteosis (Liber 132) aonde ele sugeriu métodos adequados para a descoberta do deus oculto e a melhor maneira de se comunicar com ele.

Smith não deveria ter nenhum contato com o mundo exterior. Ele deveria habitar uma tenda ou choupana localizada num local remoto e pouco freqüentado. Crowley sugeriu “Temple Hill” como um local particularmente consagrado; era de acesso fácil ao novo quartel-general da O . T . O . num local chamado Rancho Royal. Lá, Smith deveria construir por si só, com suas mãos, uma capela ou templo com as pedras e seixos existentes ao redor. Ele deveria ter a Marca da Besta tatuada sobre sua testa ou na palma de sua mão direita (e, também “caso ele escolhesse, sobre seu coração e sobre seu *mons veneris*”) para solenizar sua dedicação à sua sagrada tarefa. Quaisquer visões ou estados incomuns de consciência, manifestados no Frater 132 durante o período de seu retiro deveriam ser registrados e comunicados a intervalos estabelecidos, ao seu Superior na Ordem.<sup>12</sup>

Aquela parte do Liber 132 que trata da habitação de Poderes não-humanos é de tal interesse — à parte o caso de Smith — que eu a reproduzo por inteiro:

“A palavra ‘deus’ implica num fato; não é questão de conveniência como quando os Efésios chamaram Barnabas de ‘Jupiter’ e Paulo de ‘Mercúrio’.

“A encarnação de um deus é um fato extremamente raro para se tornar conhecido embora freqüente o suficiente quando ele o faz secretamente ‘para tomar seu prazer sobre a terra entre as legiões dos viventes’. Sendo conhecido, é importante conhecer seu propósito, especialmente (como no caso presente) se o invólucro material foi tão perfeitamente construído que ele mesmo não está perfeitamente ciente disso.

“Deve-se distinguir tais casos muito com muita esperteza daqueles fenômenos — tão comuns nestes dias que constituem uma apreciável percentagem da população que exerce notável influência sobre a sociedade — da encarnação de elementais.

“Nem deve um deus ser aqui confundido com um demônio ou anjo, mesmo que sua função prove, no todo ou em parte, ser aquela de um anjo ou mensageiro (cf. O Livro da Lei I, 7: não há razão para supor que Aiwaz e, ou não é, um homem vivo).

“Por ‘deus’ deve ser entendido um indivíduo macrocósmico completo em contraste com elementais-humanos que encarnam inteligências parciais-planetárias ou zodiacais<sup>13</sup> desde grau mais alto ou mais baixo nas Hierarquias Yetziráticas<sup>14</sup>; tais como são as salamandras, ondinas, silfos e gnomos em forma humana.

12 Seu superior nessa época era Frater Saturnus, Karl J. Gerner, que se tornou o herdeiro legal de Crowley em 1947.

13 Para a teoria geral, o estudante deve se referir à Criança da Lua.

14 Yetzirah, o Mundo da Formação no Sistema Cabalístico, equivalente ao Plano Astral.

“É de primordial importância para aqueles que desejam colher plenos benefícios da curta permanência de tal Rei neste planeta, que eles entendam sua natureza; eles devem saber o seu nome! Determinar sua identidade é uma tarefa de notável magnitude...

“Deve ser, portanto, sua tarefa primordial, reconhecer a si mesmos. Com este propósito em vista ele precisa antes de tudo retirar-se completamente de ocasiões posteriores de contaminação; e ele precisa divisar a si mesmo... um método verdadeiro de auto-realização.

“Não é necessário que o deus tenha encarnado no momento (ou antes) do nascimento de Wilfred T. Smith. Um momento possivelmente tão significativo pode ter sido o Solstício de Verão de 1916, ou durante o Inverno de 1906 quando terríveis forças foram colocadas em movimento pelos Chefes da Ordem.<sup>15</sup>

“A Criança (isto é, o ‘deus’) pode ter sido criado pelo Trabalho de Paris (janeiro, 1914) ou como o resultado de algumas das imensas evocações Enochianas: no último caso o nome do deus em questão pode ser achado nas Torres de Vigia do Universo,<sup>16</sup> sua natureza poder ser determinada pela análise dos quadrados concernentes. Uma outra possibilidade sugerida pela residência do Frater 132 é a de que um dos deuses ‘Índios Vermelhos’ aborígenes pode ter aproveitado a oportunidade de alguma forma oferecida pelo estado do Frater 132 naquele momento...

“Frater 132 tem que reconhecer e proclamar sua identidade e função tanto quanto o Frater 666 o observa à luz do que é falado dele no Livro da Lei. Ele deve ser capaz de dizer simplesmente: Eu sou Apu-T ou Kebeshnut ou Thoum-aesh-neith,<sup>17</sup> ou conforme for o caso. Não servirá ao propósito presente aceitar Asar ou Ra ou um dos deuses universais tais como os homens são, em um certo sentido, suas encarnações.”

Mais adiante, no mesmo Liber, Crowley alude a obsessões mágicas que ocorreram a vários Adeptos que ele tinha conhecido no passado; Frater Lampada Tradam,<sup>18</sup> por exemplo, “que se tornou, por períodos, (em uma ocasião, estendeu-se por onze dias), o veículo de tais deidades como Isis, Jupiter e Pan; também de obsessores demoníacos que foram naturalmente exorcizados sem demora, mas freqüentemente com extrema dificuldade.”

Nestas ocasiões, Neuburg era privado de todas as suas características humanas; ele perdia a consciência do mundo à sua volta e ficava como que imerso em algum mundo interior, consoante com a natureza da deidade obsessora. Ele manifestava as qualidades da deidade “em perfeição singular, imaculado, inalterado por qualquer externalização corporal do veículo.”

15 Crowley se refere aqui à A}A}.

16 As Tabuletas Elementais usadas nas Invocações de Dee e Kelley. Veja O Equinócio, vol. I. nos. vii, viii.

17 Deuses egípcios dos Elementos.

18 Victor B. Neuburg.

Por outro lado, Smith, quando obsidiado pelo deus desconhecido, tornava-se inquieto, raivosos, quase animal, como se “o deus aprisionado estivesse irritado com seu confinamento básico.”

Smith, de fato, exibia, todos os sintomas de ressurgência atávica que Austin Spare descreveu tão bem.<sup>19</sup> Talvez fosse devido a isso, e não a qualquer defeito no ritual que ele usou durante seu



Retiro Mágico, que Smith falhou em descobrir a natureza do deus em seu interior. De fato ele falhou. Numa carta a Crowley, ele lamenta sua falha:

“Mal iniciado, mal sustentado, mal terminado. O escrínio está desolado com o divino; sempre estive; e eu estou completamente vazio, tanto assim, que eu não sei se eu escrevo acuradamente sobre mim mesmo. De fato, eu não sei nada, de todo. Não tenho nada, não sou nada...”

“O pior de tudo é que eu ainda tenho alguns anos à frente e a perspectiva de viver comigo mesmo é — eu lhe asseguro — nada agradável. Pois eu nada posso ver além de meu cérebro que continuará a me fustigar até que eu vá dormir de uma vez por todas. Eu entendi mal o seu modo de lidar comigo por todos esses anos, e não estou melhor informado neste momento.”

Smith, como todos os mágicos engajados num Retiro Mágico, tinha um espírito familiar ou servidor para tomar conta de suas necessidades corporais. Neste caso o familiar era Irmã Grimaud ou Helen Parsons, a quem ele tinha seduzido anteriormente. Jack Parsons havia cessado de enviar dinheiro a Helen porque ele tinha perdido todos os seus bens para um trapaceiro de confiança que tinha rastejado seu caminho até a O . T . O . na pretensão de estar interessado em Magia.

Smith se contorce numa nota de desespero em sua última carta a Crowley:

“Tudo parece estar acontecendo em conjunto. Grimaud não pode enviar mais nenhum dinheiro. Grimaud está fugindo. Isto e o duro golpe da morte de Regina <sup>20</sup> ocorreram em um ou dois dias. Mas acima de tudo eu sinto ter atirado em minha cabeça, tal como ela era, e perdido o rumo.

“Do absoluto estado de desolação no qual eu comecei, que durou meses, eu estou contente em dizer que muito recentemente a alegria em algumas obras-primas retornou a mim. Eu esperava nunca mais escrever a você; mal sei porque o faço. Mas há um sentimento de que se deve uma carta a um cavalheiro quando se falha em ir a um jantar de noivado. Além do mais, eu não acho que conseguiria que Grimaud lhe escrevesse isso; ela se recusa firmemente a aceitar minha visão negativa deste Grande Retiro Mágico. Você deve estar tão habituado às falhas dos discípulos que apenas mais um não o surpreenderá...”

19 Veja os Capítulos 11 e 12.

20 Regina Kahl foi a amante de Smith antes de Helen.

Smith era um Deus? Nunca o saberemos.

O caso de John (conhecido como Jack) W. Parsons (Frater 210) e, talvez, mais estranho ainda. Imbuído da idéia do Homem Majestoso, como esta expressão é conhecida no Culto de Thelema, Parsons devotou suas não insignificáveis energias, físicas e intelectuais, à descoberta da Verdadeira Vontade.

Nascido em 2 de outubro de 1914, em Los Angeles, ele viveu uma infância solitária, devido, em parte, ao casamento desfeito de seus pais. Ele passou uma grande parte de sua juventude lendo e sonhando acordado e nutrindo um grande ressentimento por toda interferência, especialmente da espécie que posava como “autoridade”. Ele desenvolveu fortes tendências revolucionárias e quando ele encontrou os escritos de Crowley — os quais ele encontrou primeiro através de Wilfred T. Smith — ele foi instantaneamente vivificado pela significância de Thelema. Ele se

juntou à Loja Agapé de Smith (O . T . O .), e ao mesmo tempo, tornou-se um aprendiz, 10<sup>à</sup>, da A} A} .

Logo depois, Helen Parsons teve uma criança com Smith, e por causa disso Parsons dirigiu suas afeições à irmã mais nova de Helen, Betty, que se tornou sua amante e parceira de magia nas Cerimônias da Loja Agapé.

Enquanto Parsons estava entretido com estes assuntos um certo Frater X apareceu em cena, e tal foi a sua fascinação que Parsons — que tinha ganho admissão aos mais altos graus da O . T . O . — foi persuadido a quebrar seu Juramento de Sigilo e X veio a Ter os segredos da Ordem embora ele não fosse em tempo algum propriamente iniciado. Estes segredos compreendem as técnicas psico-sexuais e mágicas às quais já foram feitas referências. <sup>21</sup>

Frater X então persuadiu Parsons a formar uma Aliança Tripartite com Betty e ele mesmo. Este Acordo foi chamado “Empreendimentos Aliados”. Parsons colocou a parte do leão em dinheiro, Frater X contribuiu com uma mera soma simbólica e Betty, com nada. Parson foi então persuadido a vender a propriedade que constituía o quartel-general da Loja Agapé, e — em seguida — mais o dinheiro investido no “Empreendimentos Aliados” — Frater X e Betty fugiram, deixando Parsons com a impressão de que pretendiam comprar um iate o qual eles eventualmente venderiam para a vantagem dos três.

O iate foi devidamente comprado, mas ao invés de retornar para a Califórnia, Frater X e Betty velejaram em torno da Costa Leste juntos, “vivendo a vida de Riley”, como um membro da Ordem o expressou graficamente.

Numa carta a Crowley datada de julho, 1945, Parsons escreveu:

21      Veja, em particular, o Capítulo 2, supra.

“Há mais ou menos três meses atrás eu conheci X, um escritor e explorador de quem eu havia sabido há algum tempo... Ele é um cavalheiro (sic!); cabelos vermelhos, olhos verdes, honesto e inteligente, e tornamo-nos grandes amigos. Ele se mudou para minha casa há dois meses atrás e embora Betty e eu sejamos ainda amigos, ela transferiu sua afeição sexual para ele.

“Embora ele não tenha nenhum treinamento formal em Magia ele tem um montante extraordinário de experiência e entendimento neste campo. De algumas de suas experiências eu deduzo que ele esteja em contato direto com alguma inteligência mais alta, possivelmente seu Anjo Guardião. Ele é a pessoa mais Thelêmica que já conheci e está de completo acordo com nossos princípios. Ele também está interessado em estabelecer o novo Éon, mas por razões irrefutáveis eu ainda não o apresentei à Loja.

“Nós estamos arrecadando nossos recursos numa parceria que atuará como uma companhia limitada para controlar os nossos negócios. Eu acho que tive um grande ganho e como Betty e eu somos os melhores amigos, há poucas perdas. Eu gostava dela profundamente, na verdade, mas eu não tenho vontade de controlar suas emoções, e eu espero poder controlar as minhas.

“Eu preciso de um parceiro mágico. Tenho muitos experimentos em mente... A próxima vez que eu me ligar a uma mulher, será nos meus próprios termos.”

Sua esposa, Helen, tinha sido furtada por Smith; agora Frater X havia roubado sua amante. Tendo perdido a confiança nas mulheres, Parsons decidiu atrair um Espírito Elemental para tomar o lugar de Betty e assisti-lo em seus trabalhos mágicos.

As instruções que acompanham o Oitavo Grau da O . T . O . contêm métodos para evocar um Elemental ou espírito familiar. Diz-se ser um trabalho fácil atrair tal espírito por que as almas dos Elementais desejam constantemente ser absorvidas no ciclo da evolução humana, sendo este o único meio pelo qual eles podem alcançar a salvação e a perpetuidade da existência. Ao serem apropriados por um organismo humano, o elemental finalmente se torna absorvido no princípio imortal do homem. Crowley aplica razões similares à prática de comer animais: “Nós temos o direito de comer animais”, ele diz, “porque é a coisa mais delicada que podemos fazer a eles. Então, e somente então, poderemos habilitá-los a preencher sua ambição construindo sua estrutura dentro da de um organismo mais aprimorado”.

A respeito de chamar um Espírito Elemental, o Adepto é advertido em vários pontos:

- “(1) Que ele escolha sabiamente uma alma razoável, doce, apta, bonita e de todas as maneiras, digna de amor.
- “(2) Que ele não se aparte do amor da Grande Deusa pelo amor deste inferior, mas dê apenas como um mestre e de sua misericórdia, sabendo que isto também é serviço à Deusa.
- “(3) Que de tais espíritos familiares ele tenha apenas quatro. E que o deixe regular o serviço deles, apontando hora para cada tarefa.
- “(4) Que ele os trate com delicadeza e firmeza, estando de guarda contra seus truques.

“Estando dito isto, é o suficiente; pois para tê-los há que ter forças para extraí-los de suas casas. E os Espíritos das Tabuletas Elementais dadas pelo Dr. Dee e Sir Edward Kelley são os melhores, sendo muito perfeitos em sua natureza e fiéis, afeiçoados à raça humana. E se não tão poderosos quanto, são menos perigosos dos que os Espíritos Planetários; pois estes são mais impetuosos e são afligidos e perturbados por estrelas desastrosas.

“Chame-os portanto pelas Chaves de Enoch conforme está escrito no Livro que você conhece; e que haja após as Chamadas uma Evocação pela Vara; e deixe a essência da Vara ser preservada dentro das pirâmides das letras que constróem o nome do Espírito...”

Em janeiro de 1946, Parsons escreveu outra vez para Crowley e se referiu às operações que ele havia desempenhado: “Eu tenho seguido diligentemente as instruções do VIII<sup>o</sup> como (a) criação de novas ordens de seres com imagens de talismãs consagrados. Possível resultado em conexão: aumento em produção de escrita; (b) Invocação da Deusa Mãe, usando o chamado do Sacerdote na missa e uma taça de prata como talismã; algumas vezes usando poesia adequada tal como Vênus. Possível resultado em conexão: perda da afeição de Betty como preliminar para (c) Invocação do Elemental do Ar Kerub... na Tabuleta Enochiana do Ar.”

Ele continuar dando detalhes do rito que ele usou; terminava com um comando de que o Espírito aparecesse em forma humana visível diante dele, como um espírito familiar e como um companheiro.

Parsons reconheceu um possível resultado conectado da Operação na forma de uma tempestade de vento - pois os primeiros três dias de Trabalho com a Tabuleta do Ar - foram excessivamente violentos e "não naturais". Ele diz que embora ele tivesse dedicado toda a sua vontade e conhecimento científico ao correto desempenho do rito, "nada parecia ter ocorrido. A tempestade de vento é muito interessante, mas isto não foi o que eu pedi."

Seu desapontamento era um pouco prematuro, entretanto, pois alguns dias mais tarde ele escreveu:

"Um incidente interessante. Frater X tentou escapar-me velejando às 5:00 da tarde, e eu desempenhei uma completa invocação a Bartzabel 22 dentro do Círculo às 8:00 da noite. Ao mesmo tempo, tanto quanto eu posso saber, seu navio foi atingido por uma súbita rajada de vento fora da costa que rasgou suas vela e forçou-o a voltar ao porto, aonde eu tomei o barco em custódia. Não estou muito impressionado, mas é interessante."

Ainda não sendo o resultado desejado, mas devido ao acima descrito, ele foi capaz de dizer a Frater X e a Betty:

"Eu os tenho bem comprometidos; eles não podem mover-se sem ir para a cadeia. Entretanto, eu receio que a maior parte do dinheiro já tenha sido dissipada. Eu terei sorte se salvar 3 ou 5 mil dólares."

Então, em 23 de fevereiro de 1946, Parsons escreveu triunfantemente a Crowley:

'Eu tenho meu Elemental! Ela apareceu uma noite após a conclusão da Operação e tem estado comigo desde então, embora ela vá embora para Nova Iorque na semana que vem. Ela tem cabelo vermelho e olhos verdes inclinados, conforme especificado. Se ela voltar ela será dedicada como eu sou dedicado! Tudo ou nada - eu não tenho outros termos. Ela é uma artista, mente forte e determinada, com características fortemente masculinas e uma fanática independência..."

O nome desta mulher era Marjorie Cameron. Ela se tornou a segunda esposa de Parsons e levou-o profundamente a águas ocultas de onde ele nunca emergiu. Crowley advertiu-o várias vezes do perigo que ele estava correndo; e numa carta a ele, datada de 31 de março de 1945, Crowley escreveu:

"Estou particularmente interessado no que você escreveu para mim sobre o elemental, porque há algum tempo atrás eu estava ensejando intervir pessoalmente neste assunto em seu lugar. Eu gostaria, entretanto, que você recordasse o aforismo de Lévi: 'O amor do Mago por tais coisas é insensato e pode destruí-lo.' Adverte-o de que por causa de sua sensibilidade ele deve estar mais em guarda do que a maioria das pessoas."

22 O Espírito de Marte. Veja O Equinócio I, ix, onde esta Invocação é descrita por inteiro.

Por esse tempo, Parsons - no curso de seu Trabalho Mágico - contatou uma Inteligência que iria romper inteiramente sua existência e que fez com que Crowley o anotasse como uma outra falha. Entre 2 e quatro de Março, Parsons registrou o que ele descreve como 'a mais devastadora

experiência da minha vida.' Eu acho que foi o resultado do IX<sup>o</sup> trabalhando com a jovem que respondeu aos meus chamamentos elementais.<sup>23</sup>

"Eu estive em contato direto com Um que é mais Sagrado e belo, mencionado no Livro da Lei. Não posso escrever seu nome no momento."

Ele recebeu certas instruções desta Inteligência, primeiro diretamente, depois através de Frater X, que retornara e que tinha sido perdoado. Frater X atuava como um vidente em diversas ocasiões quando Parsons contatou denizens de outras dimensões. Frater X declarou que ele estava protegido por um "Anjo", uma bela mulher alada com cabelo vermelho a quem ele chamou de A Imperatriz. Ele o guiava todo o tempo e - assim ele dizia - salvou sua vida em diversas ocasiões.

Wilfred T. Smith, após sua expulsão da O . T . O . , e sua falha em identificar o deus dentro dele, desenvolveu uma inimizade por Parsons e atacou-o astralmente. Em uma ocasião, Frater X, que não havia conhecido Smith, descreveu-o como vestido em um robe preto e tendo uma expressão malévola no rosto. Um perito em jogar facas, Frater X pregou a figura fantasma à porta com quatro facas. Mais tarde, na mesma noite, Parsons foi despertado por um sentimento de opressão. Ele ouviu um som distinto no quarto, embora ninguém além dele estivesse presente. Uma voz amortecida, mas metálica, gritou: "Deixe-me livre!" Parsons, lembrando os estranhos acontecimentos da noite, deu a Licença para Partir<sup>24</sup> e libertou o corpo astral de Smith das facas penetrantes.

Parsons esperava pelo resultado de sua iluminação secreta, que deveria ocorrer no tempo de nove meses com o nascimento de uma criança mágica "mais poderosa que todos os reis da Terra", como havia sido profetizado no Livro da Lei mais de quarenta anos antes. Ele acreditava que esta criança - e não Frater Achad - era a criança a ser destinada a liderar a humanidade para a verdadeira liberdade.

Parsons continuou a receber revelações através de seu elemental, a quem ele chamou de Babalon, a Mulher Escarlata, e tal era a coerência do material obtido do mundo espiritual que ele disse que isto constituiria em verdade o capítulo quarto e final do Livro da Lei.

Durante o recebimento destas comunicações, Parsons - reduzido à penúria pelo infatigável Frater X, - tinha estado a ganhar a vida trabalhando para uma companhia de construção de aviões. Ele escreveu a Crowley:

23 Isto é, Marjorie Cameron .

24 A Licença para Partir é dada ao Espírito antes de o Mágico baní-lo para a sua dimensão própria. Ver Magia, Capítulo xvii, para uma descrição desta operação.

"Faz agora quase um ano desde que eu escrevi pela última vez - naquela época eu estava perto de um colapso mental e financeiro. Desde aquele tempo eu tenho laboriosamente ganho algum tipo de equilíbrio mental e gradualmente recuperado algo de minha posição em meu velho campo numa grande companhia de construção de aviões. Meu único objetivo é reconstruir a mim mesmo."

Crowley, morrendo vagarosamente na Inglaterra, era incapaz de seguir as histórias sobre revelações e iniciações secretas demais e sagradas demais até mesmo para serem mencionadas. Ele respondeu, em 19 de abril de 1946:

“Você me fez ficar completamente confuso pelas suas observações sobre o elemental - o perigo de discutir ou copiar alguma coisa. Eu pensei que eu tinha a mais mórbida das imaginações, tão boa quanto a de qualquer homem, mas parece que não tenho. Eu não consigo formar a mais leve idéia daquilo que você possivelmente queira dizer.”

E para Karl J. Germer, seu braço direito na Califórnia, ele escreveu:

“Aparentemente ele, ou Frater X, ou alguém, está produzindo uma Criança da Lua. Eu fico realmente furioso quando contemplo a estupidez desse lótus.”

Não muito depois disso, Parsons fez o Juramento do Abismo. Ele adotou o nome mágico de Belarion, e em 1949 publicou O Livro do Anti-Cristo, que ele dividiu em duas partes: A Peregrinação Negra e O Manifesto do Anti-Cristo. Na primeira parte ele alude às suas lutas interiores e à provação da desilusão que ele sofrera no mundo exterior. Elas foram experimentadas por ele quando ele foi usurpado de sua fortuna, sua casa, sua esposa, sua amante; tudo o que ele possuía. Ele experimentou a Peregrinação Negra quando esta desilusão fez com que ele se desse conta da futilidade e da pouca permanência do fenômeno. Ele tinha a escolha entre a loucura, suicídio, e o Juramento do Abismo.

Sobrevivendo às provações, que o jogaram no Abismo por quarenta dias, ele fez o Juramento do Anti-Cristo antes de seu primeiro Superior na Ordem, Wilfred T. Smith. Em seu Manifesto ele se identifica pessoalmente com o anti-Cristo e declara guerra a “toda autoridade que não seja baseada na coragem e na humanidade,” e chama a atenção para “a autoridade dos sacerdotes preguiçosos, juízes coniventes, polícia chantagista.” Ele pediu mais tarde “um fim para a restrição e a inibição... conscrição, compulsão, regimentação e a tirania das falsas leis.” Ele dizia que iria trazer para todos os homens a Lei da Besta 666: “E em Sua Lei eu conquistarei o mundo.”

Apesar destas falsas intenções, outros propósitos - mais esotéricos - foram declarados no Manifesto que revela Parsons como um ardente advogado da total liberdade e um devoto leal embora um tanto fanático dos princípios Thelêmicos de Crowley. Se ele tivesse vivido ele estaria sem dúvida entre os principais lutadores pela liberdade individual.

Nas instruções rituais que ele recebeu em conexão com o Livro de Babalon, que formava, assim ele dizia, o quarto Capítulo do Livro da Lei, aparecia o seguinte:

“Ela é a chama da vida; o poder da escuridão; ela destrói com um olhar de relance; ela pode tomar a alma. Ela se alimenta da morte dos homens.

Concentrem toda a força e existência à Nossa Senhora Babalon. Acendam uma única luz em Seu altar, dizendo que a Chama é nossa Senhora; chama é o seu Cabelo. Eu sou chama.”

Não foi muito depois do Trabalho de Babalon que Parsons tropeçou num frasco de fulminato de mercúrio, e foi em verdade devorado por chamas. <sup>25</sup>

Os escritos de Parsons mostram que ele tinha os feitos de um verdadeiro mágico. Apesar de sua correspondência com a Mulher Escarlate, que é de grande interesse tanto mágica quanto psicologicamente, ele deixou alguns ensaios sobre Magia que merecem ser preservados de maneira permanente.

É uma pena que Crowley estivesse muito doente para apreciar a situação e suas implicações. Ele morreu em Hastings em 1947 antes que o primeiro ato do drama na Califórnia tivesse se desenrolado. Ele encarava Parsons como mais uma falha, e escreveu a respeito a Karl Germer em 31 de maio de 1946. Suas observações foram lembradas pela reparação em cena de Frater Achad, que escrevera a Germer com rela o a uma série de inicia es que ele (Achad) estava experimentando naquela época.:

“Obrigado pela sua Carta de 23 de maio incluindo uma carta de Frater Achad.   muito bom que ele venha engatinhando de volta   forma de penitente após trinta anos, mas eu não vejo como isto vai adiantar para o tempo que ele desperdiçou em sua insana vaidade e você poderia bem fazê-lo ver este ponto de vista.

Estou contente que sua submissão tenha se dado nesse momento, porque seu caso se mostra muito útil para citar ao discutir o caso de Jack Parsons...

“A questão de Frater 210 (isto  , Parsons) me parece muito típica. Ele me lembra um caso - embora ele esteja num plano muito inferior ao deles - de dois homens que se juntaram   Ordem logo após eu t -la assumido: ambos os casos parecem-me ter uma certa significância se aplicados   presente posi o de Frater 210.

“Ambos <sup>26</sup> os casos eram parecidos nisto - que após um curto período de treinamento ambos tinham mais do que preenchido sua promessa anterior; eles podiam reivindicar não apenas o atingimento mas a completeza - e isto em degrau não menor. Eu sinto muito que não haja possibilidade de fazer similar afirma o quanto a Frater 210.

25 Uma descri o de sua morte apareceu em O Independente, um jornal publicado em Pasadena, Califórnia, em 19 de junho de 1952.

26 Os dois homens a quem Crowley se refere são Frater Achad (Charles Stansfeld Jones) e Frater Lampada Tradam (Victor B. Neuburg).

“O mais velho dos dois homens <sup>27</sup> fez precipitadamente o juramento de Mestre do Templo. Ele deve ter falhado em expelir a última gota de sangue na Taça de Nossa Senhora Babalon, para, comparativamente, poucos meses depois ele ter uma inicia o por sua própria conta e tão maravilhosa que superou nosso próprio trabalho conjunto. Era decerto, muito sagrado para ele para dar sequer uma pequena pista de sua natureza.

“Qual foi o resultado? Naquele momento sua realiza o parou; sua completeza parou; ele nunca produziu nada depois daquela hora que merecesse um momento de considera o. Agora, trinta anos depois, ele se deu conta de seu erro, ele engatinhou de volta em penitência, mas isso não o fará recuperar a lacuna de trinta anos de desperdício.

“O segundo caso foi realmente mais simples. Agora, sua realiza o e sua completeza estavam inteiramente numa classe mais alta do que a do outro homem. Mas o que aconteceu a ele? Ele se colocou entre as garras de um vampiro.

“O resultado foi idêntico; daquele momento em diante sua realiza o parou; sua completeza parou; ele viveu uma vida miserável - a vida de um escravo sob a influência desta pálida mulher

mais velha, e há uma meia dúzia de anos atrás, a morte o libertou de seus sofrimentos, isto é, sofrimentos daquela natureza.

“Parece-me, pela informação de nossos Irmãos na Califórnia (se pudermos assumir que elas são acuradas) que Frater 210 cometeu ambos os erros. Ele conseguiu uma iluminação miraculosa que rima com nada, e ele perdeu aparentemente toda a sua independência pessoal. Pela descrição de nossos irmãos 28 ele deu ambos, sua garota e seu dinheiro - aparentemente é o usual truque da confiança.

“Naturalmente, eu preciso suspender qualquer julgamento até que eu tenha ouvido o seu lado da história, mas ele me prometeu há muito tempo atrás escrever-me uma completa explicação e até agora não recebi nada dele...”

O poeta, Victor Neuburg; o soldado, J. F. C. Fuller; o matemático, Norman Mudd; o Filho Mágico da Besta 666, Charles Stanfeld Jones; o pedreiro de Lancashire, Frank Bennet; o ritualista Wilfred Smith; o cientista, John Parsons, são uns poucos dos muitos que tentaram - e tentaram de todo coração - descobrir a identidade do Deus Oculto, descobrir sua Verdadeira Vontade e colocar sua descoberta em algum uso. Destes poucos, talvez Norman Mudd e Stanfeld Jones tenham chegado mais perto da consecução de seus objetivos. Ele chegaram deveras perto do entendimento essencial da doutrina de Thelema,, conforme está provado na volumosa correspondência entre Crowley e Mudd, e nos trabalhos publicados e não publicados de Frater Achad.

28 Este irmão era Louis T. Culling. Ele escreveu vários livros sobre Magia.

Crowley, ele próprio, a maior esfinge de todos - até mesmo para si próprio - não viveu para ver sua Vontade prevalecer em termos de aceitação pela humanidade da Lei de Thelema. Dentro dele, o constante conflito entre Magia e Misticismo nunca foi inteiramente resolvido e gradualmente aumentaram o abismo entre sua experiência interior da Verdade e o apelo do Cosmos exterior do qual ele tentou tão corajosamente transmitir o fogo de seu imenso fervor. Ele era um Avatar de coração, e, apesar de todos os seus protestos, o caminho do Tau<sup>29</sup> lhe trouxe inevitavelmente o Caminho do Tao.

29 Como o autor anônimo de O Cãnone mostrou: “Qualquer escolar sabe que a letra Tau, ou cruz, era o emblema do Falo.



## DION FORTUNE

(DESENHO)

Um dos membros do Stella Matutina (o Madrugada Dourada) formou uma organização oculta que tinha muitos pontos de contato com o Culto de Crowley. Esta foi Violet Mary Firth (1891 - 1946), mais tarde conhecida como Dion Fortune.

Ela era de origem escandinava. Saudável e forte de físico ela tinha a coragem e a determinação de seus ascendentes Nórdicos, embora pessoalmente ela tenha vindo de uma parte de Yorkshire que uma vez fora possessão dos dinamarqueses. Ela era aparentada com a família Firth, conhecida como "Aço Inoxidável." Diz-se que um retrato de seu avô numa moldura deste metal estava pendurado numa das salas da diretoria da Firth - Companhia de Aço Inoxidável; e aço inoxidável descreve seu caráter e seus atributos admiráveis.

Eu conheci Dion Fortune enquanto eu estava com Crowley nos anos quarenta, estudando magia e atuando como seu fâmulos. Eu vi muitas das cartas que Crowley escreveu para ela e recebeu de Dion Fortune, e uma em particular permanece na mente mais vividamente do que o resto. Nela, Fortune pedia a Crowley um conselho sobre um procedimento ritual num sacrifício de sangue que envolvia dois jovens galos. Eu não sabia, àquela época, que Fortune estava obcecada (mais do que muitos ocultistas) pela idéia do sakti (poder) - não o poder comum ou idéia caseira de poder no sentido de auto-engrandecimento pela agressão e opressão, ou as formas menos perniciosas e ainda mais comuns dele como uma interferência dominante nos negócios dos outros, mas Poder no sentido que se pode dizer para espreitar lugares e pessoas, freqüentemente numa forma latente. Muitos dos contos de Fortune referem-se a pessoas, que, não se dando conta de seu potencial para o trabalho oculto, vivem vidas monótonas, frustradas, vazias, até que um incidente ocasional - agradável ou desagradável, espantoso ou trivial - abre a câmara dentro deles; e ela tinha um grande interesse em lugares e suas ligações com antigos e esquecidos ritos desenvolvidos por povos há muito extintos, lugares que ainda respiravam a atmosfera palpável da alma sensitiva.

Uma infância infeliz foi responsável por afastá-la de seus iguais. Ela era uma órfã possuidora de uma constituição altamente sensitiva que a fazia receptiva às auras de lugares e pessoas, tanto que, quando jovem, ela era introvertida e tendia a prolongados períodos de sonhar acordada. Ela foi criada numa casa onde os dogmas da Ciência/cristã eram não apenas defendidos mas rigorosamente praticados e suas primeiras idéias foram pesadamente tingidas com os ensinamentos de Mary Baker Eddy. De fato, Fortune admitia que ela devia o longo interesse de sua vida por estranhos poderes da mente ao contato muito cedo com estas idéias e similares.

Sua tendência para ficar absorta causou alguma preocupação a seus guardiães, mas foi durante estes turnos de fantasias que ela desenvolveu os poderes notáveis que manifestou mais tarde. A imaginação representa um papel dominante no ocultismo; Fortune aprendeu a fazer uso dos devaneios e ao controlar seus sonhos acordada, desenvolveu o poder de influenciar eventos objetivos. Ela descobriu que ao adotar uma prática semelhante àquela ensinada por Santo Inácio de Loyola, ela podia explorar o plano astral penetrar no interior de regiões normalmente inacessíveis. Em seus contos, O Deus de Pé de Cabra e O Touro Alado, ela mostra muito claramente o mecanismo do "sonhar verdadeiro."

No seu vigésimo ano ela sofreu uma experiência traumática que determinou o curso de sua vida. Aconteceu enquanto ela estava trabalhando num estabelecimento educacional. Seu empregador, a diretora do estabelecimento, era uma mulher dominadora e inescrupulosa de uma disposição particularmente malévola que tinha vivido na Índia por muitos anos. Quando alguém a antagonizava, ela respondia dirigindo uma corrente de energia maligna que agia como ácido no objeto de seu ataque. Apenas um ataque violento destes foi suficiente para reduzir Fortune a um estado de total prostração, que esgotou-a mental e fisicamente. Como ela recuperou seu equilíbrio e vitalidade é contado no seu livro *Auto Defesa Física*. Foi esta experiência crítica que a induziu a estudar psicologia analítica, para juntar-se à Sociedade Teosófica e devotar-se ao ocultismo.

Ela fez cursos de psicologia e psicanálise na Universidade de Londres e em 1918 ela se tornou uma psicoterapeuta leiga na Clínica East London. Por algum tempo ela foi exclusivamente influenciada pelas doutrinas de Aveling, mas seu interesse nelas desapareceu gradualmente e ela ficou absorvida com as teorias de Freud, Jung e Adler.

Enquanto as estudava, Fortune notou a forte conexão entre certos estados psicossomáticos e aqueles descritos pelos ritualistas dos tantras orientais e as tradições cabalísticas do Ocidente. Ela se deu conta de que a Mulher, considerada no Ocidente como sendo o aspecto negativo ou passivo da Energia Criativa, era, ao contrário, o despertador dinâmico da corrente solar-fálica, e como tal o fator que tornava o macho positivo.

Ela projetou rituais, escreveu contos, e, certa vez, uma peça que foi com efeito o Rito de Isis que encenava o eterno drama da polaridade entre os modos macho-fêmea do Fogo Criativo.

Em 1919, Fortune ligou-se à Madrugada Dourada, ou A(lfa) e O(mega), como era então chamada. A Loja à qual ela se ligou era chefiada pelo ocultista J. W. Brodie Innes, um escritor realizado que havia produzido vários contos e ensaios tratando de Feitiçaria e Montanhas Mágicas. Fortune o tinha em grande estima e aprendeu com ele os procedimentos corretos do ritual mágico.

Em 1920, ela deixou a Loja e ligou-se ao Templo de Londres da Madrugada Dourada, operado por Moina Mathers, a irmã de Henri Bergson e viúva de S. Liddell MacGregor-Mathers, que morreu em uma epidemia de gripe após a Primeira Guerra Mundial.

A escaramuça com sua empregadora no estabelecimento educacional tinha danificado tão seriamente o corpo etérico de Fortune que ele se havia “fendido”. Brechas no revestimento etérico levaram à perda de energia em todos os planos, e foi somente quando ela recebeu a iniciação na Madrugada Dourada que o dano foi reparado.

Apesar disso o sofrimento impingido pelo mágico negro conduziu a um grande bem, pois ele a levou a estudar os diagnósticos e descobrir curas para ataques psíquicos e ocultos em geral. Ela publicou suas pesquisas em *Auto Defesa Psíquica*, um livro único em sua espécie, cheio de observações profundamente penetrantes sobre o submundo da magia negra e a sórdida terra interior do pseudo ocultismo. Suas faculdade mediúnicas estavam se desenvolvendo rapidamente e ela era capaz de fornecer exemplos em primeira mão de suas próprias experiências nos planos invisíveis que ela explorava regularmente.

Fortune casou-se com um médico altamente qualificado chamado Penry Evans. Foi a combinação do conhecimento deles - o dele sobre a mente e o dela sobre a alma - que resultou no nascimento da Fraternidade da Luz Interior que ela fundou com a intenção de reviver aspectos particulares da Adoração Antiga. A doutrina da polaridade sexual era o núcleo do Culto. Ela e seu marido trataram casos de obsessão, personalidade dupla, esquizofrenia e uma variedade de doenças

mentais. Eles curaram casos de colapso nervoso aparentemente sem esperança, causados por possessões demoníacas, e baniram entidades obsessoras de volta para suas próprias moradias. Estes e masi outros casos similares formaram a base de Os Segredos do Dr. Taverner, uma coleção de histórias de terror de notável poder, publicado primeiramente em 1926.

Os dois contos de Fortune, A Sacerdotisa do Mar (1938) e Lua Mágica (publicado postumamente em 1956) tratam do renascer do Paganismo num mundo que perdera contato com as forças elementais da Natureza que contribuem para a vida criativa. Mas não é a Isis da Natureza simples, não regenerada, do prazer primitivo, emocional e sensual, mas o poder de Nu, ou Isis Negra, a essência primordial da Mulher (sakti) em seu aspecto dinâmico. Combinada com seu complemento masculino, despida dos acréscimos da civilização pela realização das divindades inerentes, este sakti é capaz de efetuar profundas transformações na consciência humana. A Isis Negra destrói tudo o que não é essencial e obstrutivo ao desenvolvimento da alma. Ela é o poder que libera o espírito do homem dos confinamentos da experiência limitada.

A base do trabalho de Fortune envolve o trazer à manifestação deste sakti pelo intercâmbio controlado da polaridade sexual incorporada no sacerdote (o macho consagrado) e a fêmea especialmente escolhida. Juntos, eles encenam i Rito imemorial e isto forma um vórtex no éter, sob o qual as tremendas energias da Isis Negra entram em manifestação.

Fortune morreu na firme crença de que seu trabalho formaria um núcleo que ajudaria os Antigos Mistérios a operar livremente mais uma vez.

Seu Superior Imediato na Madrugada Dourada era uma mulher notável chamada “Maiya” Tranchell-Hayes, mais tarde, Sra. Curtis-Webb. Foi a ela que Fortune retratou como a super-feiticeira magnética, antiga e no entanto sem idade, Vivian le Fay Morgan, nos dois contos mencionados acima. Uma personalidade dominante, Maiya Tranchell-Hayes era discípula do ocultista escocês J. W. Brodie Innes, e, quando Fortune a conheceu, era a viúva de um eminente psiquiatra que dirigia um asilo de lunáticos perto de Northampton. Como Dion Fortune, Maiya também tinha estudado de perto as várias formas de distúrbios mentais tratados por seu marido.

Fortune tinha um relacionamento muito íntimo com esta mulher e tal era a notoriedade do comportamento de Maiya, em certos assuntos, que Crowley foi tentado a compor uns versos líricos e cáusticos, dos quais as últimas linhas dizem assim:

A Sra. Webb faz o que pode,  
Como uma luxuriante Lésbica,  
Para transformar a rapariga em Safo,  
Que nunca trota em Picadilly ;  
Garota com garota e homem com homem,  
Fazem parte de seu plano padrão;  
Rapaz para moça e moça para rapaz,  
(Pão com pão somente, é ruim);  
Assim as mudanças que ela precisa trocar,  
Se os Anjos tiverem que cantar.  
Aristo e a plebe pútrida,  
Haridan e a graciosa Deb.,  
Não há nunca alguém que perca a teia.

Embora ela tenha sido um tanto reclusa em seus primeiros anos, Fortune mudou seu modo de vida com o evento da Segunda Guerra Mundial. Ela conheceu uma quantidade mais variada de pessoas; não era tão exclusivista quanto costumava ser e freqüentava a sociedade quase

despreocupadamente , organizando grupos de trabalho de uma maneira que ela nunca tinha feito durante os dias em que os membros de sua Fraternidade costumavam se reunir no número 3 Queensborough Terrace no distrito de Bayswater no Hyde Park. Aquela casa continha quartos dedicados - cada um a seu modo - a um aspecto particular dos Mistérios Antigos. Havia até mesmo um lugar à parte para o estudo do Cristianismo Místico, com ênfase especial nas lendas Arturianas e do Graal. Mas era tudo muito fechado, até a mudança que modificou sua personalidade. Seus quartos tornaram-se exóticos ao extremo, com cortinas de seda pesada e com estranhas tapeçarias nas paredes. Uma jovem, estranhamente vestida, servia chá e bolos, estranhos e pequenos bolos simbólicos que tinham à sua volta uma aura indefinível, sugestiva de especiarias e drogas do Oriente. Fortune usava ricas jóias sob um manto flutuante e nas raras ocasiões em que ela saía, usava um chapéu largo e negro do qual seu cabelo brilhante como o sol algumas vezes se sobressaía e cercava sua cabeça como um nimbo dourado. Sua personalidade continha mais do que um traço de exibicionismo, fortemente remanescente de Crowley, e perto do fim de sua vida ela colecionou à sua volta um estranho sortimento de talismãs e de bagagem mágica; ela queimava estranhos perfumes em curiosas bacias de caça feitas de metais brilhantes. Sua tarde passada no Hyde Park foi feita com a capa volumosa que recordava os anúncios do Porto de Sandeman. Ela descreve a heroína de Lua Mágica vestida de maneira similar enquanto passeava pelas margens místicas do Tâmis. De outra vez, como Crowley na ocasião de sua fantástica marcha ao longo de Bond Street vestido em trajes completos das montanhas e com um espadão escocês incrustado, ela imaginava que passava despercebida nestes passeios casuais!

Fortune chegou - por intermédio da Tradição Escocesa Ocidental - à conclusões similares àquelas dos Tântricos com relação à interpenetração dos poderes sutis da mente e do corpo. Ela sabia que os chacras, as zonas de energia mágica no homem, estavam situados em regiões do sistema endócrino, dentro da teia altamente complexa da anatomia nervosa do homem. Ela também sabia que a cirurgia tinha freqüentemente liberado ou descerrado, células de energia no cérebro que traziam de volta eventos passados que podiam ser revividos com a completa e vívida experiência atual e imediata.

Em seus contos esta faceta de seu conhecimento é trazida mais freqüentemente do que quando os seus personagens não se submetem a um choque que libera uma cadeia de impressões do subconsciente que uma vez tinha sido consciente numa encarnação passada. Eles se tornam tão intensamente desiludidos através da mágoa e do sofrimento de uma ou de outra espécie, que suas mentes se voltam forçadamente para dentro de si. Esta introversão esconde as lembranças de encarnações prévias e o indivíduo ganha uma clara visão do propósito de sua vida presente e é capaz de agir com sabedoria. Assim, dos escombros da personalidade usual, Fortune mostrou um modo de sair do impasse de vidas desperdiçadas, remorsos e nostalgias, abrindo um caminho direto para a Verdadeira Vontade que permitia à alma saber o seu próprio passado e ser capaz de mapear seu futuro. O mecanismo de seus ensinamentos está claramente apresentado em seus contos e é o aspecto do seu trabalho que forma a mais definitiva ligação entre Crowley e Austin O. Spare, cujo sistema de feitiçaria será discutido com alguma extensão nas páginas seguintes.

